

Tradução

## **Estrada para Damasco**

August Strindberg

Tradução: Carlos Alberto da Fonseca

# Estrada para Damasco<sup>1</sup>

## Uma trilogia

August Strindberg  
Tradução: Carlos Alberto da Fonseca

### PARTE I.

#### PERSONAGENS:

ESTRANHO

DAMA

MENDIGO

MÉDICO

SUA IRMÃ

VELHO

MÃE

ABADESSA

CONFESSOR

PRIMEIRO CARPIDOR

SEGUNDO CARPIDOR

TERCEIRO CARPIDOR

GERENTE

CÉSAR

CRIADO

#### **SEM FALA:**

FERREIRO

MULHER DO MOLEIRO

ACOMPANHANTES DO FUNERAL

235

Tradução

---

1 Tradução a partir da versão inglesa de Graham Rawson, original sueco foi publicado em dois momentos: as duas primeiras partes em 1898, e a terceira em 1904. Na tradução seguiu-se o texto disponível no site do Project Gutenberg.

**CENAS:**

CENA I	A esquina da rua	CENA XVII
CENA II	A casa do médico	CENA XVI
CENA III	Quarto de um hotel	CENA XV
CENA IV	Na praia	CENA XIV
CENA V	Na estrada	CENA XIII
CENA VI	Na ravina	CENA XII
CENA VII	Numa cozinha	CENA XI
CENA VIII	O quarto “rosa”	CENA X
CENA IX	O Convento	

**CENA I**

## ESQUINA DE RUA

[*Esquina de rua com um banco sob uma árvore; perto dali, a porta lateral de uma pequena igreja gótica; também uma agência do correio e um café com cadeiras na calçada. O correio e o café estão fechados. Ouve-se uma marcha fúnebre, que fica mais alta e depois diminui. Um ESTRANHO está parado no meio-fio da calçada e parece não saber para onde ir. O sino de uma igreja bate primeiramente um quarto de hora e depois a hora cheia. São três horas. Uma DAMA entra e saúda o ESTRANHO. Vai passar por ele, mas para.*]

**ESTRANHO.** É você! Eu pressenti que você viria.

**DAMA.** Você queria que eu viesse: eu senti isso. Mas por que está esperando aqui?

**ESTRANHO.** Não sei. Tinha que esperar em algum lugar. Tenho que esperar em algum lugar.

**DAMA.** Quem você está esperando?

**ESTRANHO.** Queria poder lhe dizer! Durante quarenta anos fiquei esperando alguma coisa: acredito que chamem isso de felicidade; ou o fim da infelicidade. (*Pausa.*) Essa música terrível de novo. Ouça! Mas não se vá, eu lhe peço. Vou sentir medo, se você se for.

**DAMA.** Nós nos vimos ontem pela primeira vez; e conversamos durante quatro horas. Você conquistou minha simpatia, mas não deve abusar de minha gentileza por essa razão.

**ESTRANHO.** Sei muito bem disso. Mas lhe peço para não ir embora. Sou estranho aqui, não tenho amigos; e meus poucos conhecidos mais parecem ser meus inimigos.

**DAMA.** Você tem inimigos em toda parte. Está sozinho em todo lugar. Por que abandonou sua esposa e seus filhos?

**ESTRANHO.** Gostaria de saber. Gostaria de saber por que ainda vivo; porque estou aqui

agora; para onde eu poderia ir e o que poderia fazer! Você acredita que quem está vivo já pode estar condenado?

**DAMA.** Não.

**ESTRANHO.** Olhe para mim.

**DAMA.** A vida não lhe deu nenhum prazer?

**ESTRANHO.** Nenhum! Se alguma vez eu tivesse pensado desse jeito, seria apenas uma armadilha para prolongar minhas misérias. Se algum fruto maduro me caísse nas mãos, ele estaria envenenado ou podre no seu interior.

**DAMA.** Qual sua religião, se me perdoa a pergunta?

**ESTRANHO.** Apenas essa: que quando não puder mais suportar as coisas, então eu me irei.

**DAMA.** Para onde?

**ESTRANHO.** Para a aniquilação. Se não seguro a vida em minhas mãos, pelo menos seguro a minha morte... Isso me dá uma maravilhosa sensação de poder.

**DAMA.** Você está brincando com a morte!

**ESTRANHO.** Do mesmo modo que brinquei com minha vida. (*Pausa.*) Eu era escritor. Mas a despeito de meu temperamento melancólico nunca fui capaz de levar nada a sério - nem mesmo meus piores problemas. Às vezes eu achava que a própria vida tinha mais realidade que meus livros. (*Ouve-se um De Profundis vindo da procissão fúnebre.*) Estão voltando. Por que eles ficam indo e vindo nessas ruas?

**DAMA.** Você tem medo deles?

**ESTRANHO.** Eles me irritam. Este lugar deve estar enfeitiçado. Não, não é da morte que tenho medo, mas da solidão; morto não se está mais sozinho. Não sei quem está aqui, eu ou qualquer outro, e nem sei se está sozinho. O ar fica pesado e parece engendrar seres invisíveis, que possuem vida e cuja presença pode ser sentida.

**DAMA.** Você percebeu isso?

**ESTRANHO.** Durante algum tempo, percebi uma grande parte disso; mas não como costumava fazer. Antes eu apenas via objetos e acontecimentos, formas e cores, enquanto agora percebo ideias e sentidos. A vida, que antes não tinha sentido, começou a ter um. Agora eu vejo intenção onde só costumava ver casualidade. (*Pausa.*) Quando encontrei você ontem, senti que fui tocado em meu caminho, para me salvar ou para me destruir.

**DAMA.** Por que eu destruiria você?

**ESTRANHO.** Porque pode ser seu destino.

**DAMA.** Essa ideia nunca cruzou meu pensamento; foi muita simpatia que senti por você... Nunca, em toda minha vida, encontrei alguém como você. Basta olhar para você e as lágrimas começam a brotar nos meus olhos. Diga, o que você tem em sua consciência? Fez alguma coisa errada, que nunca foi descoberta ou punida?

**ESTRANHO.** Você pode perguntar o que queira! Não, não tenho em minha consciência mais pecados do que qualquer homem livre. Exceto esse: eu determinei que a vida nunca me fizesse de bobo.

**DAMA.** Mas é preciso ser um pouco enganado para se conseguir viver.

**ESTRANHO.** Isso parece ser uma espécie de obrigação; mas eu gostaria de me ver livre dela. *(Pausa.)* Eu tenho outro segredo. Murmura-se na minha família que fui uma criança trocada.

**DAMA.** Como assim?

**ESTRANHO.** Uma criança colocada por duendes no berço de um recém-nascido.

**DAMA.** Você acredita nessas coisas?

**ESTRANHO.** Não. Mas, como toda parábola, isso pode dizer alguma coisa a meu respeito. *(Pausa.)* Quando criança eu estava sempre chorando e não me parecia estar ocupando qualquer lugar na vida das pessoas. Eu odiava meus pais e eles me odiavam. Eu não seguia nenhuma convenção, nenhuma regra, nenhuma lei, e só queria me perder nas florestas e navegar em alto mar.

**DAMA.** Não recebia nenhuma ajuda de ninguém?

**ESTRANHO.** Nunca. Mas frequentemente pensava que dois seres guiavam meu destino. Um me oferecia tudo o que desejasse; mas o outro sempre estava atento para difamar meus dons com vilania, de modo que fossem inúteis para mim e não pudesse gozar deles. É verdade que a vida me deu tudo o que lhe pedi - mas tudo se tornou sem valor para mim.

**DAMA.** Você teve tudo e mesmo assim não estava contente?

**ESTRANHO.** Essa é a maldição...

**DAMA.** Não diga isso! Mas por que você não desejou coisas que transcendessem esta vida, que nunca pudessem ser conspurcadas?

**ESTRANHO.** Porque duvidava que houvesse um além.

**DAMA.** Mas e os duendes?

**ESTRANHO.** São só uma historinha de fadas. *(Apontando para o banco.)* Podemos nos sentar aqui?

**DAMA.** Sim. Quem você está esperando?

**ESTRANHO.** Na verdade, estou esperando o correio abrir. Tem uma carta para mim - o carteiro me procurou ontem mas não me encontrou. (*Sentam-se.*) Conte alguma coisa sobre você agora. (*Ela tira de uma cestinha o crochê que estivera fazendo.*)

**DAMA.** Não há nada para contar.

**ESTRANHO.** Que estranho, eu preferia mesmo que fosse assim. Impessoal, sem nomes - saber só um dos seus nomes. Gostaria de batizar você - vamos ver, como você gostaria de ser chamada. Eva! (*com um gesto para as laterais.*) Trombetas! (*A Marcha Fúnebre é ouvida novamente.*) Eles de novo! Agora preciso inventar sua idade, porque não sei quantos anos tem. De agora em diante tem trinta e quatro anos - portanto, você nasceu em sessenta e quatro. (*Pausa.*) Agora sua personagem, porque não sei nem isso. Vou lhe dar uma boa personagem, sua voz me lembra minha mãe, quero dizer, a ideia de uma mãe, porque minha mãe nunca me acariciou, embora me lembre dela batendo em mim. Veja, eu fui criado assim num grande cortado! Olho por olho, dente por dente. Vê essa cicatriz na minha testa? Foi um corte que meu irmão me fez com uma faca, depois que lhe atirei uma pedra. Nunca falei disso ao meu pai, porque ele me expulsou de casa quando minha irmã se casou. Eu nasci quando minha família estava falida e de luto depois que um tio tirou a vida de meu pai e eu nem quis ir ao enterro dele. Agora você conhece minha família. Esse é o estábulo de onde eu vim. Uma vez consegui escapar por catorze anos de trabalho duro - de modo que tinha toda razão em agradecer os duendes - embora nem sempre me sinta à vontade para agradecer a sujeira que fizeram.

**DAMA.** Gosto de ouvir você falar. Mas não fale dos duendes: isso me deixa triste

**ESTRANHO.** Sinceramente, não acredito neles; embora sempre estejam se fazendo notar. Será que esses duendes são as almas dos infelizes que ainda estão esperando redenção? Se são, eu sou filho de um espírito maligno. Uma vez acreditei que estava perto da redenção - através de uma mulher. Mas meu erro não podia ser maior: eu estava mergulhado no sétimo inferno.

**DAMA.** Você deve ser infeliz. Mas não vai ser para sempre.

**ESTRANHO.** Você acha que bimbalar de sinos e água benta podem me dar conforto? Já experimentei os dois, e só tornaram as coisas piores. Eu me senti como o demônio quando vê o sinal da cruz. (*Pausa.*) Vamos falar de você agora.

**DAMA.** Não é preciso. (*Pausa.*) Você foi censurado alguma vez por ter usado mal os dons de sua vida?

**ESTRANHO.** Fui censurado por tudo. Na cidade em que morava ninguém era mais odiado que eu. Sozinho ali cheguei e sozinho dali fui expulso. Quando entrava num local público, as pessoas se retiravam. Se queria alugar uma casa, o dono desistia do negócio.

Os padres me lançaram uma praga no púlpito, os professores em suas escrivatinhas, e os pais em suas casas. O comitê da igreja queria tirar meus filhos de minha casa. Então eu ergui blasfemamente meu dedo... para o céu!

**DAMA.** Por que te odiavam tanto?

**ESTRANHO.** Como é que eu podia saber! Mas eu sabia! Eu não aguentava ver homens sofrendo. Então comecei a dizer, e a escrever também: libertem-se, eu vou ajudar vocês. E para os pobres eu dizia: não permitam que os ricos explorem vocês. E para as mulheres: não permitam serem escravizadas pelos homens. E – o pior de tudo – para as crianças: não obedçam seus pais, se eles forem injustos. O que se seguiu era impossível de prever. Eu descobri que todos estavam contra mim: ricos e pobres, homens e mulheres, pais e filhos. E então vieram a doença e a pobreza, a mendicância e a vergonha, o repúdio, as penas da lei, o exílio, a solidão, e agora... Diga, você acha que sou louco?

**DAMA.** Não.

**ESTRANHO.** Você deve ser a única. E lhe sou sumamente grato.

**DAMA.** (*levantando-se*) Preciso ir embora agora.

**ESTRANHO.** Você também?

**DAMA.** E você não pode ficar aqui.

**ESTRANHO.** Para onde posso ir?

**DAMA.** Para casa. Para o suor do seu trabalho.

**ESTRANHO.** Mas eu não sou trabalhador braçal. Sou escritor.

**DAMA.** Eu sei. Eu não quis ofender você. O poder criativo é uma coisa que lhe foi dada, e que também pode ser levada embora. Cuide para não ser privado do seu.

**ESTRANHO.** Para onde você vai?

**DAMA.** Para uma loja, só.

**ESTRANHO.** (*após uma pausa*) Diga, você tem fé?

**DAMA.** Não tenho fé nenhuma.

**ESTRANHO.** Melhor assim: você tem um futuro. Como eu queria ser seu velho pai cego, a quem você poderia levar para o mercado para cantar para ganhar seu pão. Minha tragédia é que não posso ficar velho, é o que acontece aos filhos dos duendes, eles têm cabeças grandes e nunca choram. Gostaria muito de ser o cachorro de alguém. Eu poderia seguir meu dono e nunca estaria sozinho de novo. Teria uma refeição em horas marcadas, um chute vez ou outra, e depois, talvez, um carinho, ou uma varada no mais das vezes...

**DAMA.** Bom, preciso ir. Adeus. (*Sai.*)

**ESTRANHO.** (*meio fora do ar*) Adeus. (*Continua sentado. Tira o chapéu e enxuga a testa. Desenha alguma coisa no chão com a bengala. Um MENDIGO entra. Tem um olhar estranho e está catando objetos na sarjeta.*) O que está pegando aí, mendigo?

**MENDIGO.** Por que me chama assim? Não sou mendigo. Por acaso lhe pedi alguma coisa?

**ESTRANHO.** Me perdoe, me desculpe. É terrível julgar pelas aparências.

**MENDIGO.** É isso aí. Por exemplo, você consegue adivinhar quem eu sou?

**ESTRANHO.** Não vou nem tentar, não me interessa.

**MENDIGO.** Ninguém quer saber antes da hora. O interesse geralmente só vem mais tarde – quando já é tarde demais. *Virtus post nummos!*

**ESTRANHO.** Essa agora! Agora se pede esmola em latim?

**MENDIGO.** Veja só, já ficou interessado. *Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci.* Sempre me dei bem em tudo em que me meti, porque nunca tentei nada. Eu devia me chamar Polícrates, que encontrou um anel de ouro no estômago de um peixe. A vida me deu tudo que pedi. Mas eu nunca pedi nada, eu cresci cansado do sucesso e joguei o anel fora. No entanto, agora que fiquei velho lamento isso. Procurei por ele nos esgotos, mas, como procurar leva tempo, na falta do meu anel de ouro não desdenhei um punhadinho de tocos de cigarro...

**ESTRANHO.** Não sei se você, mendigo, é cínico ou maluco.

**MENDIGO.** Eu também não sei.

**ESTRANHO.** Você sabe quem eu sou?

**MENDIGO.** Não. E isso também não me interessa.

**ESTRANHO.** Bom, o interesse geralmente vem mais tarde... Vê, você sempre tenta me fazer tirar palavras de sua boca. E isso é a mesma coisa que recolher as bitucas das outras pessoas.

**MENDIGO.** Então não vai seguir meu exemplo?

**ESTRANHO.** O que é essa cicatriz na sua testa?

**MENDIGO.** Quem a fez foi uma pessoa próxima.

**ESTRANHO.** Agora você me deixou com medo! Você é real? Posso tocar em você? (*Toca o braço dele.*) É, não há dúvida disso... Você faria a bondade de aceitar uma moedinha em troca da promessa de procurar o anel de Polícrates em outra parte da cidade? (*Dá a ele uma moeda.*) *Post nummos virtus...* Outro eco. Você tem que ir depressa.

**MENDIGO.** Eu vou. Mas você me mandou ir longe demais. Vou voltar antes de chegar

no fim. Agora só pertencemos um ao outro por amizade.

**ESTRANHO.** Amizade! Sou seu amigo?

**MENDIGO.** Bem, eu sou seu. Quando se está sozinho no mundo não se pode ser pessoal.

**ESTRANHO.** Então me deixe lhe dizer, você se esqueceu de você...

**MENDIGO.** Você é muito gentil.! Mas a gente vai se ver de novo e você será muito bem-vindo. (*Sai.*)

**ESTRANHO.** (*Sentando-se de novo e novamente desenhando no chão com a bengala*) Domingo de tarde! Um tempo comprido, úmido, triste, depois do costumeiro almoço de domingo com rosbife, repolho e ensopado de batatas. Agora os velhos estão cochilando, os jovens jogando xadrez e fumando. Os empregados foram à igreja e as lojas estão fechadas. Essa tarde terrível, esse dia de descanso, quando não há nada para empregar a alma, quando é tão difícil encontrar um amigo quanto uma loja de vinhos. (*A DAMA volta, agora está usando uma flor no peito.*) Estranho! Não consigo falar sem ser contestado no ato!

242

Tradução

**DAMA.** Então, ainda está aqui?

**ESTRANHO.** Se fico sentado aqui, ou em qualquer outro lugar, e escrevo na areia – não creio que isso importe para alguém. Então, fico aqui escrevendo na areia.

**DAMA.** O que está escrevendo? Posso ver?

**ESTRANHO.** Acho que vai descobrir: Eva 1864... Não, não apague com o pé.

**DAMA.** O que aconteceu nessa data?

**ESTRANHO.** Um desastre para você... e para mim.

**DAMA.** Você sabe o que é?

**ESTRANHO.** Sim, e mais que isso. Que o heléboro branco que está usando é uma mandrágora cujo significado simbólico é malevolência e calúnia; mas já foi utilizada na medicina para a cura da loucura. Pode dá-la para mim?

**DAMA.** (*hesitando*) Como remédio?

**ESTRANHO.** Naturalmente. (*Pausa.*) Você leu meus livros?

**DAMA.** Tenho todos, sabe? E tenho que lhe agradecer por me ter dado liberdade e crença nos direitos humanos e na dignidade humana.

**ESTRANHO.** Então você não leu os mais recentes?

**DAMA.** Não. E se não forem iguais aos primeiros, então não os quero ler.

**ESTRANHO.** Então me prometa nunca abrir qualquer outro livro meu.

**DAMA.** Vou refletir sobre isso mais tarde. Muito bem, eu prometo.

**ESTRANHO.** Muito bem! Mas cumpra mesmo sua promessa. Lembre-se do que aconteceu à esposa do Barba-azul quando a curiosidade a acabou levando para o quarto proibido...

**DAMA.** Veja, você já exige de mim coisas como essa do Barba-azul. O que você não vê, ou esqueceu há muito tempo, é que sou casada e que meu marido é médico, e que ele admira sua obra. Então a casa dele está aberta para você, se der o prazer de sua visita.

**ESTRANHO.** Eu fiz tudo, tudo o que podia para me esquecer disso. Acabei expurgando isso da minha memória de modo que isso não tem mais qualquer realidade para mim.

**DAMA.** Se é assim, você irá comigo para minha casa esta noite?

**ESTRANHO.** Não. Você virá comigo?

**DAMA.** Para onde?

**ESTRANHO.** A qualquer lugar! Não tenho casa, apenas um baú. E algum dinheiro às vezes. E com pouca frequência. É a única coisa que a vida me tem recusado caprichosamente talvez porque eu nunca o tenha desejado de modo suficientemente intenso. (*A DAMA balança a cabeça.*) E então? No que está pensando?

**DAMA.** Estou surpresa por não estar zangada com você. Mas você não está falando sério.

**ESTRANHO.** Se estou ou não isso é aqui comigo. Ah! E agora o órgão da igreja! Mas não vai durar muito para o bar abrir.

**DAMA.** É verdade. Você bebe?

**ESTRANHO.** Sim. Bebo um bom bocado! O vinho faz minha alma sair de sua prisão, subir para o firmamento, onde ela vê o que ainda não foi visto e ouve o que os homens jamais ouviram...

**DAMA.** E no dia seguinte?

**ESTRANHO.** Tenho os mais deliciosos escrúpulos de consciência! Experimento as purificadoras emoções da culpa e do arrependimento. Curto os sofrimentos do corpo enquanto minha alma flutua como fumaça sobre minha cabeça. É como se alguém ficasse suspenso entre a Vida e a Morte, quando o espírito sente que já abriu suas asas e pode voar, se quiser,

**DAMA.** Vá para a igreja por alguns momentos. Não vai ouvir nenhum sermão, só a bonita música da hora das vésperas.

**ESTRANHO.** Não. Na igreja não! Essa música me deprime porque sinto que esse não é o meu lugar... Que sou uma alma triste e que é impossível para mim voltar a entrar ali para me tornar uma criança de novo.

**DAMA.** Você sente tudo isso... agora?

**ESTRANHO.** Sim. Já senti isso antes, como se me tivesse quebrado em mil pedaços e estivesse sendo misturado no caldeirão de uma bruxa, afundando no caldo grosso de um sopão ou renovado no cheiro bom de um cozido fino. Tudo só depende da habilidade da bruxa!

**DAMA.** Isso soa como as palavras de um oráculo. Precisamos ver se você não se torna uma criança de novo.

**ESTRANHO.** Teríamos que começar com o berço, e desta vez com a criança certa.

**DAMA.** Exatamente. Espere aqui por mim enquanto vou à igreja. Se o café estiver aberto eu lhe pedirei por favor para não beber. Mas felizmente ele está fechado. *(A DAMA sai. O ESTRANHO se senta novamente e de novo desenha na areia. Entram seis acompanhantes do funeral vestidos de marrom com alguns carpidores. Um deles carrega uma bandeira com a insígnia dos carpinteiros, feita de crepe marrom; outro, um grande machado decorado com abeto; um terceiro, uma almofada com um martelo de juiz. Param do lado de fora do café e esperam.)*

**ESTRANHO.** Desculpem-me, que funeral estão esperando?

**PRIMEIRO CARPIDOR.** De um arrombador de casas. *(Ele imita o bater de um relógio.)*

**ESTRANHO.** Um arrombador de casas de verdade? Ou aquele inseto que se aloja no madeiramento das casas e faz tic-tic?

**PRIMEIRO CARPIDOR.** Ambos - mas principalmente do inseto. Como é que ele se chama mesmo

**ESTRANHO.** *(para si mesmo)* Ele quer me enlouquecer dizendo o nome anóbio, o inseto dos velórios. Mas não vou dizer. Você acha que eu sou um ladrão?

**SEGUNDO CARPIDOR.** Não. *(O relógio toca de novo.)*

**ESTRANHO.** Vocês estão tentando me amedrontar? Ou o morto faz milagres? Nesse caso, melhor eu explicar que meus nervos são muito bons e que não acredito em milagres. Mas eu acho estranho que os carpidores vistam marrom. Por que não preto? É mais barato e adequado.

**TERCEIRO CARPIDOR.** Para nós, em nossa simplicidade, parece preto; mas se Sua Excelência desejar, pode parecer marrom para você.

**ESTRANHO.** Uma companhia excêntrica! Um gosto incomum que eu gostaria de atribuir ao vinho que bebi ontem. Se eu lhes dissesse que era abeto, vocês provavelmente diriam – o que mesmo?

**PRIMEIRO CARPIDOR.** Folhas de parreira.

**ESTRANHO.** Eu imaginei mesmo que não seria abeto! O café está abrindo finalmente! (*O café se abre, o ESTRANHO se senta a uma mesa e é servido com vinho. Os CARPIDORES se sentam a outras mesas.*) Devem mesmo estar felizes de terem se livrado dele, já que os carpidores se põem a beber vinho mal tenha terminado o funeral.

**PRIMEIRO CARPIDOR.** Era um bom camarada, não podia levar a vida a sério.

**ESTRANHO.** E que provavelmente bebia?

**SEGUNDO CARPIDOR.** Sim, claro.

**TERCEIRO CARPIDOR.** E que outros cuidem de sua mulher e de seus filhos.

**ESTRANHO.** Ele não devia ter feito isso. É por isso que os amigos dele falam tão bem dele? Por favor, não sacuda minha mesa enquanto estou bebendo.

**SEGUNDO CARPIDOR.** Quando estou bebendo eu não me importo.

**ESTRANHO.** Bom, eu me importo. Há uma grande diferença entre nós! (*Os CARPIDORES sussurram entre si. O MENDIGO retorna.*) Aí está o mendigo de novo!

**MENDIGO.** (*sentando-se a uma mesa*) Vinho, Moselle!

**GERENTE.** (*consultando um decreto da polícia*) Não posso servi-lo: você não pagou seus impostos. Aqui está seu nome, sua idade e profissão, e a decisão da corte de justiça

**MENDIGO.** *Omnia serviliter pro dominatione!* Sou um homem livre com educação universitária. Eu me recusei a pagar taxas porque não queria me tornar membro do parlamento. Moselle!

**GERENTE.** Vai ter transporte gratuito da polícia para o asilo, se não sair.

**ESTRANHO.** Caros senhores, vocês poderiam discutir isso em outro lugar. Estão perturbando seus clientes.

**GERENTE.** Você é testemunha de que estou no meu direito.

**ESTRANHO.** Não. Essa coisa toda é muito estressante. Mesmo sem pagar taxas ele tem o direito de gozar dos pequenos prazeres da vida.

**GERENTE.** Você então é o tipo que liberaria os presos de cumprirem suas penas?

**ESTRANHO.** Essa é demais! Você deveria saber que sou um homem famoso. (*O GERENTE e os CARPIDORES riem.*)

**GERENTE.** Infamoso, provavelmente! Vou olhar na lista da polícia, e ver se a descrição coincide: trinta e oito anos, cabelos castanhos, bigode, olhos azuis; desempregado, recursos desconhecidos, casado, mas abandonou a esposa e os filhos; muito conhecido por sua visão revolucionária de questões sociais: dá a impressão de que não está de posse completa de suas faculdades... Coincide!

**ESTRANHO.** *(levantando-se, pálido e surpreso)* O quê?

**GERENTE.** Sim, coincide totalmente.

**MENDIGO.** Talvez ele esteja na lista. E não eu!

**GERENTE.** Está me parecendo que é isso sim. Em qualquer caso, seria melhor ambos desocuparem o lugar.

**MENDIGO.** *(para o ESTRANHO)* Devemos?

**ESTRANHO.** Nós? Isso está começando a parecer uma conspiração. *(Ouve-se o sino da igreja. O sol aparece e ilumina a janela cor-de-rosa acima da porta da igreja, que agora está aberta, descortinando seu interior. Ouve-se o órgão e o coro está cantando a Ave-Maria.)*

**DAMA.** *(Vindo da igreja)* Onde você está? O que está fazendo? Por que me chamou? Precisa se dependurar na barra de uma saia como uma criança?

**ESTRANHO.** Estou com medo agora. Parece que as coisas não têm mais uma explicação natural.

246

Tradução

**DAMA.** Mas você não tinha medo de nada. Nem mesmo da morte!

**ESTRANHO.** Da morte... não. Mas de alguma outra coisa, do desconhecido.

**DAMA.** Ouça. Me dê sua mão. Você está doente. Vou levá-lo a um médico. Vem!

**ESTRANHO.** Se você quiser. Mas me diga: isso é um carnaval ou... a realidade?

**DAMA.** É muito real.

**ESTRANHO.** Esse mendigo deve ser um cara muito infeliz. Ele se parece mesmo comigo.

**DAMA.** Vai parecer, se você continuar bebendo. Agora vá ao correio e pegue sua carta. E depois venha comigo.

**ESTRANHO.** Não, não quero. É só sobre ações judiciais.

**DAMA.** Se não for?

**ESTRANHO.** Só bisbilhotice rancorosa.

**DAMA.** Bom, faça como quiser. Ninguém escapa de seu destino. Neste momento sinto que uma enorme vontade de nos julgar está tomando forma e até já tomou uma decisão.

**ESTRANHO.** Você também sente isso! Ouvei o martelo bater justo agora; e as cadeiras serem puxadas para trás. O escrivão já saiu à minha procura! Oh, suspense! Não, não quero acompanhar você.

**DAMA.** Me diga, o que você fez para mim? Na igreja descobri que não conseguia rezar. Uma vela no altar estava apagada e um vento gelado bateu em meu rosto quando ouvi você me chamar.

**ESTRANHO.** Eu não chamei você. Mas eu queria você.

**DAMA.** Você não é tão fraco quanto diz ser. Você tem uma força enorme; e tenho medo de você...

**ESTRANHO.** Quando estou sozinho não tenho força alguma; mas se encontro uma única companhia eu fico forte. Posso ficar forte agora; e vou acompanhar você.

**DAMA.** Talvez você me livre do lobisomem.

**ESTRANHO.** Quem é ele?

**DAMA.** É assim que eu o chamo.

**ESTRANHO.** Confie em mim. Matar dragões, libertar princesas, derrotar lobisomens – isso é a vida!

**DAMA.** Então venha, meu libertador! *(Ela ergue o véu de seu rosto, beija-o na boca e se afasta depressa. O ESTRANHO fica onde está por um momento, surpreso, e espantado. Vem da igreja um longo arpejo de vozes femininas, quase como um grito. A janela rosa de repente fica escura e a árvore sobre o banco é sacudida pelo vento. Os CARPIDORES se levantam e olham para o céu como se vissem alguma coisa terrível. O ESTRANHO corre para fora atrás da DAMA.)*

## CENA II

### CASA DO MÉDICO

*[Quintal fechado em três lados por uma casa de um só andar com teto de telhas. Janelas pequenas nas três fachadas. À direita, varanda com porta de vidro. À esquerda, rosas trepadeiras e colmeias do lado de fora das janelas. No meio do quintal uma pilha de lenha na forma de uma cúpula. Um poço ao lado dela. O topo de uma amendoeira pode ser visto acima da fachada central da casa. No canto direito, um portão de jardim. Perto do poço uma grande tartaruga. À direita, entrada para uma adega, uma geladeira e um latão de lixo. A IRMÃ DO MÉDICO entra, vindo da varanda, com um telegrama.]*

**IRMÃ.** Agora o infortúnio vai cair sobre sua casa.

**MÉDICO.** Quando não foi assim, minha querida irmã?

**IRMÃ.** Desta vez... Ingeborg está chegando e traz um convidado... Adivinhe quem?

**MÉDICO.** Espere! Eu sei, porque antevi isso faz tempo, até mesmo desejei que acontecesse, pois ele é um escritor que sempre admirei. Aprendi muito com ele e muitas vezes quis me encontrar com ele. Agora ele está chegando, você diz. Onde Ingeborg o encontrou?

**IRMÃ.** Na cidade, parece. Provavelmente em algum salão literário.

**MÉDICO.** Muitas vezes perguntei se esse homem era o garoto de mesmo nome que era meu amigo na escola. Eu espero que não; pois ele não parecia ser bafejado pela sorte em nenhum momento. E essa tendência infeliz deve tê-lo acompanhado por toda a vida.

**IRMÃ.** Não permita que ele entre. Saia. Diga que está ocupado.

**MÉDICO.** Não. Ninguém escapa ao seu destino.

**IRMÃ.** Mas você nunca inclinou sua cabeça diante de ninguém! Por que rastejar diante desse espectro, e chamá-lo de destino?

**MÉDICO.** A vida me ensinou a fazê-lo. Perdi tempo e energia combatendo o inevitável.

**IRMÃ.** Mas por que permitir que sua esposa se comporte dessa maneira? Ela vai comprometer vocês dois.

**MÉDICO.** Você acha? Porque, quando eu a fiz romper seu noivado, eu lhe ofereci falsas esperanças de uma vida de liberdade em vez da escravidão que ela conhecia. Além disso, nunca pude amá-la de modo a poder lhe dar ordens.

**IRMÃ.** Você seria amigo de seu inimigo?

**MÉDICO.** Oh...!

**IRMÃ.** Você vai permitir que ela traga para dentro de casa alguém que vai te destruir? Se você ao menos soubesse como eu odeio esse homem...

**MÉDICO.** Eu sei. O último livro dele é terrível; mostra até que lhe está faltando algum equilíbrio mental.

**IRMÃ.** Deviam fazê-lo calar a boca.

**MÉDICO.** Muitas pessoas já disseram isso, mas não acho que ele seja tão mau assim.

**IRMÃ.** Porque você é excêntrico, e vive em contato diário com uma mulher que é louca.

**MÉDICO.** Admito que a anormalidade sempre exerceu uma forte atração sobre mim e a originalidade não é mesmo um lugar comum. (*Ouve-se a sirene de um vapor.*) O que é isso?

**IRMÃ.** Seus nervos estão à flor da pele. É só o vapor. (*Pausa.*) Agora, eu lhe imploro, vai embora!

**MÉDICO.** Eu gostaria de ir, mas me sinto preso aqui. (*Pausa.*) Daqui posso ver o retrato dele no meu escritório. A luz do sol lança uma sombra sobre ele que o muda completamente. Faz que ele pareça com... É horrível! Vê o que quero dizer?

**IRMÃ.** O diabo! Sai daí!

**MÉDICO.** Não consigo, não posso.

**IRMÃ.** Então pelo menos se defenda.

**MÉDICO.** Eu sempre faço isso. Mas desta vez sinto que está se aproximando uma tempestade de trovões. Como tantas vezes tentei fugir, e não consegui. É como se a terra fosse ferro e eu a ponta de um compasso. Se minha infelicidade chegar, não vai ser por minha livre escolha. Eles já chegaram aí à porta.

**IRMÃ.** Não ouvi nada.

**MÉDICO.** Eu ouvi! Agora posso vê-los também! Ele é o amigo de minha infância. Caiu em dificuldades na escola, mas eu fui censurado e punido. O apelido dele era César, não sei por quê.

**IRMÃ.** E esse homem...

**MÉDICO.** É o que sempre acontece. César! (*A DAMA entra.*)

**DAMA.** Trouxe um visitante.

**MÉDICO.** Eu sei, e ele é bem-vindo.

**DAMA.** Eu o deixei na casa, para se lavar.

**MÉDICO.** Bom, você está satisfeita com a conquista?

**DAMA.** Acho que ele é o homem mais infeliz que conheci.

**MÉDICO.** Não seria um pouco demais?

**DAMA.** Não, existe infelicidade suficiente para todos nós.

**MÉDICO.** Existe mesmo! (*Para sua IRMÃ.*) Você poderia dizer a ele para vir? (*Sua IRMÃ sai.*) Você fez alguma coisa interessante?

**DAMA.** Sim, encontrei várias pessoas estranhas. Você tem tido muitos pacientes?

**MÉDICO.** Não. O consultório está vazio nesta manhã. Acho que a profissão está decaindo.

**DAMA** (*gentilmente*). Lamento. Diga-me, essa pilha de lenha não deveria ser levada para dentro da casa? Aqui fora vai ficar úmida.

**MÉDICO.** (*sem reprovação*) Sim, e as abelhas deveriam ser mortas, também; e as frutas do pomar deveriam ser colhidas. Mas não tenho tempo para isso.

**DAMA.** Você está cansado.

**MÉDICO.** Cansado de tudo.

**DAMA.** (*sem azedume*) E olha que tem uma esposa que nem ao menos quer te ajudar.

**MÉDICO.** (*gentilmente*) Você não deveria dizer isso, já que eu não penso assim.

**DAMA.** (*Voltando para a varanda*) Aí está ele! (*O ESTRANHO entra na varanda, vestido de modo que o faz parecer mais jovem que antes. Tem um ar de candura forçada. Parece reconhecer o médico, e recua, mas logo se recobra.*)

**MÉDICO.** Seja bem-vindo.

**ESTRANHO.** É muito gentil de sua parte.

**MÉDICO.** Você traz bom tempo com você. E precisamos disso, tem chovido muito nas últimas seis semanas.

**ESTRANHO.** Não seriam sete? Geralmente chove durante sete semanas quando chove em Saint Swithin. Mas é mais tarde no ano – que bobagem o que disse!

**MÉDICO.** Como você está acostumado à vida da cidade, temo que ache o campo um pouco idiota.

**ESTRANHO.** Oh não. Não me sinto melhor em casa do que aqui. Desculpe-me perguntar – mas já não nos encontramos antes, quando éramos meninos?

**MÉDICO.** Nunca. (*A DAMA está sentada à mesa e faz seu crochê.*)

**ESTRANHO.** Tem certeza?

**MÉDICO.** Absoluta. Segui sua carreira literária desde o primeiro livro com grande interesse, como minha esposa lhe contou. De modo que se eu o tivesse encontrado antes eu certamente me lembraria do seu nome. (*Pausa.*) Bom, agora você pode ver como um médico do interior vive!

**ESTRANHO.** Se você soubesse como é a vida de alguém que diz ser um libertador, certamente não o invejaria.

**MÉDICO.** Posso imaginar; já vi como as pessoas amam suas correntes. Talvez seja assim que deve ser.

**ESTRANHO.** (*ouvindo*) Estranho. Quem está tocando na aldeia?

**MÉDICO.** Não sei. Você sabe, Ingeborg?

**DAMA.** Não.

**ESTRANHO.** A *Marcha Fúnebre* de Mendelssohn! Ela me persegue. Nunca sei se a estou ouvindo ou não.

**MÉDICO.** Você sofre alucinações?

**ESTRANHO.** Não. Mas sou perseguido por incidentes triviais. Está ouvindo alguém tocando?

**MÉDICO.** Sim.

**DAMA.** Alguém está tocando Mendelssohn.

**MÉDICO.** Não é assim tão surpreendente.

**ESTRANHO.** Não, não é. Mas que esteja sendo tocado precisamente no lugar certo, na hora certa... (*Levanta-se.*)

**MÉDICO.** Para você ter certeza, vou perguntar à minha irmã. (*Sai através da varanda.*)

**ESTRANHO.** (*para a DAMA*) Estou sufocando aqui. Não posso passar a noite sob este teto. Seu marido parece um lobisomem e na presença dele você vira uma estátua de sal. Um assassinato deve ter acontecido nesta casa; este lugar é mal-assombrado. Vou fugir assim que encontrar uma desculpa. (*O MÉDICO volta.*)

**MÉDICO.** É a mocinha do correio.

**ESTRANHO.** (*nervosamente*) Bom. Está tudo bem, então. Você tem uma casa original. Essa pilha de lenha, por exemplo.

**MÉDICO.** Sim. Foi atingida por raios duas vezes.

**ESTRANHO.** Que terrível E você ainda a mantém?

**MÉDICO.** Por isso mesmo. Eu a fiz alta o suficiente para desafiar os raios, e para fazer um pouco de sombra no verão. É como a abóbora do profeta. Mas no outono é preciso ir para o depósito de madeira.

**ESTRANHO.** (*olhando ao redor*) Flores de heléboro, também! Onde você as conseguiu? Estão florindo no verão! Alguma coisa está de cabeça para baixo aqui.

**MÉDICO.** Elas me foram dadas por um paciente. Ele ainda não está completamente bom.

**ESTRANHO.** Ele está internado na clínica?

**MÉDICO.** Sim. É uma alma tranquila, que reflete sobre o despropósito da natureza. Ele acha uma maluquice o heléboro crescer na neve e congelar; então ele coloca as plantas no porão e as replanta ao ar livre na primavera.

**ESTRANHO.** Mas um louco... na casa. Que desagradável!

**MÉDICO.** Ele é completamente inofensivo.

**ESTRANHO.** Como ele perdeu o juízo?

**MÉDICO.** Quem pode dizer? É uma doença da mente, não do corpo.

**ESTRANHO.** Diga-me... ele está aqui agora?

**MÉDICO.** Sim. Ele tem liberdade para caminhar pelo jardim e se distrair um pouco. Mas se a presença dele o perturba, podemos trancá-lo.

**ESTRANHO.** Por que esses pobres diabos expõem assim suas misérias?

**MÉDICO.** É difícil saber quando estão maduros...

**ESTRANHO.** Para o quê?

**MÉDICO.** Para o que está por vir.

**ESTRANHO.** Não há nada por vir. *(Pausa.)*

**MÉDICO.** Quem sabe!

**ESTRANHO.** Sinto-me estranhamente desconfortável. Você tem material médico... espécimes... cadáveres?

**MÉDICO.** Oh sim. Na câmara frigorífica – para as autoridades, você sabe. *(Ele estende um braço e uma perna.)* Olhe aqui.

**ESTRANHO.** Não. Parecido demais com o Barba-azul!

**MÉDICO.** *(acidamente)* O que quer dizer com isso? *(Olhando para a DAMA.)* Você acha que mato minhas esposas?

**ESTRANHO.** Oh não. É claro que não. Esta casa também é mal-assombrada?

**MÉDICO.** Oh sim. Pergunte à minha esposa. *(Ele desaparece atrás da pilha de lenha onde não pode ser visto pelo ESTRANHO nem pela DAMA.)*

**DAMA.** Não precisa sussurrar, meu marido é surdo. Embora saiba ler lábios.

**ESTRANHO.** Então me permita dizer que nunca experimentei uma meia hora mais dolorosa. Nós nos dissemos os lugares-comuns mais batidos, porque nenhum de nós tem coragem de dizer o que pensa. Sofri tanto que me veio a ideia de abrir minhas veias para me acalmar. Mas agora eu gostaria de dizer a ele a verdade e ver no que dá. Podemos dizer na cara dele que queremos ir embora juntos e que você já se cansou da loucura dele?

**DAMA.** Se você disser alguma coisa vou começar a odiar você. Você tem que se comportar em qualquer circunstância.

**ESTRANHO.** Que educadinha você é! *(O MÉDICO agora se torna visível ao ESTRANHO e à DAMA, que continuam conversando.)* Venha embora comigo, antes do sol se por. *(Pausa.)* Diga-me, por que você me beijou ontem?

**DAMA.** Mas...

**ESTRANHO.** Suponhamos que ele possa ouvir o que dizemos! Não confio nele.

**MÉDICO.** O que podemos fazer para divertir nosso convidado?

**DAMA.** Ele não precisa de muita coisa para se divertir. A vida dele não tem sido feliz. *(O MÉDICO sopra um assobio. O LOUCO vem ao jardim. Tem uma coroa de louros e suas roupas são curiosas.)*

**MÉDICO.** Vem aqui, César.

**ESTRANHO.** (*incomodado*) Como? Ele se chama César?

**MÉDICO.** Não. É um apelido que lhe dei, por me lembrar de um garoto que estudava comigo.

**ESTRANHO.** (*perturbado*) Oh!

**MÉDICO.** Ele esteve envolvido num acidente estranho, e eu levei toda a culpa.

**DAMA.** (*para o ESTRANHO*) Não deve acreditar que um garoto pudesse ser tão perverso. (*O ESTRANHO parece angustiado. O LOUCO chega mais perto.*)

**MÉDICO.** César, venha cá e saúde o famoso escritor.

**CÉSAR.** Esse é o grande homem?

**DAMA.** (*para o MÉDICO*) Por que permitiu que ele viesse, se ele perturba nosso convidado?

**MÉDICO.** César, você precisa se comportar. Ou vou ter que bater em você.

**CÉSAR.** Sim. Ele é César, mas não é grande. Ele ainda não sabe quem veio primeiro, a galinha ou o ovo. Mas eu sei.

**ESTRANHO.** (*para a DAMA*) Vou embora. Isso é uma armadilha? O que devo pensar? Num minuto vai cutucar as abelhas para me divertir.

**DAMA.** Confie em mim... Aconteça o que acontecer! E vire seu rosto pra lá quando falar comigo.

**ESTRANHO.** Esse lobisomem nunca nos abandona.

**MÉDICO.** (*olhando seu relógio*) Vocês me desculpem, tenho que sair por meia hora para ver um paciente. Espero que o tempo não pegue vocês pelas mãos.

**ESTRANHO.** Já estou acostumado a esperar pelo que nunca chega...

**MÉDICO.** (*para o LOUCO*) Venha, César. Preciso ver você no porão. (*Sai com o LOUCO.*)

**ESTRANHO.** (*para a DAMA*) O que significa isso? Alguém está tentando me atormentar! Você me disse que seu marido me receberia bem, e eu acreditei em você. Mas ele não consegue abrir a boca sem me ofender. Cada palavra dele me fura como um agulhão. E essa marcha fúnebre... tem alguém tocando isso mesmo! E aqui, mais uma vez, heléboros! Por que tudo continua numa ronda eterna? Cadáveres, mendigos, loucos, destinos humanos e memórias da infância? Retire-se, deixe-me libertar você desse inferno.

**DAMA.** Foi por isso que trouxe você aqui. Também para que não dissessem que você roubou a esposa de um homem. Mas uma coisa tenho que lhe perguntar: posso confiar em você?

**ESTRANHO.** Você acredita nos meus sentimentos?

**DAMA.** Não estou falando deles. Temos certeza dos seus sentimentos. Eles vão durar tanto quanto puderem durar.

**ESTRANHO.** Confia no meu modo de pensar e agir? Tenho somas de dinheiro muito grandes para receber. Tudo que tenho a fazer é escrever ou telegrafar...

**DAMA.** Então vou confiar em você. (*pondo de lado seu trabalho.*) Agora vamos sair direto por aquela porta. Siga pela sebe de lilases até chegar a um portão. Vamos nos encontrar na próxima aldeia.

**ESTRANHO.** (*hesitando*) Não gosto de sair pela porta dos fundos. Preferia encontrar a saída com ele aqui.

**DAMA.** Rápido!

**ESTRANHO.** Você não vem comigo?

**DAMA.** Sim. Mas nesse caso eu devo sair primeiro. (*Ela se vira e joga um beijo na direção da varanda.*) Meu pobre lobisOMEM!

254

Tradução

### CENA III

#### QUARTO DE UM HOTEL

[O **ESTRANHO** entra seguido pela **DAMA**. Um **CRIADO**.]

**ESTRANHO.** (*que está carregando uma maleta*) Tem algum outro quarto livre?

**CRIADO.** Não.

**ESTRANHO.** Não quero o que me deram.

**DAMA.** Mas é o único: os outros hotéis estão todos lotados.

**ESTRANHO.** (*ao CRIADO*) Pode sair. (*A DAMA se afunda numa poltrona sem tirar o chapéu e o casaco.*) O que vai querer?

**DAMA.** Gostaria que você me matasse.

**ESTRANHO.** Não me espanta! Expulsos de hotéis porque não somos casados, e perturbados pela polícia, fomos forçados a vir a este lugar, o último que eu escolheria. Exatamente a este quarto, número oito... Alguém deve mesmo estar contra mim!

**DAMA.** Este quarto é o número oito?

**ESTRANHO.** Por que pergunta? Já estive aqui antes?

**DAMA.** Você estive?

**ESTRANHO.** Sim.

**DAMA.** Então vamos embora. Seguir a estrada, até a floresta. Não importa onde.

**ESTRANHO.** Eu gostaria de ir. Mas após essas horas terríveis estou tão cansado quanto você. Senti que aqui poderia estar o fim de nossa jornada. Eu resisti, tentei ir na direção contrária, mas os trens estavam atrasados, ou os perdemos, e tivemos que chegar aqui. Neste quarto! O diabo está aqui dentro – pelo menos aquilo que chamo de diabo. Mas ainda vou me encontrar com ele.

**DAMA.** Parece que nunca encontraremos paz na terra de novo.

**ESTRANHO.** Nada mudou. As flores de heléboro estão morrendo. (*Olhando para dois quadros.*) Aí está ele de novo. E aquele é o Hotel Breuer em Montreux. Já estive lá também.

**DAMA.** Você foi ao correio?

**ESTRANHO.** Pensei que você me perguntaria isso. Fui. E como resposta a cinco cartas e três telegramas havia um telegrama dizendo que meu editor se ausentou por um dia.

**DAMA.** Então estamos perdidos.

**ESTRANHO.** Muito provavelmente.

**DAMA.** O criado vai voltar em cinco minutos para pedir nossos passaportes. Então o gerente vai subir e nos dizer para irmos embora.

**ESTRANHO.** Então só resta uma coisa a fazer.

**DAMA.** Duas.

**ESTRANHO.** A segunda é impossível.

**DAMA.** Qual é a segunda?

**ESTRANHO.** Ir para a casa de meus pais no interior.

**DAMA.** Você está começando a ler meus pensamentos.

**ESTRANHO.** Faz tempo que não temos qualquer segredo um para o outro.

**DAMA.** Então o sonho todo está no fim.

**ESTRANHO.** Pode ser.

**DAMA.** Você tem que telegrafar outra vez.

**ESTRANHO.** Eu deveria, eu sei. Mas não consigo me mover daqui. Não acredito mais que possa conseguir. Alguém me paralisou aqui.

**DAMA.** E a mim também! Nós decidimos nunca falar sobre o passado e ainda o arrastamos conosco. Olhe para esse tapete. As flores parecem formar...

**ESTRANHO.** Ele! É ele. Ele está em toda parte. Quantas mil vezes ele... Mas vejo outra pessoa no estampado da toalha da mesa. Não, é uma ilusão! A qualquer momento vou ouvir minha marcha fúnebre... e então tudo estará terminado. (*Ouvindo.*) Pronto, aí está!

**DAMA.** Não estou ouvindo nada.

**ESTRANHO.** Eu estou... eu estou....

**DAMA.** Vamos para casa?

**ESTRANHO.** O último lugar. O pior de todos! Chegar como um andarilho, um mendigo. Impossível!

**DAMA.** Sim, eu sei, mas... Não, seria demais. Levar vergonha, desgraça e tristeza para os velhos, e ver você humilhado, e você a mim! Nunca reconquistaríamos o respeito outra vez.

**ESTRANHO.** Seria pior que a morte. Entretanto, sinto que é inevitável, e começo a ansiar por ela, chegar a ela rapidamente, se puder ser assim.

**DAMA.** (*interrompendo seu trabalho*) Mas não quero ser insultada em sua presença. Precisamos encontrar outro jeito. Se pelo menos estivéssemos casados – o divórcio seria fácil, porque meu casamento anterior não foi reconhecido pelas leis do país em que nos casamos... Tudo o que precisamos é ir embora e sermos casados pelo mesmo padre... mas isso seria mortificante para você!

**ESTRANHO.** Isso teria que se ajustar com todo o resto! Essa lua de mel está se tornando uma romaria!

**DAMA.** Tem razão! O gerente vai aparecer daqui a cinco minutos para nos expulsar. Só há um modo de acabar com essas humilhações. Por nossa livre e espontânea vontade devemos aceitar o pior... Já estou ouvindo passos!

**ESTRANHO.** Já antevia isso e estou pronto. Pronto para tudo. Se não posso vencer o oculto, pelo menos posso mostrar a você o quanto posso suportar... Você precisa empenhar as joias. Posso resgatá-las quando meu editor voltar para casa, se ele não se afogou nadando ou foi morto num acidente de trem. Um homem ambicioso como eu deve estar pronto a sacrificar sua honra em primeiro lugar.

**DAMA.** Já que estamos de acordo, não seria melhor sairmos do quarto? Oh, meu Deus! Ele já está chegando.

**ESTRANHO.** Vamos. Vamos passar pelo corredor de criados e criadas. Vermelhos de vergonha e brancos de indignação. Os animais podem se esconder em suas tocas, mas nós somos obrigados a exibir nossa vergonha. (*Pausa.*) Baixe seu véu.

**DAMA.** Então isso é a liberdade!

**ESTRANHO.** E eu... eu sou o libertador. (*Saem.*)

## CENA IV

### NA PRAIA

[*Uma casinha num rochedo numa praia. No lado de fora uma mesa com cadeiras. O ESTRANHO e a DAMA estão vestidos com roupas menos escuras e parecem mais jovens que na cena anterior. A DAMA está fazendo crochê.*]

**ESTRANHO.** Três felizes dias pacíficos ao lado de minha esposa, e eis a ansiedade de volta!

**DAMA.** Do que tem medo?

**ESTRANHO.** Que isso não dure mais tempo.

**DAMA.** Por que está pensando isso?

**ESTRANHO.** Não sei. Acredito que tudo vai terminar repentinamente, terrivelmente. Há algo de decepcionante até mesmo no crepúsculo e na tranquilidade. Sinto que a felicidade não faz parte do meu destino.

**DAMA.** Mas já acabou tudo! Meus pais se conformaram com o que fizemos. Meu marido compreende e escreveu uma carta gentil.

**ESTRANHO.** O que isso importa? O destino tece sua teia; uma vez mais eu ouço o martelo bater e as cadeiras sendo puxadas para longe da mesa – a sentença já foi pronunciada. E isso deve ter acontecido antes de eu ter nascido, porque mesmo na infância comecei a cumprir minha sentença. Não existe um só momento da minha vida em que eu possa pensar em felicidade.

**DAMA.** Homem desafortunado! E olha que você teve tudo o que quis da vida!

**ESTRANHO.** Tudo. Desgraçadamente eu me esqueci de desejar dinheiro.

**DAMA.** Está pensando nisso outra vez.

**ESTRANHO.** Está surpresa?

**DAMA.** Quietos!

**ESTRANHO.** O que é isso em que você está sempre trabalhando? Fica aí sentada como uma das Parcas, trançando os fios com os dedos. Não para não, continua. A mais bonita das visões femininas é uma mulher inclinada sobre seu trabalho, ou sobre seu filho. O que você está fazendo?

**DAMA.** Nada. Uma coisa de crochê.

**ESTRANHO.** Parece uma renda de nervos e nós na qual fixasse seus pensamentos. O

cérebro deve parecer isso – do lado de dentro.

**DAMA.** Se eu conseguisse pensar a metade das coisas que você imagina... Mas eu não penso em nada.

**ESTRANHO.** Talvez seja por isso que me sinto tão bem quando estou com você. Porque acho você tão perfeita que não consigo imaginar a vida sem você! Agora as nuvens se dissiparam. Agora o céu está claro! Essa brisa ligeira – sinto como ela nos acaricia! Isso é a vida! Sim, agora estou vivo. E sinto meu espírito crescendo, se ampliando, se tornando tênue, infinito. Estou em toda parte, no oceano que é meu sangue, nas rochas que são meus ossos, nas árvores, nas flores, e minha cabeça alcança os céus. Posso observar o universo inteiro. Eu sou o universo. E sinto o poder do Criador dentro de mim, pois sou Ele! Queria poder agarrar tudo em minha mão e refazer tudo em algo mais perfeito, mais duradouro, mais bonito. Quero que toda criação e todos os seres criados sejam felizes, que possam nascer sem dor, viver sem sofrimento, e morrer em calmo contentamento. Eva! Morra comigo agora! Neste momento, pois o próximo vai trazer tristeza outra vez

**DAMA.** Não estou pronta para morrer ainda.

258

Tradução

**ESTRANHO.** Por que não?

**DAMA.** Acredito que existam coisas que ainda não fiz. Talvez não tenha sofrido o suficiente.

**ESTRANHO.** Será esse o propósito da vida?

**DAMA.** Parece ser. *(Pausa.)* Agora quero lhe perguntar uma coisa.

**ESTRANHO.** O que é?

**DAMA.** Não blasfeme contra o céu novamente, nem se compare ao Criador, porque assim você me lembra o César.

**ESTRANHO.** *(agitadamente)* César! Como pode dizer isso?

**DAMA.** Sinto muito se disse alguma coisa que não devia. Foi maluquice minha falar do César agora. Me perdoe.

**ESTRANHO.** Você acha que o César e eu nos parecemos um ao outro em nossas blasfêmias?

**DAMA.** Claro que não.

**ESTRANHO.** Estranho. Acredito em você quando me diz que não pretende me ferir; ainda que você me magoe, como todos os outros. Por quê?

**DAMA.** Porque você é hipersensível.

**ESTRANHO.** Você dizendo isso de novo! Acha que tenho lugares sensíveis ocultos?

**DAMA.** Não. Não quis dizer isso. E agora os espíritos da suspeita e da discórdia estão surgindo entre nós. Afaste-os para longe - já.

**ESTRANHO.** Não deve dizer que blasfemo quando uso palavras bem conhecidas: veja, somos parecidos para os deuses.

**DAMA.** Mas se for assim, porque você não pode se ajudar, ou a nós dois?

**ESTRANHO.** Não posso? Espere. Nós vimos só o começo.

**DAMA.** Se o fim for desse jeito, que o céu nos ajude!

**ESTRANHO.** Sei do que tem medo, e eu quis apenas lhe trazer de volta uma surpresa agradável. Não quero mais atormentar você. *(Ele pega uma carta registrada, ainda não aberta.)* Olhe!

**DAMA.** O dinheiro chegou!

**ESTRANHO.** Hoje de manhã. Quem pode me destruir agora?

**DAMA.** Não fale assim. Você sabe quem poderia fazer isso.

**ESTRANHO.** Quem?

**DAMA.** Aquele que pune a arrogância dos homens.

**ESTRANHO.** E a coragem deles. Especialmente a coragem. Ela era meu calcanhar de Aquiles; eu me aborreço com tudo, exceto essa pavorosa falta de dinheiro.

**DAMA.** Posso lhe perguntar quanto foi que enviaram?

**ESTRANHO.** Não sei. Ainda não abri a carta. Mas eu sei quanto devo esperar. Melhor abrir e ver. *(Ele abre a carta.)* O quê? Apenas um extrato mostrando que nada tenho a receber! Tem alguma coisa errada nisso.

**DAMA.** Começo a imaginar que sim.

**ESTRANHO.** Sei que estou condenado. Mas estou pronto para reverter a maldição de volta para quem tão nobremente me amaldiçoou... *(Amassa e joga a carta.)* Com uma maldição especial para mim.

**DAMA.** Não. Assim você me assusta.

**ESTRANHO.** Tem medo de mim. Tanto quanto me despreza! O desafio foi lançado, agora você vai ver um conflito entre dois grandes oponentes. *(Abre o casaco e olha ameaçadoramente para a frente.)* Acerte-me com seu raio se ousar! Me meta medo com seu trovão se puder!

**DAMA.** Não fale assim.

**ESTRANHO.** Vou falar sim. Quem ousa estraçalhar meu sonho de amor? Quem arranca

o cálice de meus lábios; e a mulher de meus braços? Aqueles que me invejam, deuses ou demônios! Deuses pequeno-burgueses que revidam golpes de espada com alfinetadas às costas, que não lutam à frente de seus homens, mas os atacam com contas não pagas. Um modo sub-reptício de desacreditar um senhor diante de seus criados. Eles nunca atacam, nunca sacam uma arma, apenas corrompem e vilipendiam! Poderes, senhores e soberanos! Tudo a mesma coisa!

**DAMA.** Que os céus não castiguem você.

**ESTRANHO.** O céu está azul e silencioso. O oceano está silencioso e idiota. Ouça, estou ouvindo um poema – é isso que ouço quando uma ideia começa a germinar na minha mente. Primeiro o ritmo; desta vez como o trovão de cascos de animais, um tilintar de esporas e de fardas. Mas tem um bater de asas também, como a vela de um navio adejando... Estandartes!

**DAMA.** Não. É o vento. Consegue ouvi-lo por entre as árvores?

**ESTRANHO.** Quieta! Estão cavalgando sobre uma ponte, uma ponte de madeira. Não há água na fonte, apenas pedregulhos. Espere! Agora posso ouvi-los, homens e mulheres, rezando um terço. A saudação dos anjos. Agora consigo ver onde você está trabalhando – uma grande cozinha, com paredes muito brancas, três janelas de treliças com flores. No canto do lado esquerdo um fogão, à direita uma mesa com cadeiras de madeira. E sobre a mesa, no canto, um crucifixo suspenso, uma vela acesa abaixo dele. O teto de vigas escuridas, um feixe de galhos de visco pendente na parede.

**DAMA.** (*amedrontada*) Onde você está vendo tudo isso?

**ESTRANHO.** No seu trabalho.

**DAMA.** Consegue ver pessoas nele?

**ESTRANHO.** Um velho está sentado à mesa, inclinado sobre uma bolsa de caça, as mãos juntas em prece. Uma mulher, sua juventude prolongada, de joelhos no chão. Novamente ouço os anjos saudando, como se estivessem distantes. Mas esses dois que estão na cozinha estão imóveis como figuras de cera. Um véu encobre tudo... Não, não era um poema! (*Despertando.*) Era algo mais.

**DAMA.** Era realidade! A cozinha de casa, onde você nunca colocou os pés. Aquele velho era meu avô, o guarda florestal, e a mulher era minha mãe. Estavam rezando por nós! Eram seis horas e os criados estavam rezando um terço do lado de fora, como sempre fazem.

**ESTRANHO.** Você me deixa inquieto. Isso era o começo de uma segunda visão? Era bonita. Um cômodo branco como a neve. Com flores e visco. Mas por que estavam rezando por nós?

**DAMA.** Por que seria! Porque fizemos coisas erradas?

**ESTRANHO.** O que é errado?

**DAMA.** Li que isso não existe. E, no entanto... Eu gostaria de ver minha mãe, não meu pai, porque ele me expulsou de casa como fez com ela.

**ESTRANHO.** Por que ele expulsou sua mãe?

**DAMA.** Quem poderia dizer? Muito menos uma criança. Vamos para minha casa. Quero fazer isso.

**ESTRANHO.** Para o covil do leão, o buraco da cobra? Um a mais ou um a menos não importa. Vou fazer isso por você, mas não como o filho pródigo. Não, você vai ver que posso atravessar o fogo e a água por você.

**DAMA.** Como você sabe?

**ESTRANHO.** Eu adivinho.

**DAMA.** E você consegue ver que no caminho para o lugar onde meus pais vivem as montanhas são íngremes demais para carros?

**ESTRANHO.** Isso é extraordinário de se ouvir, mas li ou sonhei algo parecido.

**DAMA.** Pode ser. Mas não vai ver nada que não seja natural, embora possa parecer incomum, porque homens e mulheres são uma raça estranha. Está pronto para me acompanhar?

**ESTRANHO.** Estou pronto – para qualquer coisa! (*A DAMA o beija na testa e faz o sinal da cruz, simplesmente, timidamente e sem gesticular.*)

**DAMA.** Então venha!

## CENA V

### NA ESTRADA

[*Uma paisagem com colinas; uma capela à direita a alguma distância, numa elevação. A estrada, ladeada por árvores frutíferas, serpenteia vindo do fundo. Entre as árvores podem-se ver colinas, nas quais há crucifixos, oradas e memoriais para vítimas de acidentes. Em primeiro plano uma placa com a legenda “Mendigos proibidos nessa paróquia”. O ESTRANHO e a DAMA entram.*]

**DAMA.** Você está cansado.

**ESTRANHO.** Não vou negar. Mas é humilhante confessar que estou faminto, que o dinheiro acabou. Nunca pensei que isso fosse me acontecer.

**DAMA.** Parece que deveríamos estar preparados para qualquer coisa, pois acho que caímos em desgraça. Meu sapato furou, e eu poderia chorar por termos chegado a isso,

parecendo mendigos.

**ESTRANHO.** (*apontando para o cartaz*) E mendigos não são permitidos nesta paróquia. Por que escrever isso em letras grandes aqui?

**DAMA.** Está aí há muito tempo pelo que me lembro. Pense nisso, não voltei aqui desde minha infância. E naquele tempo a estrada era mais curta e as colinas eram mais baixas. As árvores também eram menores e eu costumava ouvir pássaros cantando.

**ESTRANHO.** Para você os pássaros cantavam o ano todo! Agora eles só cantam na primavera – e o outono já vem chegando. Mas naquele tempo você costumava dançar ao longo desse caminho interminável de calvários, colhendo flores nos pés das cruzes. (*Uma trompa de caça à distância.*) O que foi isso?

**DAMA.** Meu avô voltando da caça. Um bom velho. Vamos, para chegar à casa com o entardecer.

**ESTRANHO.** Ainda está longe?

**DAMA.** Não. É só atravessarmos as colinas e o rio.

**ESTRANHO.** É o rio que estou ouvindo.

**DAMA.** O rio perto do qual eu nasci e cresci. Eu tinha dezoito anos quando cruzei essa margem, para ver o que havia no azul cinzento da distância... Agora já vi.

**ESTRANHO.** Está chorando!

**DAMA.** Pobre velhinho! Quando entrei no barco, ele disse: “Minha menina, para além daqui está o mundo. Quando tiver visto o suficiente, volte para suas montanhas e elas vão esconder você”. Agora já vi o suficiente. Demais até!

**ESTRANHO.** Vamos. Já está começando a escurecer. (*Pegam suas capas de viagem e caminham.*)

## CENA VI

### NUMA RAVINA

[*Uma ravina de beira de estrada, uma colina coberta de pinheiros. Em primeiro plano uma cabana de madeira, uma vassoura do lado de fora com um pelego de carneiro pendurado à esquerda, uma oficina de forja, uma chama vermelha vista pela abertura da porta. À direita, um moinho de trigo. No fundo, a estrada entre moinhos e pontes. As formações rochosas parecem perfis de gigantes.*]

[*Ao abrir-se a cortina, o FERREIRO está à porta de sua oficina e a MULHER DO MOLEIRO à porta do moinho. Quando a DAMA entra eles acenam um para o outro e saem. As roupas da DAMA e do ESTRANHO estão gastas e esfarrapadas.*]

**ESTRANHO.** Estão se escondendo de nós, provavelmente.

**DAMA.** Não acho isso, não.

**ESTRANHO.** Que lugar estranho! Tudo parece conspirar para despertar a inquietude. O que faz aquela vassoura ali? E o pelego de carneiro? Provavelmente porque é o lugar onde costumam ficar, mas eles me fazem pensar em feitiçaria. Porque a oficina de forja é preta e o moinho é branco? Porque um tem fuligem e o outro está coberto de trigo; mas quando vi o ferreiro negro à luz de sua forja e a mulher branca do moleiro, isso me lembrou um velho poema. Olhe para as faces dos gigantes... Lá está o lobisomem de quem salvei você. Veja ali o perfil dele, veja!

**DAMA.** Sim, mas aquilo é apenas uma pedra.

**ESTRANHO.** É só pedra, mas ainda assim é o lobisomem.

**DAMA.** Posso lhe dizer por que podemos vê-lo?

**ESTRANHO.** Você quer dizer – é sua consciência? O que nos pega quando estamos cansados e com fome, e fica em silêncio depois de termos comido e estarmos descansados. É horrível chegarmos assim em farrapos. Nossas roupas se esfrangalharam enquanto subíamos pelos espinheiros. Alguém está lutando contra mim.

**DAMA.** Por que você o desafiou?

**ESTRANHO.** Porque quero lutar em campo aberto, às claras; e não batalhar com contas não pagas e bolsos vazios. Por falar nisso: este é meu último tostão. O diabo fique com ele, se é que ele existe! *(Atira a moeda no mato.)*

**DAMA.** Oh! Poderíamos pagar a balsa com ela. Agora vamos ter de falar em dinheiro quando chegarmos em casa.

**ESTRANHO.** Quando é que podemos falar de qualquer outra coisa?

**DAMA.** Só porque você a desperdiçou.

**ESTRANHO.** Como sempre desperdicei tudo...

**DAMA.** Mas nem todas as coisas podem ser jogadas fora. Algumas são boas.

**ESTRANHO.** Nunca as vi.

**DAMA.** Então me siga que vou lhe mostrar.

**ESTRANHO.** Vou com você. *(Ele hesita ao passar pela oficina de forja.)*

**DAMA.** *(que continuou em frente)* Você tem medo do fogo

**ESTRANHO.** Não, mas... *(Ouve-se a trompa à distância. Ele se apressa para ir atrás da oficina seguindo a DAMA.)*

## CENA VII

## NUMA COZINHA

[*Uma cozinha grande com paredes brancas. Três janelas no canto direito, arranjadas de modo que duas estão no fundo e uma na parede da direita. As janelas são pequenas e possuem um grande recuo, no qual há vasos de flores. O teto é bem iluminado e preto de fuligem. No canto esquerdo, uma estante com utensílios de cobre, ferro e alumínio, e vasilhas de madeira. No canto direito um crucifixo com uma vela. Junto dele uma mesa quadrada com bancos. Ramalhetes de visco nas paredes. Uma porta ao fundo. Um asilo para indigentes pode ser visto do lado de fora e, pela janela do fundo, a igreja. Perto do fogão uma cama para os cachorros e uma mesa com comida para os indigentes.*]

[O VELHO está sentado à mesa perto do crucifixo, com as mãos entrelaçadas e uma bolsa de caça à sua frente. É um homem forte, de cerca de oitenta anos com cabelos brancos e longa barba, vestido como guarda florestal. A MÃE está ajoelhada no chão, cabelos grisalhos e cerca de cinquenta anos; seu vestido é preto e branco. Ouvem-se vozes de homens, mulheres e crianças cantando a última estrofe da Ave-Maria: “Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.”]

264

Tradução

VELHO e MÃE. Amém!

MÃE. Agora, vou lhe contar, Pai. Viram dois vagabundos perto do rio. As roupas deles estavam esfarrapadas e sujas, e parecia que tinham estado na água. E quando foram pagar o balseiro, não tinham dinheiro. Agora estão secando suas roupas na cabana do balseiro.

VELHO. Deixe que eles fiquem lá.

MÃE. Não negue sua casa a um mendigo. Ele bem pode ser um anjo.

VELHO. Lá isso é verdade. Deixe que entrem.

MÃE. Vou colocar comida para eles na mesa dos pobres. Você se importa com isso?

VELHO. Não.

MÃE. Dou cidra a eles?

VELHO. Sim. E pode acender a lareira, devem estar com frio.

MÃE. Tenho pouco tempo. Mas vou fazer isso, se você quiser, Pai.

VELHO. (*olhando pela janela*) Acho que é o melhor que você tem a fazer.

MÃE. Para o que está olhando aí?

VELHO. O rio está subindo. E me pergunto como se já tivesse setenta anos – quando é que vou chegar ao mar.

MÃE. Você está triste esta noite, Pai.

**VELHO** ... *et introibo ad altare Dei: ad Deum qui laetificat juventutem meam.* Sim, estou me sentindo triste... *Deus, Deus meu: quare tristis es anima mea, et quare conturbas me.*

**MÃE.** *Spera in Deo...* (A criada entra e acena para a MÃE, que caminha em sua direção. Elas cochicham alguma coisa e a jovem sai.)

**VELHO.** Eu ouvi o que você disse. Oh Deus! Tenho que suportar isso também!

**MÃE.** Você não precisa vê-los. Suba para seu quarto.

**VELHO.** Não. Isso seria um castigo. Mas por que vieram assim: como vagabundos.

**MÃE.** Talvez tenham perdido o caminho e ainda tenham muito a percorrer.

**VELHO.** Mas trazer o marido dela! Ela perdeu a vergonha?

**MÃE.** Você conhece a natureza extravagante de Ingeborg. Ela acha que tudo o que faz é adequado, ou melhor, correto. Você já a viu alguma vez envergonhada, ou sofrendo com uma contrariedade? Eu nunca vi. Mas, pelo contrário, não é que ela não sinta vergonha. E tudo o que ela faz, quão questionável seja, parece natural quando ela o faz.

**VELHO.** Sempre quis saber por que ninguém conseguia ficar zangado com ela. Ela não se sente irresponsável, ou pensa que qualquer coisa mais dura que lhe seja dita seja um insulto. Ela parece impessoal; ou antes, duas pessoas, uma que não comete nenhum pecado enquanto a outra dá absolvição... Mas esse homem! Não existe ninguém que eu tenha odiado mais que ele. Ele vê o mal por toda parte; e de ninguém mais ouvi falarem tanta coisa ruim.

**MÃE.** É verdade. Mas pode ser que Ingeborg tenha alguma missão nesta vida do homem; e também na dela. Talvez estejam destinados a torturarem um ao outro até a expiação completa.

**VELHO.** Talvez. Mas não tenho nada a ver com o que me parece vergonhoso. Tenho que aceitá-lo debaixo do meu teto, como tudo o mais. Nada mais me está reservado.

**MÃE.** Muito bem então. (A DAMA e o ESTRANHO entram.) Sejam bem-vindos.

**DAMA.** Obrigado, Mãe. (Ela olha para o VELHO, que se levanta e olha para o ESTRANHO.) Paz, meu avô. Esse é meu marido. Aperte a mão dele.

**VELHO.** Primeiro quero olhar para ele. (Chega perto do ESTRANHO, coloca as mãos nos ombros dele e o olha nos olhos.) Que motivo o traz aqui?

**ESTRANHO.** (francamente) Nenhum, a não ser fazer companhia para minha esposa, seu desejo mais intenso.

**VELHO.** Se é verdade, sejam bem-vindos! Tive uma vida longa e tormentosa até aqui e finalmente encontrei uma certa paz na solidão. Eu lhes peço que não a perturbem.

**ESTRANHO.** Não vim aqui para lhe pedir favores. Não vou levar nada comigo quando for embora.

**VELHO.** Essa não é a resposta que eu queria, pois todos nós precisamos um do outro. Talvez eu precise de você. Ninguém sabe, meu rapaz.

**DAMA.** Vovô!

**VELHO.** Sim, minha criança. Não posso desejar sua felicidade, porque isso não existe, mas lhe desejo força para carregar seu destino. Agora vou deixá-la. Sua mãe vai falar com você. (*Sai.*)

**DAMA** (*para sua mãe*). Você preparou aquela mesa para nós, Mãe?

**MÃE.** Não, foi um engano, como pode imaginar.

**DAMA.** Eu sei que parecemos dois miseráveis. Nós nos perdemos nas montanhas, e se vovô não tivesse tocado aquela trompa...

**MÃE.** Seu avô desistiu de caçar há muito tempo.

**DAMA.** Então foi alguma outra pessoa... Ouve, Mãe, vou até o quarto rosa e volto logo

**MÃE.** Certo. Volte num instante. (*A DAMA parece querer dizer alguma coisa, mas não o faz, e sai.*)

**ESTRANHO.** (*para a Mãe*) Já vi esse cômodo antes.

**MÃE.** E eu vi você. Sempre esperei você chegar.

**ESTRANHO.** Assim como se espera um desastre?

**MÃE.** Por que diz isso?

**ESTRANHO.** Porque percebo devastação onde quer que eu vá. Mas como devo ir a algum lugar, e não posso mudar meu destino, perdi meus escrúpulos.

**MÃE.** Então você é igual à minha filha – ela, também, não tem escrúpulos e nenhuma consciência

**ESTRANHO.** O quê?

**MÃE.** Acha que estou falando mal dela? Eu nunca faria isso. De minha própria filha. Só sugeri uma comparação, porque você a conhece.

**ESTRANHO.** Mas eu notei o que você falou sobre Eva.

**MÃE.** Por que você chama Ingeborg de Eva?

**ESTRANHO.** Inventando um novo nome para ela eu a fiz minha. Eu queria mudá-la...

**MÃE.** E refazer a imagem que tinha dela? (*rindo.*) Bem que me disseram que os feiticeiros

rurais esculpem imagens de suas vítimas e dão a elas os nomes das pessoas que querem enfeitar. Era esse o seu plano: por meio dessa Eva, que você mesmo fez, você pretendia destruir por completo o Sexo!

**ESTRANHO.** (*olhando para a MÃE surpreso*) Essas palavras malditas! Perdoe-me. Mas você tem crenças religiosas: como pode pensar essas coisas?

**MÃE.** Os pensamentos eram seus.

**ESTRANHO.** Isso está começando a ficar interessante. Eu imaginei um idílio na floresta, mas isto é o caldeirão de uma feiticeira.

**MÃE.** Não completamente. Você esqueceu, ou nunca soube, que um homem me abandonou vergonhosamente, e que você é um homem que também abandonou vergonhosamente uma mulher.

**ESTRANHO.** Francas palavras. Agora eu sei onde eu estou.

**MÃE.** Eu gostaria de saber onde eu estou. Você consegue sustentar duas famílias?

**ESTRANHO.** Se tudo vai bem.

**MÃE.** Nem tudo – nesta vida. Dinheiro pode ser perdido.

**ESTRANHO.** Mas o capital do meu talento não posso perder nunca.

**MÃE.** De verdade? Sabe-se muito bem que o maior dos talentos pode falhar... gradualmente ou de repente.

**ESTRANHO.** Nunca encontrei ninguém que pudesse sufocar a coragem de alguém.

**MÃE.** O orgulho pode ser sufocado. Seu último livro é muito mais fraco.

**ESTRANHO.** Você o leu?

**MÃE.** Sim. Eis porque conheço todos os seus segredos. Então não tente me enganar; não seria bom para você. (*Pausa.*) Uma bobagem, mas não faria nenhum bem para nós: por que você não pagou o balseiro?

**ESTRANHO.** Meu calcanhar de Aquiles! Eu tinha jogado fora minha última moeda. Não se pode falar de outra coisa além de dinheiro nesta casa?

**MÃE.** Claro que sim. Mas nesta casa nós cumprimos nosso dever antes do prazer. Então vocês vieram a pé porque não tinham dinheiro?

**ESTRANHO.** (*hesitando*) Sim...

**MÃE.** (*sorrindo*) Provavelmente nada para comer?

**ESTRANHO.** (*hesitando*) Não...

**MÃE.** Você é um companheiro muito fino!

**ESTRANHO.** Em toda a minha vida nunca me encaixei nessa categoria.

**MÃE.** Bem posso acreditar. É uma pena. Eu poderia rir da figura que você faz, se eu não soubesse que isso faria você chorar, e outras pessoas com você. (*Pausa.*) Mas agora você satisfez sua vontade, volte para a mulher que o ama; porque se você a deixar nunca mais vai sorrir, e logo vai esquecer o que era felicidade.

**ESTRANHO.** Isso é uma ameaça?

**MÃE.** Um aviso. Vai agora, e coma sua ceia.

**ESTRANHO.** (*Apontando para a mesa dos pobres*) Ali?

**MÃE.** Uma brincadeira bem fraca, que bem poderia se tornar realidade. Já vi isso acontecer.

**ESTRANHO.** Logo vou acreditar que tudo pode acontecer – isso é o pior que já soube ter acontecido.

**MÃE.** Pode acontecer ainda bem pior. Espere!

**ESTRANHO.** (*desalentado*) Estou preparado para qualquer coisa. (*Sai. Um instante depois o VELHO entra.*)

**VELHO.** Não era nenhum anjo afinal de contas.

**MÃE.** Nenhum anjo bom, com certeza.

**VELHO.** Com certeza! (*Pausa.*) Você sabe como as pessoas daqui são supersticiosas. Quando cheguei ao rio ouvi o seguinte: um fazendeiro disse que seu cavalo se assustara com “ele”; um outro disse que os cachorros ficaram tão bravos, que teve de os amarrar. O balseiro jurou que seu barco bebia menos água quando “ele” chegava. Superstição, mas...

**MÃE.** Mas o quê?

**VELHO.** Era só uma gralha que havia voado na janela, embora estivesse fechada. Uma ilusão, talvez.

**MÃE.** Talvez. Mas por que uma pessoa frequentemente vê coisas assim na hora certa?

**VELHO.** A presença desse homem é intolerável. Quando ele me olha me falta o ar.

**MÃE.** Temos que nos livrar dele. Estou certa de que ele não vai querer ficar aqui por longo tempo.

**VELHO.** Não. Ele não vai querer envelhecer aqui. (*Pausa.*) Ouça, recebi uma carta ontem à noite prevenindo-me sobre ele. Entre outras coisas ele está sendo procurado pela Justiça.

**MÃE.** Pela Justiça?

**VELHO.** Sim. Questões de dinheiro. Mas, lembre-se, as leis da hospitalidade protegem mendigos e inimigos. Que ele fique por alguns dias, até ter descansado dessa jornada assustadora. Você vai ver como a Providência colocou as mãos sobre ele, como sua alma está sendo triturada no moinho e ficando pronta para a peneira...

**MÃE.** Senti um chamado para ser uma ferramenta nas mãos da Providência.

**VELHO.** Não confunda isso com seu desejo de vingança.

**MÃE.** Vou tentar não fazê-lo, se puder.

**VELHO.** Bom, boa noite.

**MÃE.** Você acha que Ingeborg leu o último livro dele?

**VELHO.** Não é provável. Se o tivesse lido, nunca se teria casado com um homem que tivesse aquelas opiniões.

**MÃE.** Não, ela não o leu. Mas agora deve lê-lo..

## CENA VIII

### O QUARTO ROSA

[*Um quarto simples, agradavelmente mobiliado na casa do guarda florestal. Paredes em vermelho, cortinas de musselina rosa claro. Nas pequenas janelas de treliça há flores. À direita, uma escrivaninha e uma estante de livros. À esquerda, um sofá embaixo de cortinas na forma de um baldaquim. Mesas e cadeiras no estilo alemão antigo. No fundo, uma porta. Do lado de fora podem-se ver o campo e a casa dos pobres, um edifício escuro, desagradável, com janelas escuras, sem cortinas. Luz do sol forte. A DAMA está sentada no sofá, crochecendo.*]

**MÃE** (*De pé, com um livro encadernado de tecido rosa na mão.*) Você não vai ler o livro de seu marido?

**DAMA.** Não esse. Eu prometi não ler.

**MÃE.** Você não quer conhecer o homem a quem confiou seu destino?

**DAMA.** E para que serviria? Estamos todos certos com nossas razões.

**MÃE.** Você não faz grandes exigências da vida?

**DAMA.** Por que deveria? Nunca seriam cumpridas.

**MÃE.** Eu não sei se você nasceu cheia de sabedoria do mundo ou de loucura.

**DAMA.** Nem eu mesma sei.

**MÃE.** Se o sol brilha e você tem o que comer, já está satisfeita.

**DAMA.** Sim. E, quando acontece assim, aproveito muito bem.

**MÃE.** Mudando de assunto: você sabia que seu marido estava sendo processado pela Justiça por causa das dívidas dele?

**DAMA.** Sim. Isso acontece a todos os escritores.

**MÃE.** Ele é um burro ou um tratante?

**DAMA.** Nenhum dos dois. Ele não é um homem comum; e é uma pena que não possa dizer a ele nada que ele já não saiba. É por isso que não nos falamos muito; mas ele é feliz por eu estar perto dele e eu também sou por ficar perto dele.

**MÃE.** Você navegando em águas calmas? Não deve estar longe dos canais de irrigação! Mas você não acha que teria mais o que conversar se tivesse lido o que ele escreveu?

**DAMA.** Talvez. Você podia me passar o livro, se quiser.

**MÃE.** Pegue-o e o esconda. Seria uma bela surpresa se pudesse citar alguma coisa dessa obra-prima.

**270 DAMA.** (*escondendo o livro na bolsa*) Ele está vindo aí. Se falar com ele, pode ser que ele perceba de longe.

**MÃE.** Se ele desconfiasse o quanto faz as pessoas sofrerem – de longe. (*Sai pela esquerda. A DAMA, sozinha por um instante, olha para o livro e parece desanimada. Esconde-o na bolsa.*)

**ESTRANHO.** (*entrando*) Sua mãe estava aqui? Estavam falando de mim, claro. Posso ouvir as palavras rabugentas dela. Elas chicoteiam o ar e escurecem a luz do sol. Ainda posso vislumbrar a impressão do corpo dela na atmosfera da sala, e ainda sinto o odor de serpente morta que deixou.

**DAMA.** Você está irritadiço hoje.

**ESTRANHO.** Terrivelmente. Algum maluco afinou meus nervos fora do tom, e está tocando neles com um arco de crinas de cavalo até meus dentes rangerem... Você não sabe o que é isso! Há alguém aqui que é mais forte que eu! Alguém com uma lanterna me iluminando o rosto por onde quer que eu ande. Costumam praticar magia negra neste lugar?

**DAMA.** Não vire as costas para a luz do sol. Olhe para essa paisagem bonita, vai se sentir mais calmo.

**ESTRANHO.** Não suporto esse asilo de indigentes. Parece que foi construído ali só pra me aporrinhar. E uma mulher enlouquecida sempre fica ali convidando para entrar.

**DAMA.** Acha que tratam você mal aqui?

**ESTRANHO.** De certo modo não. Alimentam-me com guloseimas, como se eu tivesse

que engordar para ser levado ao matadouro. Mas não consigo comer porque o fazem com má vontade, e sinto os raios gelados de seu ódio. Parece-me que sopra um vento gelado por toda parte, embora tudo esteja parado e quente. E fico ouvindo aquele moinho amaldiçoado...

**DAMA.** Ele não está moendo agora.

**ESTRANHO.** Sim. Moendo... moendo.

**DAMA.** Ouça. Não há ódio nenhum aqui. Piedade, no pior dos casos.

**ESTRANHO.** Outra coisa... Por que as pessoas que encontramos fazem o sinal da cruz?

**DAMA.** Apenas porque estão acostumadas a rezar em silêncio. (*Pausa.*) Você recebeu uma carta desagradável nesta manhã?

**ESTRANHO.** Sim. Do tipo que faz seu cabelo ficar em pé na sua cabeça, de um jeito que te dá vontade de amaldiçoar o destino. Devo uma certa soma de dinheiro. Mas não estou conseguindo pagar. Agora a Justiça está se voltando contra mim num processo movido... pelos guardiães de meus filhos, porque não paguei a pensão. Ninguém nunca foi colocado nessa posição desonrosa. Eu sou incensurável. Posso pagar do meu jeito, eu quero pagar, mas estou desprevenido no momento! Não por culpa minha, embora para minha vergonha! Não é da minha natureza agir assim. O diabo meteu a mão nessa história.

**DAMA.** Por quê?

**ESTRANHO.** Por quê? Por que uma pessoa que nasce ignorante neste mundo, desconhecendo tudo sobre leis, usos e costumes, inadvertidamente cai em erro? E por isso é punida. Por que alguém que cresceu numa juventude cheia de altíssima ambição que só o levou a praticar ações vis é abominado? Por quê, por quê?

**DAMA.** (*que secretamente estivera olhando para o livro: distraidamente*) Deve haver uma razão, mesmo que não a conheçamos.

**ESTRANHO.** Se for para humilhar alguém, esse é um método muito pobre. Só me torna muito mais arrogante. Eva!

**DAMA.** Não me chame assim.

**ESTRANHO.** (*bruscamente*) Por que não?

**DAMA.** Não gosto desse nome. Você se sentiria assim também se eu o chamasse de César.

**ESTRANHO.** Tem que voltar a esse assunto?

**DAMA.** A que assunto?

**ESTRANHO.** Você mencionou esse nome por alguma razão?

**DAMA.** César? Não. Mas estou começando a descobrir coisas.

**ESTRANHO.** Muito bem! Então posso honrosamente me desonrar por minhas próprias mãos. Eu sou César, o colegial, por cuja escapada seu marido, o lobisomem, foi punido. O destino se delicia construindo laços com a eternidade. Um esporte muito nobre esse! (A DAMA, *incerta com relação ao que fazer, não responde.*) Diga alguma coisa!

**DAMA.** Não consigo.

**ESTRANHO.** Diga que ele se tornou lobisomem porque, quando criança, perdeu a crença na justiça dos céus, devido ao fato de que, embora inocente, foi punido pelo malfeito de outra pessoa. Mas, se disser isso, eu vou dizer que sofri dez vezes mais em minha consciência, e que a crise espiritual que se seguiu deixou-me tão enfraquecido que nunca mais fiz aquilo de novo.

**DAMA.** Não. Não foi isso.

**ESTRANHO.** Então o que foi? Não me respeita mais?

**DAMA.** Não é isso também.

**ESTRANHO.** Então é me fazer sentir vergonha diante de você! E isso seria o fim de tudo entre nós.

**DAMA.** Não!

**ESTRANHO.** Eva.

**DAMA.** Lá vem você com maus pensamentos.

**ESTRANHO.** Você quebrou sua promessa: estive lendo meu livro!

**DAMA.** Sim, estive.

**ESTRANHO.** Então fez muito mal.

**DAMA.** Minha intenção era boa...

**ESTRANHO.** Até mesmo os resultados das suas boas intenções são terríveis! Você me jogou para o ar com meu próprio petardo. Por que todas nossas más ações ficam amontoadas – tanto as bobagens infantis quanto as ações realmente perversas? É muito fácil colher o mal onde ele foi semeado. Mas eu nunca vi uma boa ação ser premiada. Nunca! É uma desgraça para Aquele que registra todos os pecados, os capitais quanto os veniais. Nenhum homem pode fazê-lo: os homens poderiam perdoar, mas os deuses... jamais!

**DAMA.** Não diga isso. Diga que você perdoaria.

**ESTRANHO.** Não tenho a memória curta. Mas o que eu teria perdoado em você?

**DAMA.** Mais do que posso dizer.

**ESTRANHO.** Diga. Talvez depois fiquemos quites.

**DAMA.** Eu e ele costumávamos ler a maldição do Deuteronômio contra você... porque você arruinou a vida dele.

**ESTRANHO.** Que maldição é essa?

**DAMA.** Do quinto livro de Moisés. Os padres a cantam no início dos jejuns.

**ESTRANHO.** Não me lembro disso. Qual a importância dela – uma maldição a mais ou a menos?

**DAMA.** Na minha família aqueles a quem amaldiçoamos não escapam.

**ESTRANHO.** Não acredito nisso. Mas acredito sim que o mal emana desta casa. Que o mal da casa retroceda para ela mesma! É o que peço em oração! Agora, segundo o costume, seria meu dever me suicidar, mas não posso, porque tenho outras coisas para fazer. Veja, nem posso morrer, e assim perdi meu último tesouro – que, com razão, chamo de minha religião. Ouvei que o homem pode engalfinhar-se com Deus, e com sucesso; mas nem mesmo Jó poderia lutar contra Satã. *(Pausa.)* Vamos falar de você...

**DAMA.** Agora não. Mais tarde talvez. Desde que conheci aquele seu livro terrível – só dei uma olhadela nele, só li algumas linhas aqui e ali - senti como se tivesse comido da árvore do conhecimento. Meus olhos se abriram e eu sei o que são o bem e o mal. E agora vejo o mal que há em você e porque sou chamada de Eva. Ela era mãe e trouxe pecado para o mundo; e foi outra mãe que trouxe expiação. A maldição da humanidade foi dada pela primeira, a bênção pela segunda. Em mim você não destruirá meu sexo. Talvez eu tenha uma missão diferente na sua vida. Ainda vamos ver!

**ESTRANHO.** Então você comeu da árvore do conhecimento? Adeus.

**DAMA.** Está indo embora?

**ESTRANHO.** Não posso ficar aqui

**DAMA.** Não vá embora.

**ESTRANHO.** Eu devo ir. Preciso esclarecer tudo. Vou me despedir dos velhos agora. Volto logo. Não vou me demorar. *(Sai.)*

**DAMA.** *(permanece imóvel, depois vai para a porta e olha para fora. Ajoelha-se.)* Não! Ele não vai voltar!

**Cortina.**

## CENA IX

### CONVENTO

[O refeitório de um convento antigo, semelhante uma igreja romana simples caiada de

*branco. Há manchas escuras nas paredes, parecidas a figuras estranhas. Uma mesa longa com tigelas; ao final dela uma cadeira alta para o Leitor. No fundo uma porta que leva para a capela. Velas acesas sobre as mesas. Na parede, à esquerda, uma pintura representando o Arcanjo Miguel matando o Demônio.]*

*[O ESTRANHO está sentado à esquerda, a uma mesa do refeitório, vestindo a roupa branca de paciente, com uma tigela diante dele. À mesa, do lado direito, estão sentados os carpideiros vestidos de marrom da cena I. Uma mulher chorosa com duas crianças. Uma mulher que parece a DAMA, mas que não é ela e que está crochecendo em vez de comer. Um homem muito parecido com o Médico, um outro com o Louco. Outros como o Pai, a Mãe, o Irmão, Pais do “Filho Pródigo”. Todos estão vestidos de branco, mas sobre suas roupas brancas há outras de crepe colorido. Suas faces são como de cera e cadavéricas, toda sua aparência é exagerada, seus gestos estranhos. Quando a Cortina se abre estão terminando um Pai-nosso, exceto o ESTRANHO.]*

**ESTRANHO.** *(erguendo-se e se dirigindo à ABADESSA, que está em pé servindo à mesa.)*  
Mãe, posso lhe falar?

**ABADESSA.** *(num hábito branco e preto de Santo Agostinho)* Sim, meu filho. *(Dirige-se um pouco para trás.)*

**ESTRANHO.** Em primeiro lugar, onde estou?

**ABADESSA.** Num convento chamado São Salvador. Foi encontrado nas colinas, acima da ravina, com uma cruz que você arrancou de um calvário e com a qual ameaçava alguém que estava nas nuvens. E na verdade você achava que o via mesmo. Estava febril e havia perdido uma galocha. Foi recolhido, sem ferimentos, perto de um rochedo, mas delirando. Foi trazido ao hospital e colocado numa cama. Desde então, tem falado selvagememente, e reclamado de uma dor nos quadris, mas os enfermeiros não encontraram nenhum problema.

**ESTRANHO.** Que coisas eu dizia?

**ABADESSA.** Você tinha os sonhos febris usuais. Censurava a você mesmo por toda série de coisas, e achava que podia ver suas vítimas, como as chamava.

**ESTRANHO.** E depois?

**ABADESSA.** Seus pensamentos logo se voltavam para questões de dinheiro. Queria pagar você mesmo o hospital. Eu tentava acalmá-lo dizendo-lhe que não lhe seria solicitado nenhum pagamento, que tudo aqui é feito por caridade...

**ESTRANHO.** Eu não quero caridade.

**ABADESSA.** É mais abençoado dar do que receber, mas uma criatura de coração nobre pode aceitar e ser agradecida.

**ESTRANHO.** Eu não quero caridade.

**ABADESSA.** Hm!

**ESTRANHO.** Diga-me, por que nenhuma dessas pessoas se senta à mesma mesa comigo? Elas ficam indo... e vindo...

**ABADESSA.** Parecem ter medo de você.

**ESTRANHO.** Por quê?

**ABADESSA.** Você parece tão ...

**ESTRANHO.** Eu? Mas o que há com elas? São reais?

**ABADESSA.** Se quer dizer se são de verdade, elas têm uma realidade terrível. Podem parecer estranhas para você, porque ainda está febril. Ou talvez haja uma outra razão.

**ESTRANHO.** Parece que as conheço, a todas elas! Eu as vejo como num espelho: elas agem como se estivessem comendo... Elas estão representando alguma peça de teatro? Aquelas ali parecem meus pais, ou antes... (*Pausa.*) Até agora não me metiam medo, porque a vida foi inútil para mim... Mas agora estou começando a ficar assustado.

**ABADESSA.** Se não acha que são reais, vou chamar o Confessor para apresentar você. (*Faz sinal para o CONFESSOR, que se aproxima.*)

**CONFESSOR.** (*vestido com o hábito preto e branco dos dominicanos*) Irmã!

**ABADESSA.** Fale com aquele paciente sentado ali à mesa.

**CONFESSOR.** Vou falar logo em seguida.

**ESTRANHO.** Permita-me uma pergunta primeiro. Já nos encontramos antes?

**CONFESSOR.** Sim. Eu me sentei ao lado de sua cama, quando você estava delirando. A seu pedido, eu o ouvi em confissão.

**ESTRANHO.** O quê? Em confissão?

**CONFESSOR.** Sim. Mas não pude lhe dar absolvição porque parecia que você estava febril.

**ESTRANHO.** Por quê?

**CONFESSOR.** Não havia praticamente nenhum pecado ou vício que não pudesse declarar – coisas tão odiosas suficientes para fazê-lo viver em penitência antes de pedir absolvição. Agora você é você outra vez e posso lhe perguntar se existe alguma base para as acusações que fez contra si mesmo. (*A ABADESSA sai*)

**ESTRANHO.** Você tem esse direito?

**CONFESSOR.** Não. Na verdade, nenhum direito. (*Pausa.*) Mas você quer saber em com-

panhia de quem você está! São os melhores. Ali, por exemplo, está um louco, César, que perdeu o juízo ao ler as obras de um certo escritor cuja notoriedade é maior do que sua fama. Está ali também um mendigo, que não admite que é um mendigo porque aprendeu Latim e é livre. Depois, um médico, chamado de lobisomem, cuja história é bastante conhecida. E também um pai e uma mãe que quase morreram de desgosto com um filho que ergueu a mão para eles. Ele deve ser culpado de não visitar a tumba de seu pai e de profanar o túmulo de sua mãe. Há também sua irmã infeliz, a quem ele arrastou pela neve, como ele mesmo conta, com as melhores intenções. Mais adiante há uma mulher que foi abandonada com os dois filhos, ainda há uma outra fazendo seu crochê... São todos velhos conhecidos. Vá até lá e os cumprimente! (*O ESTRANHO havia virado as costas para o grupo: agora ele se dirige para a mesa, pela esquerda, e se senta de costas para as pessoas. Ergue a cabeça, vê o quadro do Arcanjo Miguel e abaixa os olhos. O CONFESSOR fica atrás do ESTRANHO. Ouve-se um Réquiem católico vindo da capela. O CONFESSOR fala ao ESTRANHO em voz baixa enquanto a música continua.*) Quantus tremor est futurus - Quando judex est venturus - Cuncta stricte discussurus, - Tuba mirum spargens sonum - Per sepulchra regionum - Coget omnes ante thronum. - Mors stupebit et natura, - Cum resurget creatura - Judicanti responsura - Liber scriptus proferetur - In quo totum continetur - Unde mundus judicetur. - Judex ergo cum sedebit - Quidquid latet apparebit - Nil inultum remanebit. (*Vai até a escrivadinha, pela direita, e abre seu breviário. A música para.*) Vamos continuar a leitura... “Mas se não prestardes atenção à voz do Senhor todas essas maldições hão de cair sobre vós. Malditos sereis na cidade, e malditos sereis no campo, malditos serão os que chegarem e malditos serão os que partirem”.

**TODOS.** (*em voz pouco elevada*) Malditos!

**CONFESSOR.** “O Senhor vos enviará vexame e reprovação em tudo o que fizerdes com vossas mãos até serdes todos destruídos e perecerdes rapidamente por causa da fraqueza de vossas ações e por onde quer que tenhais renunciado a mim.”

**TODOS.** (*em voz alta*) Malditos!

**CONFESSOR.** “O Senhor vos obrigará a serdes castigados diante de vossos inimigos: tereis apenas um caminho para chegar diante deles, e sete para deles fugir e sereis levados para todos os reinos da terra. E vossos cadáveres serão devorados por todas as aves do ar e pelas bestas da terra, e nenhum homem as espantará. O Senhor vos golpeará com as pragas do Egito, com chagas e comichão, com loucura e cegueira que vos farão andar às apalpadelas em plena luz do dia feito cegos nas trevas. Não fareis nenhum progresso em vossas vidas, e sereis espoliados e oprimidos, e ninguém vos salvará. Vós vos casareis com vossas esposas e um outro homem se deitará com elas: construireis uma casa, mas não morareis nela: plantareis um vinhedo, mas não colhereis as uvas que brotarem. Vossos filhos e vossas filhas serão entregues a outra gente e vossos olhos murcharão de saudade deles; e não haverá qualquer poder em vossas mãos. E não encontrareis qualquer alívio

sobre a terra, nem a sola de vossos pés encontrará repouso: o Senhor vos dará um coração trêmulo, e olhos deficientes e mente angustiada. E vossa vida ficará suspensa em dúvidas diante de vós, e sentireis medo dia e noite. De manhã direis “quisera Deus que ainda fosse noite”. E à noite direis “quisera Deus que já fosse de manhã”. E porque servistes não a vosso Senhor Deus quando vivíeis em segurança, vós o servireis na fome, e na sede, e na nudez e na necessidade e Ele vai colocar uma canga de ferro em vossos pescoços, até que vos tenha destruído!’

**TODOS.** Amém! (*O CONFESSOR leu o texto acima em voz alta e rapidamente, sem se voltar para o ESTRANHO. Todos os presentes, exceto a DAMA, que está crochecendo, ouviram com atenção e concordam com a maldição, embora pareçam não notar o ESTRANHO, que ficou atrás deles, mergulhado em si mesmo. O ESTRANHO agora se levanta como que para sair. O CONFESSOR vai até ele.*)

**ESTRANHO.** O que foi aquilo?

**CONFESSOR.** O Livro do Deuteronômio.

**ESTRANHO.** Claro. Mas me lembro de que há bênçãos nele, também.

**CONFESSOR.** Sim, para os que guardam os mandamentos d’Ele.

**ESTRANHO.** Hm... Não posso negar que, por um momento, me senti sacudido. As tentações, devemos resistir a elas, ou os avisos devem ser obedecidos? (*Pausa.*) De todo modo, estou certo de que agora estou febril. Tenho que ir a um médico de verdade.

**CONFESSOR.** Veja bem que ele seja o médico certo!

**ESTRANHO.** Naturalmente!

**CONFESSOR.** Que possa curar prazerosos “escrúpulos de consciência”!

**ABADESSA.** Se você precisar de caridade novamente, agora já sabe onde encontrar.

**ESTRANHO.** Não. Eu não.

**ABADESSA.** (*em voz baixa*) Então vou lhe dizer. Num quarto “rosa”, perto de um regato murmurante.

**ESTRANHO.** É bem verdade! Num quarto “rosa”. Espere, há quanto tempo estou aqui?

**ABADESSA.** Faz três meses hoje..

**ESTRANHO.** Três meses! Estive dormindo? Ou onde foi que estive? (*Olhando para fora da janela*) É outono. As árvores estão nuas, as nuvens parecem geladas. Agora está vindo de volta para mim! Consegui ouvir um moinho girando? O som de uma trompa? O rumor de um rio? Uma floresta sussurrando e uma mulher se lamentando? Você tem razão. É preciso mesmo buscar a caridade. Adeus. (*Sai.*)

**CONFESSOR.** (*para a ABADESSA*) Louco! Muito louco!

**Cortina.**

## CENA X

### O QUARTO “ROSA”

[*As cortinas foram fechadas. As janelas estão escancaradas para a escuridão exterior. A mobília foi coberta com panos marrons e empurrada para trás. As flores foram retiradas, e o grande fogão foi aceso. A MÃE está de pé passando a ferro cortinas brancas com uma única lamparina. Alguém bate à porta.*]

**MÃE.** Entre!

**ESTRANHO.** (*entrando*) Onde está minha mulher?

**MÃE.** De onde você vem?

**ESTRANHO.** Do inferno, acho. Mas onde está minha mulher?

**MÃE.** Qual delas você quer dizer?

**ESTRANHO.** Sua pergunta se justifica. Tudo se justifica, exceto eu.

**MÃE.** Deve haver uma razão. Estou contente que tenha percebido isso. Onde você esteve?

**ESTRANHO.** Num asilo de pobres, num asilo de loucos ou num hospital, não sei direito. Gostaria de pensar que tudo isso é um sonho febril. Estive doente: perdi a memória e não acredito que se tenham passado três meses. Mas onde está minha mulher?

**MÃE.** Eu é que devia lhe perguntar isso. Quando você a abandonou, ela saiu – procurando por você. Se ela ficou cansada de procurar, não sei dizer.

**ESTRANHO.** Alguma coisa está fora do lugar aqui. Onde está o Velho?

**MÃE.** Onde não existe mais sofrimento.

**ESTRANHO.** Você quer dizer que ele está morto?

**MÃE.** Sim. Ele morreu.

**ESTRANHO.** Você diz isso como se quisesse adicioná-lo às minhas vítimas.

**MÃE.** Talvez estivesse certa em fazê-lo.

**ESTRANHO.** Ele não parecia ser sensível: era capaz de esforços cansativos.

**MÃE.** Não. Ele apenas odiava o que era do mal, em si mesmo e nos outros.

**ESTRANHO.** Então estou errado nisso também! (*Pausa.*)

**MÃE.** O que você quer aqui?

**ESTRANHO.** Caridade!

**MÃE.** Finalmente! Como era lá no hospital! Sente-se aí e me conte.

**ESTRANHO.** (*sentando-se*) Não quero pensar nisso. Não quero nem saber que aquilo era um hospital.

**MÃE.** Que estranho. Conte o que aconteceu depois que saiu de lá.

**ESTRANHO.** Caí nas montanhas, feri meus quadris e perdi a consciência. Se falar comigo gentilmente poderá saber mais.

**MÃE.** Eu o farei.

**ESTRANHO.** Quando acordei, estava numa cama de ferro vermelha. Três homens puxavam uma corda que corria entre dois blocos. Toda vez que puxavam eu sentia que ficava meio metro mais alto....

**MÃE.** Eles estavam tracionando seus quadris.

**ESTRANHO.** Não havia pensado nisso. Então... fiquei deitado olhando minha vida passada se desenrolar diante de mim como um filme, através da minha infância, minha juventude... E quando o rolo terminou começou tudo de novo. Todo tempo eu ouvia um moinho girando... Ainda posso ouvi-lo. Sim, aqui também!

**MÃE.** Não eram visões nada agradáveis.

**ESTRANHO.** Não. Finalmente cheguei à conclusão... de que eu era um verdadeiro velhaco.

**MÃE.** Por que se dar esse nome?

**ESTRANHO.** Eu sei que você preferiria me ouvir dizer que sou um canalha. Mas poderia parecer que eu estivesse me elogiando. Isso implicaria uma certeza sobre mim que eu ainda não possuo.

**MÃE.** Ainda está em dúvida?

**ESTRANHO.** Em grande medida. Mas comecei a fazer uma vaga ideia.

**MÃE.** Qual...?

**ESTRANHO.** De que existem forças nas quais, até agora, eu não acredito.

**MÃE.** Você já entendeu que nem você, nem qualquer outro homem, dirige seu próprio destino?

**ESTRANHO.** Entendi.

**MÃE.** Então você já trilhou uma boa parte do caminho.

**ESTRANHO.** Mas eu próprio estou mudado. Estou arruinado, pois perdi toda aptidão para escrever. E não consigo dormir à noite.

**MÃE.** Não me diga!

**ESTRANHO.** Essas coisas que chamam de pesadelos me paralisam. O pior de tudo no fim das contas: eu não ousou morrer, porque não tenho certeza de que minhas misérias vão terminar com o meu fim.

**MÃE.** Oh! Não me diga!

**ESTRANHO.** Pior ainda: eu me eduquei para ter aversão a mim mesmo de modo que pudesse escapar de mim mesmo, se eu soubesse como. Se eu fosse cristão, não poderia obedecer ao primeiro mandamento, amar meu próximo como a mim mesmo, pois eu teria que odiá-lo como a mim mesmo. É verdade que sou um velhaco. Sempre desconfiei disso, e porque nunca quis que a vida me fizesse de bobo, observei os “outros” cuidadosamente. Quando vi que eles não eram melhores que eu, me resenti com a tentativa de eles me humilharem.

**MÃE.** Você errou em pensar que isso fosse uma questão entre você e os outros. Você tem que tratar disso com Ele.

**ESTRANHO.** Com quem?

**MÃE.** O Ser Invisível, que guia seu destino.

**ESTRANHO.** Gostaria de vê-Lo.

**MÃE.** Isso seria sua morte.

**ESTRANHO.** Oh não!

**MÃE.** Onde você consegue esse espírito diabólico de rebelião? Se você não quer inclinar seu pescoço com o resto, será quebrado como uma vareta de bambu.

**ESTRANHO.** Não sei de onde vem essa idiotice medonha. É verdade que uma conta não paga me faz tremer, mas, se eu tivesse que escalar o monte Sinai e enfrentar o Ser Eterno, eu não cobriria meu rosto.

**MÃE.** Jesus e Maria! Não diga essas coisas. Você vai me fazer pensar que é um filho do Diabo.

**ESTRANHO.** Parece que essa é a opinião geral. Mas eu ouvi que aquele que serve o Ser do Mal consegue honrarias, benesses e ouro como recompensa. Especialmente ouro. Você me acha suspeito?

**MÃE.** Você trouxe uma maldição para minha casa.

**ESTRANHO.** Então eu vou embora.

**MÃE.** E sair assim à noite. Ir onde?

**ESTRANHO.** Procurar a única pessoa a quem odeio.

**MÃE.** Tem certeza de que ela o vai receber?

**ESTRANHO.** Absoluta.

**MÃE.** Eu não tenho.

**ESTRANHO.** Eu tenho.

**MÃE.** Então devo dissipar suas dúvidas.

**ESTRANHO.** Você não vai conseguir.

**MÃE.** Sim, eu consigo.

**ESTRANHO.** Isso é mentira.

**MÃE.** Já não estamos mais nos falando educadamente. Temos que parar. Você consegue dormir no sótão?

**ESTRANHO.** Não consigo dormir em lugar nenhum.

**MÃE.** De todo modo, gostaria de lhe desejar uma boa noite, acredite você ou não na minha sinceridade.

**ESTRANHO.** Você tem certeza de que não há ratos no sótão? Não tenho medo de fantasmas, mas os ratos não são nada agradáveis.

**MÃE.** Agrada-me saber que não tem medo de fantasmas, pois ninguém dormiu uma noite inteira lá... seja qual tivesse sido a causa.

**ESTRANHO.** *(após um momento de hesitação)* Nunca encontrei uma mulher mais perversa que você. A razão é que você tem religião.

**MÃE.** Boa noite!

**Cortina.**

## CENA XI

### NA COZINHA

*[Está escuro, mas a lua do lado de fora lança sombras móveis das plantas da janela no chão da cozinha, conforme o movimento das nuvens de tempestade que passam. No canto, sob o crucifixo, onde o VELHO costumava se sentar, um corno de caça, uma arma e uma bolsa de caça pendurados na parede. Sobre a mesa, uma ave de rapina empalhada. Quando as janelas se abrem as cortinas balançam ao vento; e as toalhas de mesa, guardanapos e toalhas, que estão dependurados numa cordinha ao longo da lareira, se movem com o vento, cujo sussurro pode ser ouvido. Ao longe, o ruído de uma cachoeira. Ouvem-se pancadas na porta de madeira.]*

**ESTRANHO.** (*entrando, meio vestido, uma vela na mão*) Tem alguém aí? Não. (*Volta com um candelabro, que faz as sombras ficarem menos marcadas.*) O que está se movendo aí no chão? Tem alguém aí? (*Vai para a mesa, vê a ave empalhada e fica parado com a luz.*) Meu Deus!

**MÃE.** (*chegando com uma lamparina*) Ainda de pé?

**ESTRANHO.** Não conseguia dormir.

**MÃE.** (*gentilmente*) Por que não, meu filho?

**ESTRANHO.** Eu ouvi alguém acima de mim.

**MÃE.** Impossível. Não há nada acima do sótão.

**ESTRANHO.** Eu sei, por isso fiquei tão alarmado! O que se move no chão como serpentes?

**MÃE.** Os raios da lua.

**ESTRANHO.** Sim. Os raios da lua. Aí tem uma ave empalhada. E aquilo ali são toalhas. Tudo muito natural, é isso que me deixa alarmado. Quem bateu à porta no meio da noite? Havia alguém fechado do lado de fora?

**MÃE.** Era um cavalo no estábulo.

**ESTRANHO.** Por que ele fazia aquele barulho?

**MÃE.** Alguns animais têm pesadelos.

**ESTRANHO.** O que são pesadelos?

**MÃE.** Quem sabe?

**ESTRANHO.** Posso me sentar?

**MÃE.** Eu quero falar seriamente com você. Fui rancorosa ontem à noite; precisa me perdoar. Foi só porque preciso de religião. Para poupar você, vou lhe contar o que os pesadelos são para mim. Minha má consciência! Se eu punisse a mim mesma ou se outra pessoa me punisse, eu não sei. Não me permito perguntar. (*Pausa.*) Agora me diga o que você viu no seu quarto.

**ESTRANHO.** É difícil dizer. Nada. Quando entrei, senti como se alguém estivesse ali. Então fui para a cama. Mas alguém começou a caminhar de um lado para outro com um passo pesado. Você acredita em fantasmas?

**MÃE.** Minha religião não me permitiria isso. Mas acredito que nosso senso de certo e errado vai encontrar um modo de nos punir.

**ESTRANHO.** Logo senti um vento frio no meu peito – que chegou até meu coração e me fez ficar de pé.

**MÃE.** E depois?

**ESTRANHO.** Fiquei parado e vi todo o filme da minha vida se desenrolar diante de mim. Eu vi tudo - e isso foi o pior de tudo.

**MÃE.** Eu sei. Já passei por isso. Não existe nome para essa doença, e apenas uma forma de cura.

**ESTRANHO.** E qual é?

**MÃE.** Você sabe o que as crianças fazem quando fazem alguma coisa errada?

**ESTRANHO.** O quê?

**MÃE.** Primeiro pedem perdão!

**ESTRANHO.** E depois?

**MÃE.** Tentam se emendar.

**ESTRANHO.** Não seria suficiente sofrer de acordo com seus deméritos?

**MÃE.** Não. Isso seria uma vingança.

**ESTRANHO.** Então o que se deve fazer?

**MÃE.** Você poderia consertar uma vida que você destruiu? Desfazer uma má ação?

**ESTRANHO.** Acho que não mesmo. Mas fui forçado a isso! Forçado porque ninguém me deu o direito de escolha. Maldito seja Aquele que me forçou! (*Pondo a mão sobre o coração.*) Ah! Ele está aqui, neste cômodo. Está arrancando meu coração!

**MÃE.** Então incline sua cabeça.

**ESTRANHO.** Não consigo.

**MÃE.** Fique de joelhos.

**ESTRANHO.** Não vou me ajoelhar.

**MÃE.** Cristo, tenha piedade! O Senhor tenha piedade de você! De joelhos diante d'Aquele que foi crucificado! Só Ele pode limpar a sujeira que foi feita.

**ESTRANHO.** Não diante d'Ele! Se eu fui forçado, vou me retratar... mais tarde.

**MÃE.** De joelhos, meu filho!

**ESTRANHO.** Não consigo dobrar o joelho. Não posso. Ajude-me, Deus Eterno.

(*Pausa.*)

**MÃE.** (*após uma prece apressada*) Você se sente melhor?

**ESTRANHO.** Sim... Não era a morte. Era uma aniquilação!

**MÃE.** A aniquilação do Divino, a que chamamos de morte espiritual.

**ESTRANHO.** Estou vendo. (*Sem ironia.*) Começo a compreender.

**MÃE.** Meu filho! Você saiu de Jerusalém e está agora na estrada para Damasco. Volte para trás pelo mesmo caminho. Erga uma cruz em cada estação de parada, e pare na sétima. Para você não existe a décima-quarta, como para Ele.

**ESTRANHO.** Você fala por enigmas.

**MÃE.** Então siga em frente seu caminho. Procure todos aqueles a quem tem alguma coisa a dizer. Primeiro, sua mulher.

**ESTRANHO.** Onde ela está?

**MÃE.** Você tem que encontrá-la. Deve encontrá-la. No seu caminho não se esqueça de chamar aquele a quem chama de lobisomem.

**ESTRANHO.** Nunca!

**MÃE.** Você disse isso, quando chegou aqui. Como você sabe, eu esperei sua chegada.

**ESTRANHO.** Por quê?

**MÃE.** Por razão nenhuma.

**ESTRANHO.** Justamente como vi esta cozinha... num transe...

**MÃE.** Eis porque agora lamento tentar separar você e Ingeborg. Vai e procura por ela. Se a encontrar, muito que bem. Se não, talvez isso já estivesse predeterminado. (*Pausa.*) Já está amanhecendo. A manhã já veio e a noite passou.

**ESTRANHO.** Que noite!

**MÃE.** Você vai se lembrar dela.

**ESTRANHO.** Não de toda ela... só alguma coisa.

**MÃE.** (*olhando para fora da janela, como se para si mesma*) Amável estrela da manhã, quão longe do céu você foi cair!

**ESTRANHO.** (*após uma pausa*) Você notou que, antes de o sol se levantar, um sentimento de terror toma conta da humanidade? Somos filhos da escuridão, nós que trememos diante da luz?

**MÃE.** Você nunca vai parar de se questionar?

**ESTRANHO.** Nunca. Porque eu anseio pela luz.

**MÃE.** Vai então, e procura. E que a paz esteja com você!

**CENA XII**

## NA RAVINA

[A mesma paisagem de antes, mas com cores de outono. As árvores perderam suas folhas. O trabalho continua na oficina do ferreiro e no moinho. O FERREIRO está em pé no umbral da porta, a esposa do MOLEIRO, à direita. A DAMA veste uma jaqueta com um chapéu de couro com verniz; mas está de luto. O ESTRANHO está vestido à moda alpina da Bavária: jaqueta curta de material grosseiro, calção, botas pesadas e bordão de alpinista, chapéu verde com pena de galo silvestre. Por cima disso veste uma capa marrom com uma pelerine e capuz.]

**DAMA.** (entrando, desalentada) Passou por aqui um homem com uma capa longa e chapéu verde? (O FERREIRO e a ESPOSA DO MOLEIRO acenam negativamente com a cabeça.) Alguém poderia me hospedar por esta noite? (O FERREIRO E A ESPOSA DO MOLEIRO acenam novamente a cabeça; para o FERREIRO.) Posso ficar um momento aqui na soleira da casa para me aquecer um pouco? (O FERREIRO a empurra para longe.) Deus os recompense segundo seus méritos! (Sai. Reaparece na pinguela, e sai outra vez.)

**ESTRANHO.** (entrando) Uma mulher com saia e casaco cruzou o riacho? (O FERREIRO e a ESPOSA DO MOLEIRO sacodem a cabeça.) Você me daria um pedaço de pão? Eu pago. (A ESPOSA DO MOLEIRO recusa o dinheiro.) Não quero caridade!

**ECO.** (imitando sua voz à distância) Caridade. (O FERREIRO e a ESPOSA DO MOLEIRO riem alto e por tão longo tempo, que, longamente, o ECO repete.)

**ESTRANHO.** Bom Deus! Olho por olho – dente por dente. Isso ajuda a iluminar minha consciência! (Entra na ravina.)

**CENA XIII**

## NA ESTRADA

[A mesma paisagem de antes, mas no outono. O MENDIGO está sentado no lado de fora de uma capela com um galho de laranja e uma gaiola de pássaros, dentro da qual há um estorninho. O ESTRANHO entra vestindo as mesmas roupas da cena precedente.]

**ESTRANHO.** Mendigo! Você viu uma senhora com casaco e saia passar por aqui?

**MENDIGO.** Já vi quinhentas. Mas, seriamente, queria lhe pedir para não me chamar de mendigo agora. Eu arranjei trabalho!

**ESTRANHO.** Oh! Esse é você!

**MENDIGO.** *Ille ego qui quondam....*

**ESTRANHO.** Que tipo de trabalho você arranjou?

**MENDIGO.** Eu tenho um estorninho que assobia e canta.

**ESTRANHO.** Você quer dizer que... ele faz seu trabalho?

**MENDIGO.** Sim. Sou meu próprio patrão agora.

**ESTRANHO.** Você caça passarinhos?

**MENDIGO.** Não. O galho de laranja é só para manter as aparências.

**ESTRANHO.** Então você ainda faz as mesmas coisas?

**MENDIGO.** O que mais poderia fazer? O que existe em nós é só puro... contrassenso.

**ESTRANHO.** É essa a conclusão final de sua filosofia de vida?

**MENDIGO.** Minha metafísica completa. Essa visão pode estar fora de moda, mas...

**ESTRANHO.** Você poderia falar sério por um momento? Conte-me sobre seu passado.

**MENDIGO.** Por que puxar o fio dessa meada? Melhor deixá-la enrolada. Larga disso. Você acha que eu estou sempre feliz? Só quando encontro você: você é tão detestavelmente engraçado!

**ESTRANHO.** Como você consegue rir com uma vida tão naufragada atrás de você?

**MENDIGO.** Agora você está se tornando pessoal demais! (*Pausa.*) Se você não consegue rir da adversidade, mesmo que seja a de outros, você está mendigando a própria vida. Ouve! Se você seguir esse rastro de carro, vai chegar, no fim, ao oceano, e então o caminho vai terminar. Se você se sentar e descansar, vai começar a ter outra visão das coisas. Aqui existem muitos acidentes, temas religiosos, memórias desagradáveis que embarçam o pensamento quando ele voa para o quarto "rosa". Apenas siga o caminho! Se nele houver lama aqui e ali, abra suas asas e flutue. E por falar em flutuar, ouvi certa vez um pássaro que cantava sobre Polícrates e seu anel; ele se tornara possuidor de todas as maravilhas deste mundo, mas não sabia o que fazer com elas. Então enviou marés para o leste e o oeste do grande Nada que ele ajudara a formar do universo vazio. Eu não afirmaria que você era esse homem, a menos que acreditasse nisso firmemente e então poderia até jurar. Uma vez lhe perguntei se você sabia quem eu era, mas você disse que isso não lhe interessava. Em troca, eu lhe ofereci minha amizade, mas você a recusou grosseiramente. Entretanto, não sendo eu insensível ou ressentido, vou lhe dar um conselho para seu caminho. Siga a trilha!

**ESTRANHO.** (*esquivando-se dele*) Você não me engane.

**MENDIGO.** Você não acredita em nada, só no mal. Eis porque você não consegue nada de bom, só o que é ruim. Tente acreditar no que é bom. Tente!

**ESTRANHO.** Vou tentar. Mas se eu for enganado, tenho o direito de...

**MENDIGO.** Você não tem o direito de fazer isso.

**ESTRANHO.** *(como que para si mesmo)* Quem é que lê meus pensamentos secretos, vira minha alma do avesso e me persegue? Por que você me persegue?

**MENDIGO.** Saulo! Saulo! Por que você me persegue? *(O ESTRANHO sai com uma gesticulação de horror. Acordes da Marcha Fúnebre são ouvidos novamente. A DAMA entra.)*

**DAMA.** Você viu passar por aqui um homem vestindo uma capa longa com um chapéu verde?

**MENDIGO.** Havia um pobre diabo aqui, que saiu cambaleando...

**DAMA.** O homem que estou procurando não é manco.

**MENDIGO.** Nem aquele era. Parece que tinha machucado os quadris, e isso o fazia caminhar com desconforto. Não sou mal-intencionado. Olhe aqui no barro.

**DAMA.** Onde?

**MENDIGO.** *(apontando)* Ali! Naquele sulco. Nele você pode ver a impressão de um rastro de uma bota, fortemente plantado...

**DAMA.** *(olhando para o rastro)* É ele! Seu passo pesado... Será que ainda o alcanço?

**MENDIGO.** Siga o rastro!

**DAMA.** *(segurando a mão dele e a beijando)* Obrigada, meu amigo. *(Sai.)*

## CENA XIV

### NA PRAIA

*[A mesma paisagem de antes, mas agora é inverno. O mar é azul escuro e no horizonte grandes nuvens formam o desenho de cabeças enormes. À distância, três mastros nus de um barco naufragado, que se parecem a três cruzeiras brancas. A mesa e o banco ainda estão sob a árvore, mas as cadeiras foram removidas. Há neve sobre o chão. A intervalos ouve-se o sino de uma boia. O ESTRANHO entra pela esquerda, para um momento e olha para o mar, depois vai para a direita, atrás da cabana. A DAMA entra pela esquerda, e parece estar seguindo os rastros do ESTRANHO na neve; sai pela direita, na frente da cabana. O ESTRANHO retorna, pela direita, nota as pegadas da DAMA, para, e olha para trás, pela direita. A DAMA retorna, atira-se nos braços dele, mas recua.]*

**DAMA.** Você me empurrou para longe.

**ESTRANHO.** Não. Parece que existe alguém entre nós dois.

**DAMA.** E existe mesmo! *(Pausa.)* Que encontro!

**ESTRANHO.** Sim. É inverno, como vê.

**DAMA.** Posso sentir o frio que vem de você.

**ESTRANHO.** Eu me congelei nas montanhas.

**DAMA.** Você acha que a primavera vai voltar algum dia?

**ESTRANHO.** Não para nós! Fomos expulsos do jardim e devemos vagar por pedras e espinhos. E quando nossas mãos e nossos pés estiverem machucados teremos que esfregar sal nas feridas... um do outro. E então o moinho vai começar a girar. Ele nunca vai parar, porque sempre haverá água.

**DAMA.** Não há dúvida de que o que diz é verdade.

**ESTRANHO.** Mas nunca vou admitir o inevitável. Mesmo que nos dilaceremos um ao outro não vou me entregar em sacrifício aos deuses. Declararei que a culpa foi minha, que fui eu que ensinei você a quebrar suas correntes. Eu que tentei você! Então você pode colocar a culpa em mim: pelo que fiz e pelo que aconteceu depois.

**DAMA.** Você não vai suportar esse peso.

**ESTRANHO.** Sim, eu vou. Há momentos em que sinto como se eu carregasse todo o pecado e todo o sofrimento, toda a imundície e toda a vergonha do mundo todo. Há momentos em que acredito que estamos condenados ao pecado e a praticar más ações como uma punição! (*Pausa.*) Há não muito tempo caí doente de febre, e no meio de tudo o que me aconteceu, sonhei que vi um crucifixo sem o Crucificado. E quando perguntei ao dominicano – porque havia um padre dominicano entre muitos outros – o que aquilo significava, ele disse: ‘Você não consentirá que Ele sofra por você. Sofra, então, você mesmo!’ É por isso que a humanidade cresceu tão consciente de seus próprios sofrimentos.

**DAMA.** E por que as consciências ficam tão pesadas, se não existe ninguém para ajudar a carregar o fardo.

**ESTRANHO.** Você também pensa assim?

**DAMA.** Ainda não. Mas começo a achar que sim.

**ESTRANHO.** Coloque sua mão na minha. A partir daqui vamos em frente juntos.

**DAMA.** Vamos para onde?

**ESTRANHO.** Volta! Pelo mesmo caminho em que viemos. Está cansada?

**DAMA.** Agora não mais.

**ESTRANHO.** Muitas vezes caí exausto. Mas encontrei um estranho mendigo – talvez você se lembre dele: todos achavam que ele era igual a mim. E ele me pediu, como experiência, para acreditar nas boas intenções dele. Eu acreditei – só a título de experiência - e...

**DAMA.** E?

**ESTRANHO.** Foi tudo bem comigo. E desde então senti que fiquei forte para continuar meu caminho...

**DAMA.** Vamos juntos!

**ESTRANHO.** (*virando-se para o mar*) Sim. Está ficando escuro e as nuvens estão se juntando.

**DAMA.** Não olhe para as nuvens.

**ESTRANHO.** E aquilo lá longe, o que é?

**DAMA.** Apenas um naufrágio.

**ESTRANHO.** (*murmurando*) Três cruzeiros! Um novo Gólgota nos espera?

**DAMA.** São cruzeiros brancos. Isso significa boa sorte.

**ESTRANHO.** Tomara que sempre tenhamos boa sorte

**DAMA.** Sim. Mas por enquanto não começou.

**ESTRANHO.** Vamos!

## CENA XV

### QUARTO NUM HOTEL

[*O quarto é como o de antes. A DAMA está sentada ao lado do ESTRANHO, fazendo crochê.*]

**DAMA** Diga alguma coisa.

**ESTRANHO.** Não tenho nada agradável para dizer, desde que chegamos aqui.

**DAMA.** Por que estava tão ansioso para entrar neste quarto terrível?

**ESTRANHO.** Não sei. Era a última coisa que eu queria. Mas comecei a desejá-lo, a fim de sofrer.

**DAMA.** E você está sofrendo?

**ESTRANHO.** Sim. Não consigo mais ouvir música, ou olhar para qualquer coisa bonita. Durante o dia eu ouço o moinho e vejo aquela enorme paisagem agora se expandindo para abraçar o universo... E, à noite...

**DAMA.** Por que você gritou durante seu sono?

**ESTRANHO.** Eu estava sonhando.

**DAMA.** Um sonho real?

**ESTRANHO.** Terrivelmente real. Mas veja que maldição pesa sobre mim. Sinto que devo descrevê-la, e para mais ninguém a não ser você. Entretanto não ouse lhe contar, Pois ele vai bater ruidosamente à porta do quarto que está trancado...

**DAMA.** O passado!

**ESTRANHO.** Sim.

**DAMA.** (*simplesmente*) É uma loucura alguém manter um lugar assim fechado.

**ESTRANHO.** Sim. (*Pausa.*)

**DAMA.** Então agora me conte!

**ESTRANHO.** Temo que tenha de contar. Sonhei que seu primeiro marido estava casado com minha primeira mulher.

**DAMA.** Só você mesmo poderia ter sonhado semelhante coisa!

**ESTRANHO.** Gostaria que fosse assim. (*Pausa.*) Vi como ele tratava mal meus filhos. (*Levantando-se.*) Pus minhas mãos na garganta dele... Não consigo continuar... Mas eu não vou conseguir descansar enquanto não souber a verdade. E, conhecendo-a, devo ir ter com ele na casa dele.

**DAMA.** Chegou a isso?

**ESTRANHO.** Vai ser assim por algum tempo. Nada pode evitar isso agora. Tenho que vê-lo.

**DAMA.** Mas e se ele não o quiser receber?

**ESTRANHO.** Vou lá como paciente, e lhe falar de minha doença...

**DAMA.** (*assustada*) Não faça isso!

**ESTRANHO.** Você acha que ele poderia ser tentado a me calar como se eu fosse um louco! Tenho que arriscar. Quero arriscar tudo – vida, bem-estar, liberdade. Preciso de um choque emocional, forte o suficiente para me trazer de novo para a luz do dia. Exijo essa tortura, que minha punição esteja em proporção justa com meu pecado, de modo que eu não seja forçado a me afogar sob o peso de minha culpa. Tão fundo quanto o buraco da serpente, e tão rápido quanto isso possa ser!

**DAMA.** Posso ir com você?

**ESTRANHO.** Não há necessidade. Meus sofrimentos serão suficientes para ambos.

**DAMA.** Então vou chamar você de meu libertador. E a maldição que lancei sobre você vai se transformar numa bênção. Olha! É primavera de novo.

**ESTRANHO.** Estou vendo. A flor do heléboro começou a se abrir.

**DAMA.** Mas você não sente a primavera no ar?

**ESTRANHO.** O frio dentro de mim não é tão grande.

**DAMA.** Talvez o lobisomem vá curar você de uma vez.

**ESTRANHO.** Veremos. Talvez no fim das contas ele não seja tão perigoso.

**DAMA.** Ele não é tão cruel quanto você.

**ESTRANHO.** Mas meu sonho...

**DAMA.** Esperemos que seja apenas um sonho. Agora minha lã acabou, e, com ela, meu trabalho inútil. Sujou um pouco enquanto o fazia.

**ESTRANHO.** Pode ser lavado.

**DAMA.** Ou tingido.

**ESTRANHO.** De cor de rosa.

**DAMA.** Nunca!

**ESTRANHO.** É como um rolo de manuscrito.

**DAMA.** Com nossa história escrita nele.

**ESTRANHO.** Na sujeira das estradas, com lágrimas e sangue.

**DAMA.** Mas a história já está quase no fim. Vá e escreva o último capítulo.

**ESTRANHO.** Depois vamos nos encontrar na sétima estação. Onde nos encontramos.

## CENA XVI

### A CASA DO MÉDICO

[O cenário é mais ou menos o de antes. Mas a pilha de madeira foi levada embora. Num banco perto da varanda instrumentos cirúrgicos, facas, serras, fórceps, etc. O MÉDICO os está limpando.]

**IRMÃ.** (*vindo da varanda*) Um paciente quer ver você.

**MÉDICO.** Você sabe quem é?

**IRMÃ.** Não o vi. Esse é o cartão dele.

**MÉDICO.** (*lendo-o*) Isso ultrapassa tudo!

**IRMÃ.** É ele?

**MÉDICO.** Sim. A coragem eu respeito, mas isso é cinismo. Um tipo de desafio. Deixe-o entrar.

**IRMÃ.** Está falando sério?

**MÉDICO.** Absolutamente. Mas se você quiser falar com ele um pouco, nesse seu jeito direto...

**IRMÃ.** Eu gostaria.

**MÉDICO.** Muito bem. Faça o trabalho pesado e deixe o polimento final para mim.

**IRMÃ.** Pode confiar em mim. Vou dizer a ele tudo o que sua gentileza lhe proíbe dizer.

**MÉDICO.** Chega de gentileza! Apresse-se, ou vou ficar impaciente. Feche as portas. (*Sua IRMÃ sai.*) O que está fazendo nessa lata de lixo, César? (*CÉSAR entra.*) Ouça, César, se seu inimigo chegasse aqui e colocasse a cabeça no seu colo, o que você faria?

**CÉSAR.** Eu a cortaria fora!

**MÉDICO.** Não foi isso o que lhe ensinei.

**CÉSAR.** Não; você disse atire carvões em brasa nele. Mas eu acho isso uma vergonha.

**MÉDICO.** Também acho, é mais cruel e mais ardiloso. (*Pausa.*) Não seria melhor uma vingança? Ela anima a outra pessoa, tira o peso dos ombros dela.

**CÉSAR.** Se você sabe mais sobre isso do que eu, por que me pergunta?

**MÉDICO.** Quietos! Não estou falando com você. (*Pausa.*) Muito bem. Primeiro corte a cabeça dele fora, e depois... Veremos.

**CÉSAR.** Tudo depende de como ele se comporta.

**MÉDICO.** Sim. De como ele se comporta. Quietos. Fique aí do lado.

(*O ESTRANHO vem pela varanda: parece excitado, mas suas maneiras traem uma certa resignação. CÉSAR saiu.*)

**ESTRANHO.** Está surpreso por me ver aqui?

**MÉDICO.** (*seriamente*) Já desisti de ficar surpreso. Mas vejo que preciso começar de novo.

**ESTRANHO.** Você me permite que lhe fale?

**MÉDICO.** Pessoas decentes podem discutir sobre qualquer coisa. Você está doente?

**ESTRANHO.** (*hesitante*) Sim.

**MÉDICO.** Por que, entre tantas pessoas possíveis, você veio me ver?

**ESTRANHO.** Você deve adivinhar!

**MÉDICO.** Eu me recuso a isso. (*Pausa.*) O que você está sentindo?

**ESTRANHO.** (*com incerteza*) Insônia.

**MÉDICO.** Isso não é uma doença, é um sintoma. Você já foi alguma vez a um médico?

**ESTRANHO.** Eu estive repousando doente numa... instituição. Eu estava febril. Tinha uma doença estranha.

**MÉDICO.** O que havia de tão estranho nela?

**ESTRANHO.** Posso lhe fazer uma pergunta? Pode alguém agir normalmente e, entretanto, ser delirante?

**MÉDICO.** Se você estiver louco, só assim. (*O ESTRANHO se levanta, mas depois se senta outra vez.*) Como se chamava o hospital?

**ESTRANHO.** São Salvador.

**MÉDICO.** Não é hospital.

**ESTRANHO.** Convento, então.

**MÉDICO.** Não. É um asilo. (*O ESTRANHO se levanta, o MÉDICO também, e chama.*) Irmã! Feche a porta da frente. E o portão que dá para a estrada. (*Ao ESTRANHO.*) Não quer se sentar? Tenho que manter as portas trancadas. Há muitos vagabundos por aí.

**ESTRANHO.** (*acalma-se*) Seja franco comigo: acha que estou... louco?

**MÉDICO.** Jamais alguém recebe uma resposta sincera a essa pergunta, como você sabe. E ninguém que sofra disso acredita no que lhe dizem. Então, minha opinião seria indiferente para você. (*Pausa.*) Mas se é sua alma, procure uma cura espiritual.

**ESTRANHO.** Você poderia ocupar o lugar dele por um instante?

**MÉDICO.** Não tenho vocação para isso.

**ESTRANHO.** Mas...

**MÉDICO.** (*interrompendo*) Ou tempo. Vai acontecer um casamento aqui!

**ESTRANHO.** Eu sonhei com isso!

**MÉDICO.** Talvez conforte sua mente saber que isso me consolou, como se diz. Talvez você fique satisfeito, seria natural... mas vejo que, ao contrário, isso faz você sofrer ainda mais. Deve haver uma razão. Por que você ficaria tão desapontado com meu casamento com uma viúva?

**ESTRANHO.** Com dois filhos?

**MÉDICO.** Dois filhos! Eis o problema! Uma suposição detestável digna de você. Se existisse inferno, você seria seu comandante, por conta de sua habilidade em encontrar meios de punição que excedem minhas invenções mais desenfreadas. E eu é que sou chamado de lobisomem!

**ESTRANHO.** Poderia ser que...

**MÉDICO.** (*interrompendo-o*) Por um longo tempo eu odiei você, por causa de uma ação imperdoável que você atribuiu ao meu bom nome. Mas quando fiquei mais velho e mais sábio vi que, embora a punição não fosse justa, eu a merecia por coisas ainda não descobertas. Além disso, você era um menino com consciência suficiente para se punir a si mesmo. Então você não precisa se preocupar mais com essa coisa toda. É sobre isso que você queria falar?

**ESTRANHO.** Sim.

**MÉDICO.** Então vai ficar contente se eu deixar você ir? (*O ESTRANHO parece querer fazer uma pergunta.*) Você pensou que eu calaria a sua boca? Ou cortaria você em pedaços com esses instrumentos? Que eu mataria você? 'Talvez esses pobres diabos tivessem que ser privados de sua miséria!' (*O ESTRANHO olha para seu relógio.*) Você ainda pode pegar o barco.

**ESTRANHO.** Você me dá sua mão?

**MÉDICO.** Impossível. E de que valeria eu perdoar você, se lhe falta força para perdoar a si mesmo? (*Pausa.*) Algumas coisas só podem ser curadas se forem desfeitas. Então isso não pode mais acontecer.

**ESTRANHO.** São Salvador...

**MÉDICO.** Socorreu você. Você desafiou o destino e foi vencido. Não há vergonha alguma por ter perdido essa luta. Eu fiz a mesma coisa, mas, como você vê, eu me livreí de minha pilha de madeira. Não quero mais trovões em meu lar. E não vou mais brincar com o relâmpago.

**ESTRANHO.** Uma estação mais, e conseguirei meu objetivo.

**MÉDICO.** Você nunca vai atingir seu objetivo. Adeus!

**ESTRANHO.** Adeus!

## CENA XVII

### UMA ESQUINA DE RUA

[*Mesmo cenário da Cena I. O ESTRANHO está sentado no banco perto da árvore, desenhando no chão.*]

**DAMA.** (*entrando*) O que você está fazendo?

**ESTRANHO.** Escrevendo na areia... ainda.

**DAMA.** Está ouvindo alguém cantando?

**ESTRANHO.** (*Apontando para a igreja*) Sim. E vem dali! Fui injusto com alguém invo-

luntariamente.

**DAMA.** Acho que sua perambulação deve terminar, agora que voltamos aqui.

**ESTRANHO.** Onde começamos... na esquina da rua, entre o hotel, a igreja e o correio. Por falar nisso... não há ali uma carta registrada para mim, que eu nunca recebi?

**DAMA.** Sim. Porque só havia coisas desagradáveis nela.

**ESTRANHO.** Ou assuntos de lei. *(Batendo na testa.)* Então é essa a explicação.

**DAMA.** Pegue-a. Acreditando que o que ela contém é bom.

**ESTRANHO.** *(ironicamente)* Ótimo!

**DAMA.** Acredite nisso. Imagine isso!

**ESTRANHO.** *(indo para o correio)* Vou tentar. *(A DAMA aguarda na calçada. O ESTRANHO volta com uma carta.)*

**DAMA.** E então?

**ESTRANHO.** Sinto vergonha de mim mesmo. É o dinheiro.

**DAMA.** Veja só! Todo esse sofrimento, todas essas lágrimas... em vão!

**ESTRANHO.** Não em vão! Parece despeito o que acontece aqui, mas não é. Fui injusto com o Invisível quando errei...

**DAMA.** Chega! Nada de acusações.

**ESTRANHO.** Não. Foi minha própria estupidez ou fraqueza. Não quis fazer de minha vida uma loucura. É isso o que fui! Foi os gnomos...

**DAMA.** Que fizeram essas mudanças em você. Venha. Vamos embora.

**ESTRANHO.** E nos esconder e às nossas misérias nas montanhas.

**DAMA.** Sim. As montanhas nos esconderão! *(Pausa.)* Mas primeiro tenho que ir e acender uma vela para minha boa Santa Elizabeth. Venha. *(O ESTRANHO sacode a cabeça.)* Venha!

**ESTRANHO.** Muito bem. Vou seguir esse caminho. Mas não posso ficar.

**DAMA.** Como pode dizer isso? Venha. Lá vai ouvir novas canções. *(O ESTRANHO a segue até a porta da igreja.)*

**ESTRANHO.** Assim seja!

**DAMA.** Venha!

**F I M.**

## PARTE II

### PERSONAGENS:

O ESTRANHO

A DAMA

A MÃE

O PAI

O CONFESSOR

O MÉDICO

CÉSAR

### Figuras menos importantes:

CRIADA

PROFESSOR

PESSOA MALTRAPILHA

OUTRA PESSOA MALTRAPILHA

PRIMEIRA MULHER

SEGUNDA MULHER

GARÇONETE

POLICIAL

### CENAS:

ATO I            Do lado de fora da Casa

ATO II            CENA I            Laboratório

                    CENA II            O Quarto “Rosa”

ATO III            CENA I            O Salão de Banquete

                    CENA II            Uma cela de prisão

                    CENA III            O Quarto “Rosa”

ATO IV            CENA I            O Salão de Banquete

                    CENA II            Numa ravina

                    CENA III            O Quarto “Rosa”

## ATO I

### DO LADO DE FORA DA CASA

[À direita, um terreno plano, onde está edificada uma casa. Abaixo dela uma estrada corre para trás, onde existe uma floresta de pinheiros que sobe por colinas ao longe. À esquerda há a sugestão de uma margem de rio. Mas ele não pode ser visto. A casa é branca e tem janelas com painéis e barras de ferro. Sobre a parede, vinhas e rosas trepadeiras. Na frente da casa, no terraço, um poço; no fundo do terraço, pés de abóbora, cujas grandes flores amarelas pendem do muro. Árvores frutíferas estão plantadas ao longo da estrada, e uma cruz-memorial erigida na sua margem lembra um acidente ali ocorrido. Degraus levam do terraço para a estrada, e há vasos de flores na balaustrada. Na frente dos degraus há um banco. A estrada alcança o primeiro plano vindo da direita, descrevendo uma curva atrás do terraço, que se projeta como um promontório, e depois se perde no fundo. Luz do sol forte à esquerda. A MÃE está sentada no banco. O DOMINICANO está parado diante dela.]

**DOMINICANO.** [*A mesma personagem do CONFESSOR e do MENDIGO.*] Você me chamou para discutir um assunto de família importante para você. Diga-me o que é.

**MÃE.** Padre, a vida me tem tratado muito mal. Não sei o que fiz para ser tão malquista pela Providência.

**DOMINICANO.** É salutar para a alma ser testada pelo Eterno, e o triunfo aguarda quem for inabalável.

**MÃE.** É o que frequentemente me digo, mas existem limites para o sofrimento que alguém pode suportar...

**DOMINICANO.** Não existem limites. Sofrer é entrar em estado de graça.

**MÃE.** Primeiro meu marido me abandonou por outra mulher.

**DOMINICANO.** Deixe-o lá com ela. Ele vai voltar de joelhos para você!

**MÃE.** E, como você sabe, Padre, minha única filha se casou com um médico. Mas ela o abandonou e voltou para minha casa com um estranho, que me foi apresentado como seu novo marido.

**DOMINICANO.** Isso não é fácil de compreender. O divórcio não é reconhecido pela nossa religião.

**MÃE.** Não. Mas eles cruzaram a fronteira, para se casarem num país com leis diferentes das nossas. Ele é um católico à antiga e encontrou um padre que os casasse.

**DOMINICANO.** Esse casamento não é verdadeiro, e não pode ser dissolvido porque nunca existiu. Mas pode ser anulado. Quem é seu genro agora?

**MÃE.** De verdade, eu gostaria de saber! De uma coisa eu sei, e isso já é suficiente para encher minha taça de amargura. Ele se divorciou e sua esposa e seus filhos vivem em circunstâncias miseráveis.

**DOMINICANO.** Um caso difícil. Mas temos de encontrar uma maneira de acertar tudo. O que ele faz?

**MÃE.** Ele é escritor, dizem que é famoso.

**DOMINICANO.** Ateu, também, suponho?

**MÃE.** Sim. Pelo menos costumava ser; mas desde seu segundo casamento não teve mais uma hora feliz. O destino, como ele diz, o pegou com uma mão de ferro e o transformou num mendigo maltrapilho. A má sorte lhe deu golpe atrás de golpe, de modo que senti pena dele no momento mesmo em que se foi daqui. Depois perambulou pelas florestas e, mais tarde, dormiu nos campos em que caiu, até ser encontrado por pessoas generosas e levado para um convento. Ficou lá doente por três meses, sem que soubéssemos onde estava.

**DOMINICANO.** Espere! No ano passado um homem foi trazido para o Convento de São Salvador, onde sou Confessor, nas circunstâncias que você descreveu. Enquanto estava febril, abriu seu coração para mim, e quase não existia pecado de que não se culpasse. Mas, quando voltou a si novamente, disse não se lembrar de nada. Então para provar seu coração e suas rédeas, me servi dos poderes apostólicos secretos que nos são dados, e, como um teste, empreguei a maldição menor. Pois quando um crime foi cometido em segredo, a maldição do Deuteronômio é lida sobre o homem suspeito. Se ele for inocente, ele segue sua vida incólume. Mas, se for pego por ela, então, como Paulo relata, “ele é entregue para Satã para a destruição da carne, para que seu espírito seja salvo.”

**MÃE.** Oh Deus! Tem que ser ele!

**DOMINICANO.** Sim, é ele. Seu genro! Os caminhos da Providência são insondáveis. Ele foi severamente atingido pela maldição?

**MÃE.** Sim. Na noite em que dormiu aqui, foi arrancado de seu sono por um poder inexplicável que, como me disse, converteu seu coração em gelo...

**DOMINICANO.** Ele tinha visões assustadoras?

**MÃE.** Sim.

**DOMINICANO.** E era ele assolado por aqueles pensamentos terríveis, dos quais Jó diz “quando eu digo meu leito me confortará, então Tu me intimidas com sonhos e me aterrorizas com visões, de modo que minha alma escolhe a asfixia, e prefere a morte à vida”. Tudo está como devia ser. Isso abriu os olhos dele?

**MÃE.** Sim. Mas apenas para se notar que sua visão estava cegada. Pois seus sofrimentos

cresceram tanto, que não conseguiu mais encontrar uma explicação natural para eles, e, como nenhum médico podia curá-lo, começou a ver que estava lutando contra poderes conscientes superiores.

**DOMINICANO.** Poderes que significavam que estava doente, e eram o próprio mal. É o curso natural das coisas. E depois?

**MÃE.** Ele procurou livros que lhe ensinassem que tais poderes do mal podiam ser combatidos.

**DOMINICANO.** Oh! Então ele procurou pelo que estava escondido e deveria permanecer assim! Ele foi bem sucedido em exorcizar os espíritos que o estavam castigando?

**MÃE.** Ele diz que não. E parece que ele consegue dormir de novo.

**DOMINICANO.** Sim, e ele acredita no que diz. Entretanto, dado que não aceitou verdadeiramente o amor da verdade, Deus vai perturbá-lo com uma grande desilusão, de modo que ele vai acreditar no que é falso.

**MÃE.** O erro é dele mesmo. Mas ele mudou minha filha: em outros tempos ela não era nem quente nem fria, mas agora está se tornando o próprio mal.

**DOMINICANO.** Como chegaram a isso?

**MÃE.** Ficam nisso metade do tempo, felizmente; na outra metade, ficam praguejando um contra o outro, como demônios.

**DOMINICANO.** É assim que devem proceder. Praguejem um contra o outro até que venham para a Cruz.

**MÃE.** Se eles não se separarem outra vez.

**DOMINICANO.** O quê? Já fizeram isso?

**MÃE.** Um já deixou o outro quatro vezes; mas sempre voltou atrás. Parece que estão acorrentados juntos. Seria uma boa coisa se o fossem, pois uma criança está a caminho.

**DOMINICANO.** Deixe a criança vir. Filhos são presentes refrescantes para almas cansadas.

**MÃE.** Espero que seja assim. Mas parece que esse será um pomo da discórdia. Eles ficam discutindo sobre o nome da criança; ficam brigando quanto ao batismo; e a mãe já está com ciúme dos filhos do marido com sua primeira esposa. Ele não consegue prometer que vai amar essa criança do mesmo modo que ama seus outros filhos, e a mãe insiste a todo momento que ele tem que!... Assim, suas misérias não têm fim.

**DOMINICANO.** Oh sim, têm sim. Espere! Ele tem negócios com seus poderes superiores, de modo que temos algum controle sobre ele; e nossas preces serão mais poderosas que sua resistência. O efeito delas é tão extraordinário quanto misterioso. (*O ESTRANHO*)

*surge no terraço. Está com roupa de caça e veste um capacete tropical. Em sua mão tem um bordão de alpinista.)* É ele quem chegou ali?

**MÃE.** Sim. É meu atual genro.

**DOMINICANO.** Singularmente igual ao primeiro! Mas veja como ele se comporta. Ainda não me viu, mas sente que estou aqui. (*Faz o sinal da cruz no ar.*) Veja como fica perturbado... Agora ficou rijo como um pingente de gelo. Veja! Vai gritar logo em seguida.

**ESTRANHO** (*que parou de repente, ficou rígido, e apertou o coração*). Quem está aí embaixo?

**MÃE.** Eu estou.

**ESTRANHO.** Você não está sozinha.

**MÃE.** Não. Há alguém aqui comigo.

**DOMINICANO.** (*fazendo o sinal da cruz*) Agora ele não vai dizer nada, e vai cair como uma árvore abatida. (*O ESTRANHO se encolhe e cai ao chão.*) Vou embora agora. Seria demais para ele acordar e me ver aqui, mas vou voltar em seguida. Fique com ele, ele vai ficar em boas mãos! Adeus e a paz esteja com você. (*Sai.*)

**ESTRANHO.** (*levantando-se e descendo os degraus*) Quem era?

**MÃE.** Um viajante. Sente-se, você está tão pálido.

**ESTRANHO.** Foi só uma tontura.

**MÃE.** Vocês sempre inventam um nome novo para essa coisa, mas ele nunca significa nada bom. Sente-se aqui, no banco.

**ESTRANHO.** Não; não gosto de me sentar aí. Sempre tem gente passando.

**MÃE.** Eu me sento aqui desde que era criança, vendo a vida passar como o rio lá embaixo. Aqui, na estrada, vi os filhos das pessoas indo e vindo, brincando, azucrinando, pedindo, insultando e dançando. Adoro este banco e o rio lá embaixo, embora ele cause muitos estragos todo ano e leve parte da propriedade que herdamos. Na última primavera, todo o nosso feno se perdeu, de modo que precisamos vender nossos animais. A propriedade perdeu metade de seu valor nos últimos poucos anos, e quando o lago nas montanhas chegar a um novo nível e o brejo tiver sido tragado pelo rio, a água vai subir tanto que vai levar a casa embora. Faz dez anos que estamos brigando na justiça e perdemos todos os recursos; vamos ficar arruinados. É um destino inevitável.

**ESTRANHO.** O destino não é inevitável.

**MÃE.** Cuidado, se pensa em lutar contra ele.

**ESTRANHO.** Já fiz isso.

**MÃE.** Lá vem você de novo! Não aprende nada com os castigos da Providência.

**ESTRANHO.** Oh sim. Aprendi a odiar. Alguém consegue amar o que faz mal?

**MÃE.** Tenho pouca instrução, como você sabe, mas li ontem numa enciclopédia que as Eumênides não são seres dispostos para o mal.

**ESTRANHO.** É verdade, mas é mentira que sejam amigáveis. Só conheço uma fúria amigável. A minha própria!

**MÃE.** Ingeborg para você é uma fúria?

**ESTRANHO.** Sim. É, e como fúria é notável. Seu talento para me fazer sofrer supera as minhas invenções mais infernais; e, se eu escapar de suas mãos com vida, sairei do Fogo como ouro puro.

**MÃE.** Você teve o que mereceu. Quis moldá-la conforme seus desejos, e conseguiu.

**ESTRANHO.** Completamente. Mas onde está essa fúria?

**MÃE.** Foi lá para baixo para a estrada há alguns minutos.

**ESTRANHO.** Lá para baixo? Então vou encontrar minha própria destruição. (*vai para trás.*)

**MÃE.** Você ainda faz graça com isso? Espere! (*A MÃE fica sozinha por um momento, até o ESTRANHO desaparecer. A DAMA então entra pela direita. Está usando um vestido de verão, e carregando um malote do correio; tem algumas cartas abertas na mão.*)

**DAMA.** Está sozinha, Mãe?

**MÃE.** Acabei de ficar sozinha.

**DAMA.** Aqui está o correio. Esta é de trabalho.

**MÃE.** Quê? Você abre as cartas dele?

**DAMA.** Todas elas, porque quero saber tudo o que diz respeito à minha vida. E quero eliminar tudo o que possa contribuir para o orgulho dele. Numa palavra, deixá-lo isolado, de modo que dependa de sua própria eletricidade e elimine o perigo de ser cortado em pedaços.

**MÃE.** Como você ficou inteligente!

**DAMA.** Sim. Se ele não é esperto a ponto de me confidenciar tudo, logo terei seu destino em minhas mãos. Agora, por favor, ele está fazendo experiências elétricas e julga que vai ser capaz de dominar a iluminação de modo a conseguir luz, calor energia. Bem. Vamos deixá-lo fazer o que deseja! Numa carta que chegou hoje, vi que ele está se correspondendo com alquimistas.

**MÃE.** Ele está querendo fazer ouro? Ficou louco?

**DAMA.** Esse é o ponto importante. Se ele é um charlatão, o que faz não importa muito.

**MÃE.** Você acredita nisso?

**DAMA.** Acreditaria em qualquer mal que venha dele, ou qualquer bem, no mesmo dia.

**MÃE.** Alguma outra novidade aí?

**DAMA.** Os planos do marido de quem me divorciei para um segundo casamento deram errado; ficou melancólico, abandonou o trabalho e está perambulando pelas estradas.

**MÃE.** Oh! Sempre foi meu genro preferido. Tem um coração muito bom por baixo daqueles modos grosseiros.

**DAMA.** Sim. Só o chamei de lobisomem em seu papel de meu marido e senhor. Até onde eu sei, era um sujeito pacífico, a fim de encontrar consolo na vida e eu estava contente com isso. Mas agora me atormenta como uma má consciência.

**MÃE.** Você tem consciência?

**DAMA.** Não sabia direito, mas meus olhos foram abertos quando li as obras de meu marido, e agora sei a diferença entre o bem e o mal.

**MÃE.** Mas ele proibiu que você as lesse, e nunca previu que você não o obedeceria.

**DAMA.** Quem pode prever todos os resultados de qualquer ato?

**MÃE.** Você tem mais notícias ruins aí no seu bolso, Pandora?

**DAMA.** A pior de todas! Acredite, Mãe, a esposa de quem ele se divorciou vai se casar de novo.

**MÃE.** Isso seria reanimador, para você e para ele.

**DAMA.** Sabia que esse era o pior pesadelo dele? Que sua mulher se casasse de novo e seus filhos tivessem um padrasto?

**MÃE.** Se ele não pudesse suportar isso sozinho, acho que seria um homem muito estranho.

**DAMA.** Você acha que ele é muito sensível? Mas não foi ele mesmo que disse que, no fim do século dezenove, um homem do mundo educado nunca perderia o controle!

**MÃE.** É fácil dizer isso; mas quando as coisas acontecem de verdade...

**DAMA.** Entretanto havia um presente no fundo da caixa de Pandora que não era o infórtio. Veja, Mãe! Um retrato do ilho dele de seis anos de idade.

**MÃE.** *(olhando para a fotografia)* Uma criança adorável.

**DAMA.** Faz bem a gente ver um retrato tão encantador e expressivo. Diga, você acha que meu filho vai ser tão bonito? O que me diz? Responda, ou vou ficar muito infeliz! Já amo

meu menino, mas sinto que o odiaria se não for tão adorável quanto o dele. Sim, estou enciumada.

**MÃE.** Quando você chegou aqui da sua infeliz lua de mel, eu esperava que já tivesse passado pelo pior. Mas agora vejo que ela foi apenas uma prévia do que ainda estava por vir.

**DAMA.** Estou pronta para qualquer coisa, e não acho que esse nó não possa ser desfeito. Ele tem que ser cortado!

**MÃE.** Mas eliminando as cartas dele você só vai criar novas dificuldades para você.

**DAMA.** Em dias passados, quando eu caminhava pela vida como um sonâmbulo, tudo parecia fácil para mim, mas comecei a perder essa certeza quando ele começou a despertar pensamentos em mim. (*Ela guarda as cartas no saco postal.*) Aí vem ele. Sh!

**MÃE.** Mais uma coisa. Por que você permite que ele use aquele terno do seu primeiro marido?

**DAMA.** Gosto de torturá-lo e humilhá-lo. Eu o convenci de que lhe servia e que pertencera a meu pai. Agora, quando o vejo metido nas coisas do lobisomem, sinto que tenho ambos em minhas garras.

**MÃE.** Que o céu nos proteja! Como você se tornou vingativa!

**DAMA.** Talvez fosse esse meu papel se eu representasse alguma coisa na vida desse homem!

**MÃE.** Às vezes desejo que o rio inunde tudo e nos leve embora enquanto dormimos. Se eu tivesse que ficar aqui flutuando por cem anos talvez me lavasse do pecado com que esta casa foi construída.

**DAMA.** Então é verdade que meu avô, o tabelião, se apropriou ilegalmente de uma propriedade que não era dele? Dizem que este lugar foi construído com a herança de viúvas e órfãos, com o dinheiro de pessoas arruinadas, com a propriedade de pessoas mortas e com o suborno de litigantes.

**MÃE.** Não fale mais sobre isso. As lágrimas dos que ainda estão vivos dariam para formar um lago. E é esse lago, dizem, que está sendo drenado agora e vai fazer o rio nos mandar embora

**DAMA.** Não se pode mover uma ação para interromper isso? Não existe justiça sobre a terra?

**MÃE.** Não sobre a terra. Mas existe no céu. E o céu vai nos afogar, porque somos filhos de praticantes do mal. (*Ela sobe os degraus.*)

**DAMA.** Mas já não bastam as lágrimas de cada um de nós? Temos de herdar as de outros? (*O ESTRANHO volta.*)

**ESTRANHO.** Você me chamou?

**DAMA.** Não. Só tentei atrair você para mim, sem realmente querer você.

**ESTRANHO.** Eu senti você se intrometer no meu destino de um modo que me deixou intranquilo. Logo você terá aprendido tudo o que sei.

**DAMA.** E mais.

**ESTRANHO.** Mas preciso lhe pedir para não colocar suas mãos ásperas sobre minha sorte. Eu sou Caim, está vendo, e estou sob o controle de poderes misteriosos, que não permitem que nenhum mortal interfira com seu ato de vingança. Vê esta marca na minha testa? (*Ele tira o chapéu.*) Ela significa: Vingança é meu lema, disse o Senhor.

**DAMA.** Seu chapéu aperta...

**ESTRANHO.** Não. Ele me irrita. E também o casaco. Se eu não quisesse agradar você, eu os atiraria no rio. Quando andei pela vizinhança, sabe que as pessoas me chamavam de doutor? Elas me tomam por seu marido o lobisomem. E não tenho mesmo sorte. Se pergunto quem plantou uma certa árvore, elas dizem: o doutor. Se pergunto a quem pertence o cesto verde de peixes, elas dizem: à esposa do doutor. Quer dizer, a você! Essa confusão entre ele e eu torna minha visita insuportável. Gostaria de ir embora...

**DAMA.** Você já não tentou em vão deixar este lugar seis vezes?

**ESTRANHO.** Sim. Mas na sétima, vai dar certo.

**DAMA.** Então, tente!

**ESTRANHO.** Você fala como se estivesse convencida de que vou falhar de novo.

**DAMA.** E eu estou.

**ESTRANHO.** Jogue uma outra praga, querida fúria.

**DAMA.** Tudo bem, eu consigo.

**ESTRANHO.** Um jeito novo! Tente dizer alguma coisa desnaturada que “as pessoas” ainda não tenham dito.

**DAMA.** Sua primeira esposa é “as pessoas”. Que jeito delicado de me fazer lembrar dela.

**ESTRANHO.** Tudo que vive e se move, tudo que está morto e frio, me faz me lembrar do que já se foi...

**DAMA.** Até que esse ser venha, quem pode apagar a escuridão do passado e trazer alguma luz.

**ESTRANHO.** Você quer dizer essa criança que estamos esperando!

**DAMA.** Nossa criança!

**ESTRANHO.** Você a ama?

**DAMA.** Comecei a amá-la hoje.

**ESTRANHO.** Hoje? Por quê, o que aconteceu? Há cinco meses você queria procurar um juiz e se divorciar de mim porque não quis levá-la a um curandeiro que pudesse matar seu filho não-nascido.

**DAMA.** Isso foi há muito tempo. As coisas agora estão mudadas.

**ESTRANHO.** Por quê agora? *(Ele olha ao redor como se estivesse esperando alguma coisa.)* Agora? O correio chegou?

**DAMA.** Você é ainda mais ardiloso que eu. Mas a discípula vai sobrepujar o mestre.

**ESTRANHO.** Tem cartas aí para mim?

**DAMA.** Não.

**ESTRANHO.** Então me dê a sacola?

**DAMA.** O que faz você pensar?

**ESTRANHO.** Me dê a sacola, a menos que sua consciência não lhe permita distinguir entre uma sacola e um envelope.

**DAMA.** *(pegando a sacola postal que havia colocado atrás do banco)* Olhe para isso! *(O ESTRANHO pega a fotografia, olha para ela cuidadosamente e a coloca no bolso do casaco.)* O que é isso?

**ESTRANHO.** O passado.

**DAMA.** Ele era bonito?

**ESTRANHO.** Sim. Mais bonito do que o futuro pode ser.

**DAMA.** *(sombriamente)* Você não deveria ter dito isso.

**ESTRANHO.** Não, eu admito. E sinto muito...

**DAMA.** Diga, você é capaz de sofrer?

**ESTRANHO.** Agora, eu sofro duas vezes; porque sinto quando você está sofrendo. E se magoo você em legítima defesa, sou eu que sinto a dor da ferida

**DAMA.** Isso significa que você está à minha mercê?

**ESTRANHO.** Não. Menos agora que nunca, porque você está protegida pelo ser inocente que carrega perto de seu coração.

**DAMA.** Ele vai ser meu vingador.

**ESTRANHO.** Ou o meu!

**DAMA.** (*chorosamente*) Pobre coisinha. Concebido em pecado e vergonha e nascido para vingar por ódio.

**ESTRANHO.** Faz tempo que não ouvia você falar assim.

**DAMA.** Eu me atrevo a dizer essas coisas.

**ESTRANHO.** Essa era a voz que primeiro me encaminhou para você, era como a de uma mãe falando com seu filho.

**DAMA.** Quando você diz “mãe” sinto que acredito só em coisas boas vindo de você, mas um momento depois me digo: é só um dos modos de me enganar.

**ESTRANHO.** Que mal eu realmente lhe fiz? (*A DAMA está incerta sobre o que responder.*) Responda-me. Que mal eu lhe fiz?

**DAMA.** Eu não sei.

**ESTRANHO.** Então invente alguma coisa. Diga: eu odeio você porque não consigo enganar você.

**DAMA.** Posso? Oh, sinto muito.

**ESTRANHO.** Você deve ter veneno no bolso de seu vestido.

**DAMA.** Sim, tenho!

**ESTRANHO.** O que será? (*Pausa.*) Quem está vindo pela estrada?

**DAMA.** Um profeta.

**ESTRANHO.** É um homem, ou um espectro?

**DAMA.** Um espectro do passado.

**ESTRANHO.** Está vestindo um casaco preto e uma coroa de louros. Mas seus pés estão descalços.

**DAMA.** É César.

**ESTRANHO.** (*confuso*) César? Era meu apelido na escola.

**DAMA.** Sim. Mas é também o nome do louco a quem meu... primeiro marido costumava procurar. Perdoe-me se lhe falo assim dele.

**ESTRANHO.** Esse louco foi embora?

**DAMA.** Ele se parece com ele, não é? (*CÉSAR entra vindo do fundo, veste um hábito preto sem gola, tem uma coroa de louros na cabeça e seus pés estão descalços. Sua aparência geral é bizarra.*)

**CÉSAR.** Por que não me cumprimenta? Você deveria dizer: Ave, César! Porque agora

eu sou o senhor. O lobisomem, você tem que saber, perdeu a cabeça desde que o Grande Homem abandonou sua esposa, a quem havia roubado do primeiro amante dela, noivo ou seja lá como o quiser chamar.

**ESTRANHO.** *(para a DAMA)* Aquilo era estircnina para dois adultos! *(para CÉSAR)* Onde está seu senhor agora – ou seu escravo, ou médico, ou criado?

**CÉSAR.** Ele vai estar aqui daqui a pouco. Mas não precisa ficar com medo dele. Não vai usar adagas nem veneno. Ele só tem que se mostrar, para todas as coisas vivas fugirem dele, para as árvores deixarem suas folhas caírem, e a poeira das estradas correr diante dele num turbilhão como a coluna de nuvem diante dos Filhos de Israel...

**ESTRANHO.** Ouça...

**CÉSAR.** Calado, enquanto estou falando... Às vezes ele acredita que é mesmo um lobisomem, e diz que gostaria de comer uma criança que ainda não tivesse nascido, e isto seria ficar de acordo com o direito de prioridade... *(Segue seu caminho.)*

**DAMA.** *(para o ESTRANHO)* Você pode exorcizar esse demônio?

**ESTRANHO.** Não posso fazer nada contra diabos que desafiam a luz do sol.

**DAMA.** Ontem você me fez uma observação arrogante, e agora ela se voltou contra você. Você disse que não era justo para seres invisíveis perseguirem à noite e atacarem na escuridão, eles deveriam surgir de dia quando o sol está brilhando. Pois agora eles vieram!

**ESTRANHO.** E isso agrada você!

**DAMA.** Sim. Demais.

**ESTRANHO.** Pena que não me dê nenhum prazer quando você sofre um ataque! Vamos nos sentar no banco – o banco dos réus. Porque aí vêm mais coisas.

**DAMA.** Preferia que a gente fosse embora.

**ESTRANHO.** Não, quero ver até onde posso suportar. Veja, a cada golpe do chicote sinto como se uma parcela do meu débito fosse apagada do meu livro de contas.

**DAMA.** Mas eu não aguento mais. Olhe, aí vem ele de novo em pessoa. Céus! Esse homem, a quem eu pensei ter amado um dia!

**ESTRANHO.** Pensou? Sim, porque tudo é mera ilusão. E isso já significa muito. Você vai! Eu fico sozinho com a tarefa de me confrontar com ele sozinho. *(A DAMA desce os degraus, mas não alcança o final da escada antes que o médico se torne visível no fundo do palco. O MÉDICO entra, longos cabelos cinzentos e despenteados. Veste um capacete tropical e um casaco de caça similares às roupas do ESTRANHO. Comporta-se como se não tivesse notado a presença do ESTRANHO, e se senta numa pedra no outro lado da estrada, oposto ao ESTRANHO, que está sentado no banco. Tira o chapéu e enxuga o suor que corre*

*pela testa. O ESTRANHO fica impaciente.)* O que você quer?

**MÉDICO.** Apenas ver essa casa outra vez, onde minha felicidade já morou e minhas rosas floresceram...

**ESTRANHO.** Um inteligente homem do mundo teria escolhido um tempo em que os atuais habitantes da casa estivessem fora, de modo que não se tornasse assim tão ridículo.

**MÉDICO.** Ridículo? Gostaria de saber qual de nós dois é mais ridículo?

**ESTRANHO.** Neste momento, suponho que eu seja.

**MÉDICO.** Sim. Mas não creio que você conheça a extensão de sua desgraça.

**ESTRANHO.** O que quer dizer?

**MÉDICO.** Que você quer possuir o que eu costumava possuir.

**ESTRANHO.** Bom, continue.

**MÉDICO.** Você percebeu que estamos usando roupas parecidas? Bom! Sabe qual a razão? É que você está usando as coisas que esqueci de jogar fora quando a catástrofe aconteceu. Nenhum homem do mundo dotado de inteligência no final do século dezenove se colocaria nessa situação.

**ESTRANHO.** *(atirando o chapéu e o casaco)* Maldita aquela mulher!

**MÉDICO.** Não precisa se lamentar. Roupas masculinas enfeitadas têm sido sempre fatais desde a famosa camisa de Nessus. Entre agora e se troque. Vou me sentar aqui fora e observar, e ouvir, como você se arranja sozinho com essa mulher amaldiçoada. Não esqueça sua bengala! *(A DAMA, que se apressava em direção à casa, tropeça na frente dos degraus. O ESTRANHO para onde está, embaraçado.)* A bengala! A bengala!

**ESTRANHO.** Não peço nada para a mulher, mas pela criança.

**MÉDICO.** *(selvagemente)* Então, há uma criança também. Nossa casa, nossas rosas, nossas roupas, as roupas de cama não esquecidas, e agora nosso filho! Estou dentro de sua casa, me sento à sua mesa, me deito em sua cama, existo em seu sangue, em seus pulmões, em seu cérebro, estou em toda parte e você não consegue se livrar de mim. Quando o pêndulo bater a hora da meia-noite, vou golpear frio no seu coração, de modo que ele pare como um relógio que não funcione. Quando você se sentar para trabalhar, vou me aproximar como uma nuvem de ópio, invisível, que vai colocar seus pensamentos para dormir, e confundir sua mente, de modo que você terá visões que não conseguirá distinguir da realidade. Vou me postar como uma pedra no seu caminho, de modo que você tropece e caia, vou me tornar o espinho que vai picar sua mão quando você for colher uma rosa. Minha alma vai se fechar sobre si mesma como uma teia de aranha, e vou puxar você como uma vaquinha por meio da mulher que roubou de mim. Seu filho vai ser meu e vou falar pela boca dele; você vai ver meu olhar nos olhos dele, de modo que vai

querê-lo longe de você como um inimigo. E agora, minha bem amada casa, adeus; adeus, quarto “rosa” – onde não existia felicidade que eu pudesse invejar. (*Sai. O ESTRANHO esteve sentado no banco todo esse tempo, incapaz de responder, e ouviu como se estivesse sendo acusado.*)

**Cortina.**

## ATO II

### CENA I

#### LABORATÓRIO

[*Um jardim de inverno em estilo rococó com janelas altas. No meio da sala uma grande escrivaninha com várias peças de aparelhos químicos e físicos. Dois fios de cobre estão suspensos do teto para um eletroscópio postado no centro da mesa e dotado de alguns sinos, que devem registrar a tensão da eletricidade atmosférica.*]

[*Sobre a mesa, à esquerda, uma antiquada máquina geradora de eletricidade, com pratos de vidro, condutores de metal, bateria Leyden. Os armários são laqueados e broncos. À direita, uma antiquada lareira aberta com tripés, cadinhos, pinças, alicates, fole etc. No fundo uma porta com vista para o campo além, um tempo escuro e nublado, mas os raios vermelhos do sol ocasionalmente brilham na sala. Uma capa marrom e um chapéu estão dependurados perto da lareira; perto dali um saco de viagem e um bastão alpino. O ESTRANHO e a MÃE são descobertos juntos.*]

**ESTRANHO.** Onde está... Ingeborg?

**MÃE.** Você sabe disso melhor que eu.

**ESTRANHO.** Com o juiz, tratando do divórcio...

**MÃE.** Por quê?

**ESTRANHO.** Eu lhe disse. Não, isso parece tão fingido que você vai pensar que estou mentindo.

**MÃE.** Então, conte-me!

**ESTRANHO.** Ela quer o divórcio porque me recusei a expulsar esse homem, embora ele estivesse perturbado. Ela diz isso covardemente de mim...

**MÃE.** Não acredito nisso.

**ESTRANHO.** Veja você! Você só acredita no que quer; todo o resto é mentiras. Bom, será que estaria de acordo com seus interesses acreditar que ela tem roubado minhas cartas?

**MÃE.** Não sei de nada disso.

**ESTRANHO.** Não estou lhe perguntando se você sabe ou não disso, mas se você acredita nisso.

**MÃE.** (*mudando de assunto*) O que você está tentando fazer aqui?

**ESTRANHO.** Estou fazendo experimentos relativos à eletricidade atmosférica.

**MÃE.** E isso é um condutor de iluminação que você conectou à escrivaninha?

**ESTRANHO.** Sim. Mas não há perigo; os sinos vão tocar se houver qualquer perturbação atmosférica.

**MÃE.** Isso é blasfêmia e magia negra. Tome cuidado! E o que está fazendo ali, na lareira?

**ESTRANHO.** Fazendo ouro.

**MÃE.** Você acha que isso é possível?

**ESTRANHO.** Você me toma por um charlatão? Não posso censurá-la por isso, mas não com tanta pressa. A qualquer momento espero obter um resultado confirmado de análise.

**MÃE.** Provavelmente, não é? Mas o que vai fazer se Ingeborg não voltar?

**ESTRANHO.** Ela vai voltar, desta vez. Mais tarde, talvez, quando a criança estiver aqui, ela vai voltar correndo.

**MÃE.** Você parece estar muito seguro disso.

**ESTRANHO.** Sim. Como eu disse, ainda estou. Enquanto o laço não estiver cortado, você pode senti-lo. E, depois de cortado, você ainda o sente de modo horrivelmente claro.

**MÃE.** Mas quando tiverem se separado, você também estará preso à criança. Pode contar com isso desde já.

**ESTRANHO.** Tenho feito algo contra isso que é de meu grande interesse, e que espero preencha minha vida vazia.

**MÃE.** Você quer dizer ouro. E honraria!

**ESTRANHO.** Exatamente! Para um homem a mais duradoura de todas as ilusões.

**MÃE.** Então você constrói sobre ilusões?

**ESTRANHO.** Sobre o que mais poderia eu construir, se tudo é ilusão?

**MÃE.** Se você nunca despertar de seu sonho, vai encontrar uma realidade que jamais se sentiu capaz de sonhar.

**ESTRANHO.** Então vou esperar que isso aconteça.

**MÃE.** Espere então. Agora eu me vou e feche a janela, antes que a tempestade caia.

**ESTRANHO.** (*indo para o fundo do palco*) Que interessante. (*Ouve-se um corno de caça à distância.*) Quem está tocando?

**MÃE.** Ninguém sabe, e isso não significa nada de bom. (*Sai.*)

**ESTRANHO.** (*ocupando-se com o eletroscópio e virando as costas para a janela aberta enquanto lida com o aparelho; pega um livro e lê em voz alta.*) “Quando a raça de gigantes de Adão aumentara o suficiente para arriscar um ataque sobre os superiores, começaram a construir uma torre para chegar ao céu. Os superiores foram então tomados pelo medo e, para se protegerem, dissolveram a multidão confundindo suas línguas e suas mentes de modo que duas pessoas não pudessem se entender uma à outra, mesmo que falassem a mesma língua. Desde então, os superiores governam pela discórdia: dividir e governar. E a discórdia é sustentada pela crença de que a verdade foi encontrada, mas, quando se acredita num dos profetas, ele é um profeta mentiroso. Se, por outro lado, um mortal consegue penetrar no segredo dos superiores, ninguém acredita nele, e é atingido pela loucura como ninguém mais seria. Por isso os mortais têm sido ou mais ou menos enlouquecidos, particularmente aqueles que eram tidos como sábios, mas loucos são, na realidade, apenas os homens sábios, pois eles sabem ver, ouvir e sentir o invisível, o inaudível e o intangível, embora não consigam relatar suas experiências aos outros”. É o que diz o Zohar, o mais sábio de todos os livros de sabedoria, e portanto um livro em que ninguém acredita. Eu não construiria uma torre de Babel, mas atrairia os Poderes para minha ratoeira, e enviaria os subterrâneos aos poderes superiores, de modo que eles fossem neutralizados. É o Schedim supremo, que surgiu entre os homens mortais e é por isso que a alegria, a paz e a felicidade foram banidas da face da terra.

**DAMA.** (*voltando em desespero, atirando-se à frente do ESTRANHO e colocando seus braços ao redor dos pés dele e sua cabeça no chão.*) Ajude-me! Socorra-me! E me perdoe.

**ESTRANHO.** Levante-se. Em nome de Deus! Levante-se. Não faça isso. O que aconteceu?

**DAMA.** Em minha cólera agi tresloucamente. Fui presa em minha própria rede.

**ESTRANHO.** (*erguendo-a*) Levante-se, criança maluca, e me conte o que aconteceu.

**DAMA.** Fui até o promotor público.

**ESTRANHO.** ... e solicitou o divórcio...

**DAMA.** ... essa era minha intenção, mas quando cheguei lá, dei queixa contra o lobisomem por invasão e tentativa de assassinato.

**ESTRANHO.** Mas ele não é culpado de nada disso!

**DAMA.** Não, mas dei queixa do mesmo modo... E quando estava lá, ele próprio chegou para dar queixa contra mim por falso testemunho. Então fui até o juiz que me disse para esperar uma sentença por no mínimo um mês. Pense nisso, meu filho vai nascer na pri-

são! Como posso escapar disso? Ajude-me. Você pode. Fale!

**ESTRANHO.** Sim, posso ajudá-la. Mas, se eu o fizer, não se vingue mais tarde.

**DAMA.** Você me conhece tão pouco. Mas me diga logo o que fazer.

**ESTRANHO.** Vou assumir a culpa e dizer que enviei você.

**DAMA.** Como você é generoso! Já estou ao par de todo essa coisa agora?

**ESTRANHO.** Enxugue os olhos, minha criança, e relaxe. Mas me diga ainda uma coisa, que não tem nada a ver com isso. Você deixou esta bolsa aqui? (*A DAMA fica embaraçada*) Diga-me!

**DAMA.** Algo semelhante já aconteceu alguma vez antes?

**ESTRANHO.** Sim. O “outro” queria descobrir, desse jeito, se eu havia roubado algo. Na primeira vez que isso aconteceu eu chorei, porque era muito jovem e inocente.

**DAMA.** Oh não!

**ESTRANHO.** Agora você me parece ser a criatura mais desventurada sobre a terra.

**DAMA.** Diz isso porque me ama?

**ESTRANHO.** Não. Você andou roubando minhas cartas, também! Responda, sim! E foi por isso que você quis provar que eu roubei esta bolsa.

**DAMA.** O que você tem aí, sobre a mesa.

**ESTRANHO.** Iluminação! (*Acontece um raio de luz, mas sem trovão.*)

**DAMA.** Não tem medo?

**ESTRANHO.** Sim, às vezes; mas não do que você tem medo. (*A face contorcida do MÉDICO surge do lado de fora da janela.*)

**SENHOR.** Tem um gato aqui na sala? Não me sinto bem.

**ESTRANHO.** Não creio. Embora tenha a sensação de que há alguém aqui.

**DAMA.** (*virando-se e vendo o rosto do MÉDICO; depois grita e corre para o ESTRANHO, buscando proteção.*) Oh! Ali! Tem alguém ali!

**ESTRANHO.** Onde? Quem? (*O rosto do MÉDICO desaparece.*)

**DAMA.** Ali, na janela. É ele!

**ESTRANHO.** Não vejo ninguém. Você deve estar errada.

**DAMA.** Não, eu o vi. O lobisomem! Não vamos nos livrar dele?

**ESTRANHO.** Sim, vamos. Mas seria inútil, porque ele tem uma alma imortal, inacessível para as nossas.

**DAMA.** Se eu tivesse sabido disso antes!

**ESTRANHO.** Isso certamente está no catecismo.

**DAMA.** Então só nos resta morrer!

**ESTRANHO.** Essa foi anteriormente minha religião. Mas não acredito mais que a morte seja o fim, que nada nos resta exceto suportar tudo – lutar e sofrer!

**DAMA.** Por quanto tempo devemos sofrer?

**ESTRANHO.** Tanto quanto ele sofra e nossa consciência nos censure.

**DAMA.** Então temos que tentar nos justificar para nossas consciências, pedir desculpas por nossas ações frívolas e descobrir nossas fraquezas.

**ESTRANHO.** Bom, você pode tentar!

**DAMA.** É você quem diz isso! Desde que soube que ele é infeliz, só consigo ver as qualidades dele, e você perde quando o comparo a ele.

**ESTRANHO.** Veja como está tudo bem arranjado! Os sofrimentos dele o santificam, mas os meus me tornam repugnante e ridículo! Temos que encarar o imutável. Fomos destruídos por uma alma, somos assassinos.

**DAMA.** A quem censurar?

**ESTRANHO.** A ele, que administra mal o destino humano. (*Um raio, e os sinos elétricos começam a tocar.*)

**DAMA.** Meu Deus! O que foi isso?

**ESTRANHO.** A resposta.

**DAMA.** Tem um para-raios aqui?

**ESTRANHO.** O sacerdote de Baal deseja induzir o raio a vir do céu...

**DAMA.** Agora estou com medo, medo de você. Você é assustador.

**ESTRANHO.** Você viu!

**DAMA.** Quem é você para desafiar os Céus e para ousar brincar com os destinos humanos?

**ESTRANHO.** Levante-se e se acalme. Ouça-me, acredite em mim, e me preste o devido respeito, e vou elevar a nós dois acima desta lagoa de sapos a que ambos descemos. Vou soprar sobre sua consciência doente de modo que ela se cure como uma ferida. Quem sou eu? Um homem que fez o que antes não havia sido feito, que vai destruir o Bezerra de Ouro e subir às mesas dos endinheirados. Tenho o destino do mundo no meu cadinho; e numa semana posso tornar um pobre no mais rico dos ricos. Ouro, o mais falso dos

padrões, não governa mais; todos agora serão tão pobres quanto seus vizinhos, e os filhos dos homens vão correr rápido como formigas cujo ninho foi perturbado.

**DAMA.** Que bem isso fará para nós?

**ESTRANHO.** Então você acha que vou fazer ouro para enriquecer a nós e aos outros? Não. Vou fazê-lo para paralisar a ordem presente, rompê-la, como você vai ver! Sou o destruidor, o diluidor, o incendiário do mundo; e quando tudo for cinzas, vou vaguear faminto por entre as ruínas, alegrando-me com a ideia de que foi tudo obra minha: que eu escrevi a última página da história do mundo, que então terá chegado ao fim. (*O rosto do DOMINICANO surge na janela aberta, sem ser visto pelos que estão no palco.*)

**DAMA.** Então era esse o sentido real do seu último livro! Não era invenção minha!

**ESTRANHO.** Não. Mas para escrevê-lo, tive que ligar meu espírito ao espírito de outra pessoa, que podia tirar de mim o que alimentava minha alma. De modo que meu espírito pudesse enfim encontrar um sopro ardente, sobre o qual subir ao éter, burlar os Poderes, e alcançar o Trono a fim de depositar as lamentações da humanidade aos pés do Eterno... (*O DOMINICANO faz o sinal da cruz no ar e desaparece.*) Quem está aí? Quem é o ser Terrível que me segue e estrophia meus pensamentos? Você viu alguém?

**DAMA.** Não. Ninguém.

**ESTRANHO.** Mas eu sinto sua presença. (*Leva a mão ao coração.*) Você ouve longe, muito longe, alguém rezando um rosário?

**DAMA.** Sim, estou ouvindo. Mas não é a Ave Maria. É a maldição do Deuteronômio! Ai de nós!

**ESTRANHO.** Então o som deve vir do convento de São Salvador.

**DAMA.** Ai! Ai de nós!

**ESTRANHO.** Minha amada. O que foi?

**DAMA.** Minha amada! Diga isso de novo.

**ESTRANHO.** Você está doente?

**DAMA.** Não, mas estou com dor e feliz ao mesmo tempo. Peça à minha mãe para fazer minha cama. Mas antes me dê sua bênção.

**ESTRANHO.** Posso...?

**DAMA.** Diga que me perdoa; posso morrer se o bebê tirar minha vida. Diga que me ama.

**ESTRANHO.** Estranho: não consigo fazer a palavra cruzar meus lábios.

**DAMA.** Então você não me ama?

**ESTRANHO.** Quando você diz isso, parece que não. É terrível, mas temo que odeie você.

**DAMA.** Então pelo menos me dê sua mão, como faria a alguém em desespero.

**ESTRANHO.** Eu gostaria, mas não consigo. Alguém em mim sente prazer com sua agonia, mas não sou eu. Eu gostaria de carregar você nos meus braços e suportar seu sofrimento por você. Mas não posso. Não consigo!

**DAMA.** Você é duro como pedra.

**ESTRANHO.** *(com emoção contida)* Talvez não. Talvez não.

**DAMA.** Venha para mim!

**ESTRANHO.** Não consigo me mover daqui. É como se alguém tivesse tomado posse de minha alma; e eu gostaria de me matar se assim tirasse a vida desse alguém.

**DAMA.** Pense no seu filho com alegria...

**ESTRANHO.** Não posso nem fazer isso, pois isso me prenderia à terra.

**DAMA.** Se tivéssemos pecado, teríamos sido punidos! Já não sofremos bastante?

**ESTRANHO.** Ainda não. Mas um dia terá sido suficiente.

**DAMA.** *(desmaiando)* Ajude-me. Socorro! Vou desmaiar! *(O ESTRANHO estende a mão, como se tivesse voltado a si. A DAMA a beija. O ESTRANHO a ergue e a leva para a porta da casa.)*

**Cortina.**

## CENA II

### O QUARTO “ROSA”

*[Um cômodo com paredes pintadas de rosa; tem pequenas janelas com treliças de ferro e plantas em vasos. As cortinas são vermelho-rosa, os móveis são em branco e vermelho. No fundo uma porta leva a um quarto de dormir branco; quando a porta se abre, pode-se ver uma cama grande com dossel e cortinas brancas. À direita, uma porta que leva para fora da casa. À esquerda, uma lareira acesa. À frente dela, uma banheira, coberta com uma toalha branca. Um berço coberto com um tecido branco, rosado e azul claro. Roupas de bebê espalhadas aqui e ali. Um vestido verde dependurado na parede do lado direito. Quatro Irmãs de Misericórdia estão de joelhos, de frente para a porta do fundo, vestidas no preto e branco das irmãs agostinianas. A parteira, de preto, está perto da lareira. A babá da criança usa um vestido de camponesa da Bretanha branco e preto. A MÃE está em pé ouvindo perto da porta do fundo. O ESTRANHO está sentado numa cadeira ereto e tentando ler um livro. Um chapéu e uma capa branca com uma pelerine e um capuz ali perto, e no chão há um pequeno saco de viagem. As Irmãs estão cantando um salmo. Os outros se juntam a elas esporadicamente, mas não o ESTRANHO.]*

**IRMÃS.** *Salve, Regina, mater misericordiae; / Vita, dulcedo, et spes nostra, salve. / Ad te clamamus, exules filii Euae; / Ad te suspiramus gementes et flentes / In hac lacrymarum valle. (O ESTRANHO se levanta e caminha para a MÃE.)*

**MÃE.** Fique onde está! Um ser humano está vindo ao mundo; um outro está morrendo. É tudo a mesma coisa para você.

**ESTRANHO.** Não estou certo! Se quero entrar, não me permitem. E quando não quero, você o quer. Eu gostaria de entrar agora.

**MÃE.** Ela não quer ver você. Além disso, sua presença não é mais necessária. A criança é o mais importante agora.

**ESTRANHO.** Para você, sim; mas eu ainda sou da maior importância para mim.

**MÃE.** O médico proibiu a entrada de qualquer pessoa, seja quem for, porque a vida dela está em perigo.

**ESTRANHO.** Que médico?

**MÃE.** Ah então seus pensamentos voltaram!

**ESTRANHO.** Sim. E foi você quem os guiou! Uma hora atrás deu a entender que o filho não podia ser meu. Com isso chamava sua filha de prostituta, mas isso não queria dizer nada para você, já que você só queria ser me ferir no coração! Você é a criatura mais desprezível que conheço!

**MÃE.** *(para as IRMÃS)* Irmãs! Rezem por esse homem infeliz

**ESTRANHO.** Deixe-me entrar. Pela última vez... me deixem passar.

**MÃE.** Saia desta sala, e da casa também.

**ESTRANHO.** Se eu tivesse que fazer o que me pede, em dez minutos você mandaria a polícia atrás de mim por abandonar minha esposa e meu filho!

**MÃE.** Eu só faria o que levasse você a ir para aquele convento que você conhece bem.

**CRIADA.** *(entrando, vindo do fundo)* A Senhora está lhe pedindo que faça uma coisa por ela.

**ESTRANHO.** O que ela quer?

**CRIADA.** É provável que exista uma carta num vestido que ela deixou dependurado aqui.

**ESTRANHO.** *(olha ao redor e vê o vestido verde; vai até ele e tira uma carta do seu bolso)* Está endereçada a mim, e foi aberta há dois dias. Aberta! Isso é mesmo muito bom!

**MÃE.** Deve perdoar alguém que está doente como sua esposa.

**ESTRANHO.** Ela não estava doente há dois dias.

**MÃE.** Não. Mas está agora.

**ESTRANHO.** Mas não há dois dias! (*Lendo a carta.*) Bom, eu a perdoo agora, com a magnanimidade do vencedor.

**MÃE.** Do vencedor?

**ESTRANHO.** Sim. Pois fiz algo que ninguém havia feito antes.

**MÃE.** Você quer dizer o ouro...?

**ESTRANHO.** Aqui está um certificado da maior autoridade viva. Agora vou vê-lo eu mesmo.

**MÃE.** Agora!

**ESTRANHO.** A seu pedido.

**CRIADA.** (*para o ESTRANHO*) A Senhora pede que entre.

**MÃE.** Você ouviu?

**ESTRANHO.** Não, agora eu não quero! Você fez de sua própria filha, minha esposa, uma prostituta; e falou de meu filho ainda não nascido como um bastardo. Fique com os dois. Você assassinou minha honra. Não há nada que eu possa fazer para a recuperar outra vez.

**MÃE.** Não vai perdoar nunca!

**ESTRANHO.** Vou, sim. Eu perdoo você – e vou embora. (*Veste a capa e o chapéu, pega sua bengala e o saco de viagem.*) Pois se eu ficasse, logo seria pior do que sou agora. A criança inocente, cuja missão era enobrecer nosso relacionamento deformado, foi emporcalhada por você no útero de sua mãe e convertido no pomo da discórdia e em fonte de punição e vingança. Por que eu ficaria aqui para ser reduzido a pedaços?

**MÃE.** Para você, os deveres não existem.

**ESTRANHO.** Oh sim, eles existem! E o primeiro deles é proteger a mim mesmo da destruição total. Adeus!

**Cortina.**

## ATO III

### CENA I

#### O SALÃO DO BANQUETE

[*Sala num hotel preparada para um banquete. Longas mesas enfeitadas com flores e candelabros. Pratos com pavões, faisões com plumagem completa, cabeças de javali, lagostas*

*inteiras, ostras, salmão, ramos de aspargo, melões e uvas. Um conjunto com oito músicos ao fundo no lado direito.]*

*[Na mesa alta: o ESTRANHO num hábito de frade; perto dele um uniforme civil com condecorações; um Frade professoral com uma condecoração; e outros Frades com condecorações de tipo mais ou menos notável. Na segunda mesa alguns Frades entre fraques pretos. Na terceira mesa, roupas limpas de todo dia. Na quarta mesa, figuras sujas e maltrapilhas de aparência esquisita.]*

*[As mesas estão arranjadas de modo que a primeira está mais à esquerda e a quarta à direita, de modo que as pessoas sentadas à quarta mesa não podem ser vistas pelo ESTRANHO. Na quarta mesa, CÉSAR e o MÉDICO estão sentados, vestindo roupas surradas. São os que estão mais distantes. A sobremesa acabou de ser servida e os hóspedes têm taças douradas diante deles. A banda está tocando pianíssimo uma passagem central da Marcha Fúnebre de Mendelssohn. Os hóspedes estão conversando uns com os outros calmamente.]*

**MÉDICO.** *(para CÉSAR)* A companhia parece estar deprimida e a sobremesa veio bastante depressa!

**CÉSAR.** Por falar nisso, essa coisa toda parece uma fraude! Ele fez ouro coisa nenhuma, é simplesmente uma mentira, como tudo o mais.

**MÉDICO.** Não sei, mas, é o que dizem. E nessa era iluminada em que vivemos pode-se esperar qualquer coisa.

**CÉSAR.** Há um professor na ponta da mesa principal, supostamente uma grande autoridade. Mas ele é professor de quê?

**MÉDICO.** Não tenho ideia. Pode ser metalurgia ou química aplicada.

**CÉSAR.** Consegue ver que condecoração está usando?

**MÉDICO.** Não a conheço. Talvez uma de quinta categoria.

**CÉSAR.** Bom, num jantar como este, de convite comprado, as companhias são sempre misturadas.

**MÉDICO.** Hm!

**CÉSAR.** Você quer dizer, que nós... hm... Eu admito que não estamos bem vestidos, mas até onde vai minha inteligência...

**MÉDICO.** Ouça, César, você é um lunático sob minha responsabilidade, e deve evitar ao máximo falar sobre inteligência.

**CÉSAR.** Essa é a maior impertinência que ouvi em muito tempo. Você não entende, idiota, que fui contratado para vigiar você desde que perdeu o juízo?

**PROFESSOR.** *(batendo em seu copo)* Senhores!

**CÉSAR.** Ouve, ouve!

**PROFESSOR.** Cavalheiros! Nossa pequena sociedade se sente hoje honrada pela presença do grande homem, que é nosso convidado de honra, e quando o comitê...

**CÉSAR.** *(para o MÉDICO)* É o Governo, sabe!

**PROFESSOR** ... e quando o comitê me pediu para atuar como intérprete e explicar as razões que os motivavam eu me senti num primeiro momento em dúvida se poderia aceitar a honra. Mas comparei minha própria incapacidade com a de outros, e descobri que ninguém perdia na comparação.

**VOZES.** Bravo!

**PROFESSOR.** Cavalheiros! Um século de descobertas está terminando com a maior de todas as descobertas – antevista por Pitágoras, preparada por Albertus e Paracelso e pela primeira vez levada a cabo por nosso convidado de honra. Vocês me permitirão dar esta fraca expressão de nossa admiração pelo maior homem de um grande século. Uma coroa de louros da sociedade! *(Coloca uma coroa de louros na cabeça do ESTRANHO.)* E do comitê: isso! *(Dependura uma condecoração brilhante no pescoço do ESTRANHO.)* Cavalheiros! Três vivas ao Grande Homem que fez ouro!

**TODOS.** *(com exceção do ESTRANHO)* Viva! *(A banda toca as cordas da Marcha Fúnebre de Mendelssohn. Durante a última parte da fala anterior criados trocaram as taças douradas por outras de estanho, e agora começam a levar embora os faisões, os pavões etc. A música toca suavemente. Conversação generalizada.)*

**CÉSAR.** Não deveríamos ter aproveitado essas coisas antes que as levassem embora?

**MÉDICO.** Tudo isso parece mistificação, exceto essa coisa de fazer ouro.

**ESTRANHO.** *(batendo na mesa)* Cavalheiros! Sempre tive orgulho do fato de que não sou uma pessoa fácil de enganar...

**CÉSAR.** Ouça, ouça!

**ESTRANHO** ... de que não sou facilmente levado por circunstâncias, mas sou tocado pela sinceridade tão óbvia no grande tributo que me prestam, e quando digo tocado, eu sei o que digo.

**CÉSAR.** Bravo!

**ESTRANHO.** Sempre existem pessoas céticas; e momentos na vida de cada um em que as dúvidas se instalam furtivamente até mesmo nos corações dos mais fortes. Vou confessar que eu mesmo duvidei, mas depois de me sentir objeto dessa sincera e cordial demonstração, e depois de ter participado deste régio festim, porque é mesmo digno de um rei; e vendo que, finalmente, o próprio Governo...

**VOZ.** O Comitê!

**ESTRANHO** ... o comitê, se quiserem, tão notavelmente reconheceu meus modestos méritos, não mais duvido, mas acredito! (*Os de Uniforme Civil se movimentam.*) Sim, senhores, este é o maior e mais satisfatório momento da minha vida, porque me trouxe de volta a maior coisa que um homem pode possuir, a crença em si mesmo.

**CÉSAR.** Esplêndido! Bravo!

**ESTRANHO.** Eu lhes agradeço. À sua saúde! (*O PROFESSOR se levanta. Todos se erguem e começam a se misturar. Alguns dos músicos saem, mas dois permanecem.*)

**CONVIDADO.** (*para o ESTRANHO*) Uma tarde deliciosa!

**ESTRANHO.** Maravilhosa. (*Todos os Fraques saem.*)

**PAI.** (*Um homem idoso, supervestido com um monóculo e cruces militares; ao MÉDICO*) O quê? Você está aqui?

**MÉDICO.** Sim, meu sogro. Estou aqui. Eu vou a todo lugar para onde ele vai.

**PAI.** É tarde demais no dia de hoje para me chamar de sogro. Além disso, sou sogro... dele agora.

**MÉDICO.** Ele conhece você?

**PAI.** Não. Não teve essa honra; e tenho que lhe pedir que preserve minha condição de incógnito. É verdade que ele fez ouro?

**MÉDICO.** É o que dizem. Mas é certo que abandonou a esposa ainda no leito da maternidade.

**PAI.** Isso significa que devo esperar por um terceiro genro? Não gosto dessa ideia! A incerteza de minha posição me faz odiar ser um sogro quase profissional. Naturalmente, não tenho nada contra, desde que... (*As mesas agora ficaram limpas; as toalhas e os candelabros foram removidos, de modo que as próprias mesas, que são apenas tábuas sobre cavaletes, continuam ali. Uma grande jarra de faiança foi trazida e pequenas jarras de forma simples foram colocadas na mesa principal. As pessoas esfarrapadas se sentam perto do ESTRANHO na mesa principal e o PAI senta-se escarranchado numa cadeira e olha para ele.*)

**CÉSAR.** (*batendo na mesa.*) Cavalheiros! Esta festa foi qualificada como de rei não por conta da excelência do serviço, que, ao contrário, foi horroroso, mas porque o homem a quem honramos é um rei, um rei no reino do Intelecto. Só eu sou capaz de julgar isso. (*Um dos esfarrapados ri.*) Quietos. Miseráveis! Mas ele é mais que um rei, ele é um homem do povo, dos mais humildes. Um amigo dos oprimidos, o guardião dos tolos, o que traz felicidade para os idiotas. Não sei se foi bem sucedido em fazer ouro. Não me preocupo com isso, e dificilmente acredito nisso... (*Murmúrio. Dois policiais entram e se sentam perto da porta, os músicos voltam e se assentam às mesas.*) mas supondo que o tenha con-

seguido, ele respondeu todas as perguntas que a imprensa diária vem tentando resolver nos últimos cinquenta anos... É só uma presunção...

**ESTRANHO.** Cavalheiros!

**ESFARRAPADO.** Não. Não o interrompa.

**CÉSAR.** Uma simples suposição sem fundamento real, e a análise pode estar errada!

**OUTRO ESFARRAPADO.** Não diga coisas sem sentido!

**ESTRANHO.** Falando em minha capacidade como convidado de honra nesta reunião eu diria que seria do interesse dos participantes ouvir as bases em que fundamentei minha prova...

**CÉSAR.** Não queremos ouvir isso. Não, não.

**PAI.** Espere! Considero que a justiça exige que ao acusado seja permitido se explicar. Poderia nosso convidado de honra contar para esta agradável companhia seu segredo em poucas palavras?

**ESTRANHO.** Como responsável pela descoberta não posso desperdiçar meu segredo. Mas isso não vai ser preciso, porque submeti meus resultados a uma autoridade sob juramento.

**CÉSAR.** Então a coisa toda não tem sentido, essa coisrada toda! Não acreditamos em autoridades – somos livres-pensadores. Alguém já ouviu alguma coisa tão descarada? Que trataríamos com honra com boa fé um homem de mistérios, um superescroque, um charlatão.

**PAI.** Minha gente boa, esperem um pouco! (*Durante esta cena uma tela na parede, harmoniosamente decorada com folhas de palmeiras e aves do paraíso, foi retirada, deixando ver uma chopeira e uma prateleira com canecos de cerveja, atrás da qual se vê uma garçonete servindo doses de bebida. Varredores de rua e mulheres sujas com vestes sujas dirigem-se à chopeira e começam a beber.*)

**ESTRANHO.** Fui chamado aqui para ser insultado?

**PAI.** De modo algum. Meu amigo fala mesmo demais, mas não disse nada que o pudesse insultar.

**ESTRANHO.** Então não é insultante ser chamado de charlatão?

**PAI.** Ele não disse isso seriamente.

**ESTRANHO.** Mesmo sendo só por brincadeira, acho a palavra superescroque extremamente difamatória.

**PAI.** Ele não usou essa palavra.

**ESTRANHO.** Qual? Apelo a todo mundo: ele não usou a palavra superescroque?

**TODOS.** Não. Ele nunca disse isso!

**ESTRANHO.** Então não sei mais onde estou – ou no meio de que gente me meti.

**PESSOA ESFARRAPADA.** Tem alguma coisa errada com isso? (*As pessoas murmuram.*)

**MENDIGO.** (*adianta-se, carregando um par de muletas; bate na mesa com elas, alguns copos se quebram.*) Sr. Presidente! Posso falar? (*Quebra mais alguma louça.*) Cavalheiros, nesta vida não me foi permitido ser enganado, mas desta vez eu fui. Meu amigo na cadeira me convenceu que fui completamente enganado na questão de seu poder de julgamento e compreensão plena, e me senti envolvido. Existem limites para a piedade e limites para a crueldade. Não gosto de ver um mérito real em ser atirado ao pó, e este homem merece um destino melhor do que ser atirado insensatamente ao chão.

**ESTRANHO.** O que significa isso? (*O PAI e o MÉDICO saíram durante a cena sem chamar a atenção. Só o mendigo permanece ao redor da mesa principal. Os que estão bebendo juntam-se em grupos e olham para o ESTRANHO.*)

**322** **MENDIGO.** Você se toma pelo homem do século e aceita o convite da Sociedade dos Bêbados para ser festejado como um homem de ciência...

**ESTRANHO.** (*levantando-se*) Mas o Governo...

**MENDIGO.** Oh sim, o Comitê da Sociedade dos Bêbados lhe deu sua maior distinção – aquela condecoração pela qual você teve que pagar...

**ESTRANHO.** E aquele professor?

**MENDIGO.** Ele só se chama daquele modo, ele não é professor coisa alguma, embora dê lições. E o uniforme que deve ter impressionado você era apenas uma farda de porteiro.

**ESTRANHO.** (*amassando a guirlanda e rasgando a fita da comenda.*) Muito bem! Mas quem era o velho com o monóculo?

**MENDIGO.** Seu sogro!

**ESTRANHO.** Quem fez essa brincadeira?

**MENDIGO.** Não foi brincadeira, foi bem a sério. O professor veio a convite da Sociedade, é assim que eles se chamam, e lhe perguntaram se você aceitaria a festa. Você a aceitou, e isso a tornou séria! (*Dois mulheres sujamente vestidas entram carregando uma lata de lixo dependurada numa vara e a colocam sobre a mesa principal.*)

**PRIMEIRA MULHER.** Se você é o homem que faz ouro, tem que pagar dois conhaques para nós.

**ESTRANHO.** O que significa isso?

**MENDIGO.** É a última parte da recepção; quando se supõe que o ouro é apenas lixo.

**ESTRANHO.** Se isso fosse verdade, o ouro poderia ser trocado por ouro.

**MENDIGO.** Bom, isso é só a filosofia da Sociedade dos Bêbados. E você achou sua filosofia onde a procurou.

**SEGUNDA MULHER.** (*sentando-se perto do ESTRANHO*) Você me reconhece?

**ESTRANHO.** Não.

**SEGUNDA MULHER.** Oh, não fique embaraçado tão tarde assim nesta tarde!

**ESTRANHO.** Você se acredita uma de minhas vítimas? Que eu estava naquela centena que a seduziu?

**SEGUNDA MULHER.** Não. Não é o que você pensa. Mas uma vez leram numa carta para mim, quando estava prestes a ser batizada, que dizia que era minha tarefa abrir caminho para todos os desejos da carne. Bem, eu cresci livre e floresci; e este é o fruto de meu espírito altamente desenvolvido!

**ESTRANHO.** (*levantando-se*) Talvez eu possa ir agora?

**GARÇONETE.** (*chegando com uma conta*) Sim, mas a conta tem que ser paga antes.

**ESTRANHO.** O quê? Por mim? Eu não pedi nem encomendei nada.

**GARÇONETE.** Não sei de nada disso; mas você é o último da companhia a ter recebido alguma coisa.

**ESTRANHO.** (*para o MENDIGO*) Isso faz parte da recepção?

**MENDIGO.** Sim, com certeza. E, como você sabe, tudo custa dinheiro, mesmo a honra...

**ESTRANHO.** (*pegando um cartão de visita e entregando à GARÇONETE*) Eis meu cartão. A conta será paga amanhã.

**GARÇONETE.** (*colocando o cartão na lata de lixo*) Hm! Não conheço o nome; e já joguei um monte de cartões na lata de lixo. Quero o dinheiro.

**MENDIGO.** Ouça, madame. Eu garanto que esse homem vai pagar.

**GARÇONETE.** Também você está querendo fazer gracinha comigo! Polícia! Um momento, por favor.

**POLICIAL.** O que está acontecendo? Pagamento, suponho. Venha à delegacia, vamos acertar isso lá. (*Escreve alguma coisa numa caderneta.*)

**ESTRANHO.** Eu preferiria fazer isso a ficar aqui e discutir... (*Ao MENDIGO.*) Não me importo com uma piada, mas nunca esperei tanta crueldade como essa.

**MENDIGO.** Deve-se esperar qualquer coisa quando se desafia uma pessoa tão poderosa

como você fez! Permita-me lhe dizer uma coisa em confiança. Você deve estar preparado para o pior, para o muito pior!

**ESTRANHO.** Pensar que fui tão ingênuo... tão...

**MENDIGO.** Festins de Belshazzar sempre terminam com a mão ocupada – escrevendo uma conta. E a outra mão é colocada no ombro do convidado para conduzi-lo à delegacia! Mas isso tem que ser feito com nobreza, categoria!

**POLICIAL.** (*colocando a mão no ESTRANHO*) Você já falou o que queria?

**AS MULHERES E OS ESFARRAPADOS.** O alquimista não pode pagar. Hurrah! Está indo para a cadeia. Indo para a cadeia!

**SEGUNDA MULHER.** Sim, ali vai ele, mas é uma vergonha.

**ESTRANHO.** Está chateada por mim? Eu lhe agradeço por isso, mesmo que não mereça isso de você. Você sente piedade por mim!

**SEGUNDA MULHER.** Sim. Ainda há algo que aprendi de você. (*A cena muda sem se subir a cortina. O palco é escurecido e um medley de cenas, representando paisagens, palácios, salas, é apresentado, de modo que personagens e mobília não são vistos, só o ESTRANHO permanece visível e parece estar rígido, como se inconsciente. No final até ele desaparece, e da confusão emerge uma cela de prisão.*)

## CENA II

### CELA DE PRISÃO

[À direita, uma porta e sobre ela uma abertura com barras por onde passa um facho de luz do sol que se projeta na parede da esquerda, onde está dependurado um grande crucifixo.]

[O **ESTRANHO**, vestindo um casaco marrom e um chapéu, está sentado à mesa olhando para o facho de luz. A porta se abre e o **MENDIGO** entra.]

**MENDIGO.** Está aí cismando sobre o quê?

**ESTRANHO.** Perguntando a mim mesmo por que estou aqui, e também: onde eu estava ontem?

**MENDIGO.** Onde você acha?

**ESTRANHO.** Parece que no inferno, a menos que eu tivesse sonhado tudo.

**MENDIGO.** Então acorde agora, porque vai se tornar realidade.

**ESTRANHO.** Deixa acontecer. Só tenho medo de fantasmas.

**MENDIGO.** (*pegando um jornal*) Em primeiro lugar, a grande autoridade confiscou o

certificado que lhe deu por fazer ouro. Ele diz, em seu comunicado, que você o enganou. O resultado é que esse memorando chama você de charlatão!

**ESTRANHO.** Oh meu Deus! Contra o que estou lutando?

**MENDIGO.** Dificuldades, como outros homens.

**ESTRANHO.** Não, isso é alguma coisa mais...

**MENDIGO.** Sua própria credulidade, então.

**ESTRANHO.** Não, eu não sou crédulo, e sei que estou certo.

**MENDIGO.** Para que serve isso, se ninguém acredita.

**ESTRANHO.** Será que vou sair dessa prisão? Se sair, vou esclarecer tudo.

**MENDIGO.** A coisa foi arranjada, e tudo foi pago.

**ESTRANHO.** Oh? E quem teria pago, então?

**MENDIGO.** A Sociedade, eu suponho; ou o Governo dos Bêbados.

**ESTRANHO.** Então eu posso ir?

**MENDIGO.** Sim. Mas tem uma coisa...

**ESTRANHO.** Bom, o que é?

**MENDIGO.** Lembre-se, um iluminado homem do mundo não se pode deixar surpreender.

**ESTRANHO.** Começo a adivinhar...

**MENDIGO.** O anúncio da primeira página.

**ESTRANHO.** Que quer dizer: ela se casou novamente, e meus filhos têm um padrasto. Quem é ele?

**MENDIGO.** Seja quem for, não o mate; ele não deve ser censurado por ter se casado com uma mulher separada.

**ESTRANHO.** Meus filhos! Oh Deus, meus filhos!

**MENDIGO.** Eu notei que você não anteviu o que aconteceu; mas por que não olha para a frente, se você é um homem do mundo tão iluminado e tão velho.

**ESTRANHO.** *(de lado, para si mesmo)* Oh Deus! Meus filhos!

**MENDIGO.** Iluminados homens do mundo não choram! Para com isso, meu filho. Quando tais desastres acontecem, os homens do mundo... hmmm... bom, me diga...

**ESTRANHO.** Eles se matam!

**MENDIGO.** Ou?

**ESTRANHO.** Não, isso não!

**MENDIGO.** Sim, meu filho, exatamente isso! Ele está jogando fora uma âncora de salvação como um experimento.

**ESTRANHO.** Isso é definitivo. Irrevogável!

**MENDIGO.** Sim, é completamente definitivo. E você pode viver uma outra vida para contemplar sua própria patifaria em paz.

**ESTRANHO.** Você deveria estar envergonhado por falar assim.

**MENDIGO.** E você?

**ESTRANHO.** Você já viu um destino humano como o meu?

**MENDIGO.** Bem, olhe para o meu!

**ESTRANHO.** Não sei nada sobre o seu.

**MENDIGO.** Nunca lhe ocorreu, durante todo o tempo em que nos conhecemos, perguntar sobre minhas coisas. Uma vez você escarneceu da amizade que lhe ofereci, e se atirou direto nos braços de companheiros de mais proveito. Espero que se sintam bem. E adeus, até a próxima vez.

**ESTRANHO.** Não vá.

**MENDIGO.** Talvez você queira companhia quando sair da prisão.

**ESTRANHO.** Por que não?

**MENDIGO.** Não lhe havia ocorrido que eu não quisesse ser visto em sua companhia?

**ESTRANHO.** Certamente não.

**MENDIGO.** Mas é verdade. Pensa que eu gostaria de ser suspeito de ter participado daquele imortal banquete em honra do alquimista, de quem qual há um artigo no jornal da manhã?

**ESTRANHO.** Ele não gostaria de ser visto comigo!

**MENDIGO.** Até mesmo um mendigo tem seu orgulho e tem medo do ridículo.

**ESTRANHO.** Ele não desejaria ser visto comigo. Tenho então que cair nessa miséria?

**MENDIGO.** Você precisa perguntar isso a si mesmo, e responder, também. (*Ouve-se à distância uma melancólica canção de ninar.*)

**ESTRANHO.** O que é isso?

**MENDIGO.** Uma canção cantada por uma mãe ao lado do berço de seu filho.

**ESTRANHO.** Por que eu deveria ser lembrado disso justamente agora?

**MENDIGO.** Provavelmente para que você possa sentir de modo realmente agudo o que deixou por uma quimera.

**ESTRANHO.** É possível que eu estivesse errado? Se estiver, então isso foi obra do diabo, e me rendo.

**MENDIGO.** Devia fazer isso o mais rápido que pudesse...

**ESTRANHO.** Ainda não! (*Ouve-se um rosário sendo rezado à distância.*) O que é isso? (*Ouve-se uma longa nota tocada num corno de caça.*) É o caçador de homens desconhecido! (*Ouve-se o coral da Marcha Fúnebre*) Onde estou? (*Fica onde está como se estivesse hipnotizado.*)

**MENDIGO.** Curve-se ou fuja!

**ESTRANHO.** Não consigo me curvar!

**MENDIGO.** Então fuja. (*O ESTRANHO cai ao chão. O mesmo medley confuso de cenas de antes.*)

**Cortina.**

## CENA III

### O QUARTO “ROSA”

[*O mesmo cenário do Ato I. As Irmãs de Misericórdia, ajoelhadas, agora estão lendo seus livros de orações - ... exules filii Evae; Ad te suspiramus et flentes, In hac lacrymarum valle - A MÃE está perto da porta do fundo; o PAI perto da porta à direita.*]

**MÃE.** (*caminhando na direção dele*) Então você veio outra vez?

**PAI** (*humildemente*). Sim.

**MÃE.** Sua queridinha deixou você?

**PAI.** Não seja cruel mais que o necessário!

**MÃE.** Você diz isso a mim, você que deu meus presentes de casamento para sua amante. Você, que foi tão desprezível ao querer que eu, sua esposa, escolhesse presentes para ela. Você, que quis meu conselho a respeito de cor e modelo, para educar o gosto dela quanto a vestidos! O que quer aqui?

**PAI.** Ouvi que minha filha...

**MÃE.** Sua filha está internada aqui, entre a vida e a morte, e você sabe que os sentimentos dela por você se tornaram hostilidade. É por isso que lhe peço para ir embora, antes que ela suspeite de sua presença.

**PAI.** Você está certa, e não posso reagir a você. Mas permita que me sente na cozinha,

estou cansado. Muito cansado.

**MÃE.** Onde esteve na noite passada?

**PAI.** No clube. Mas eu queria lhe perguntar se seu marido não está aqui?

**MÃE.** Sou eu que vou ter que desvelar essa miséria toda? Você não sabe do trágico destino de sua filha?

**PAI.** Sim... Eu sei. E que marido!

**MÃE.** Que homens! Desça as escadas agora e vomite o álcool que bebeu.

**PAI.** Os pecados dos pais...

**MÃE.** Não diga bobagem.

**PAI.** É claro que não quis dizer os meus pecados... mas os de nossos pais. E agora dizem que o lago tem que ser drenado para que o rio suba...

**MÃE.** (*empurrando-o porta a fora*) Silêncio. A desgraça logo tomará conta de nós, com você chamando assim por ela.

**CRIADA.** (*do quarto ao fundo*) A senhora está chamando pelo seu senhor.

**MÃE.** Ela quis dizer o marido dela.

**CRIADA.** Sim. O senhor da casa, o marido dela.

**MÃE.** Ele saiu daqui faz pouco tempo. (*O ESTRANHO entra.*)

**ESTRANHO.** A criança já nasceu?

**MÃE.** Não. Ainda não.

**ESTRANHO.** (*pondo a mão na testa*) O quê? Pode durar tanto tempo assim?

**MÃE.** Tanto tempo? O que quer dizer?

**ESTRANHO.** (*olhando em redor*) Não sei o que quis dizer. Como está a mãe?

**MÃE.** Ela está na mesma.

**ESTRANHO.** Na mesma?

**MÃE.** Você não quer voltar ao seu ofício de fazer ouro?

**ESTRANHO.** O que diz não tem pé nem cabeça! Mas ainda existe a esperança de que meu pior sonho não fosse apenas um sonho.

**MÃE.** Você realmente parece que estava caminhando em seu sono.

**ESTRANHO.** Pareço? Oh, quem me dera! A única coisa que eu temia já não me apavora mais.

**MÃE.** Aquele que guia seu destino parece conhecer seus pontos mais fracos.

**ESTRANHO.** E quando só restar um, ele o descobrirá também, felizmente para mim apenas num sonho! Poderes cegos! Poderes impotentes!

**CRIADA.** (*voltando*) A Senhora lhe pede para lhe fazer um favor.

**ESTRANHO.** Lá está ela como uma enguia, dando choques à distância. Que tipo de favor poderia ser?

**CRIADA.** Há uma carta no bolso do casaco verde dela.

**ESTRANHO.** Coisa boa não há de sair daí. (*Ele tira a carta do bolso do casaco verde, que estava dependurado perto da lareira.*) Eu devo estar morto. Eu sonhei isso, e agora está acontecendo. Meus filhos têm um padrasto!

**MÃE.** Quem você está censurando agora?

**ESTRANHO.** A mim mesmo! Não tenho que censurar ninguém. Eu perdi meus filhos.

**MÃE.** Você está prestes a ganhar um novo filho agora.

**ESTRANHO.** Ele poderia ser cruel com eles...

**MÃE.** Então os sofrimentos deles vão pesar em sua consciência, se você tiver uma.

**ESTRANHO.** Suponhamos que estamos aqui para afastar esses sofrimentos...

**MÃE.** Sabe o que eu faria no seu lugar?

**ESTRANHO.** Sim, sei o que você faria; mas não sei o que eu faria.

**MÃE.** (*para as Irmãs de Misericórdia*) Rezem por esse homem!

**ESTRANHO.** Não, não. Isso não! Isso não me faria bem, e eu não acredito em orações.

**MÃE.** Mas você acredita no seu ouro?

**ESTRANHO.** Nem mesmo nisso. Está acabado. Tudo acabado! (*A PARTEIRA sai do quarto de dormir.*)

**PARTEIRA.** A criança nasceu. Louvado seja o Senhor!

**MÃE.** Louvado seja o Senhor!

**IRMÃS.** Louvado seja o Senhor!

**PARTEIRA.** (*para o ESTRANHO*) Sua esposa lhe deu uma filha.

**MÃE.** (*para o ESTRANHO*) Não quer ver sua filha?

**ESTRANHO.** Não. Não quero me ligar a mais nada nesta terra. Tenho medo de chegar a amá-la, e depois você arrancaria meu coração do meu peito. Quero sair da atmosfera deste lugar, que é muito puro para mim. Não deixem essa criança inocente chegar perto

de mim, porque sou um homem já maldito, já sentenciado, e para mim não existe felicidade, nem paz, nem... perdão!

**MÃE.** Meu filho, agora está dizendo palavras cheias de sabedoria! De verdade e sem maldade: saúdo sua decisão. Não há lugar para você aqui, e entre nós, mulheres, você seria condenado à morte. Então vai em paz.

**ESTRANHO.** Não existirá mais paz, mas eu vou. Adeus!

**MÃE.** *Exules filii Evae;* sobre a terra você será um fugitivo e vagabundo.

**ESTRANHO.** Porque eu matei meu irmão.

**Cortina.**

## ATO IV

### CENA I

#### SALÃO DO BANQUETE

[O salão em que ocorreu o banquete no Ato III. Está sujo, e mobiliado com mesas de madeira sem pintura. Mendigos, varredores de rua e mulheres perdidas. Aleijados estão sentados aqui e ali bebendo à luz de velas de sebo.]

[O ESTRANHO e a SEGUNDA MULHER estão sentados juntos bebendo conhaque, que está na mesa numa garrafa à frente deles. O ESTRANHO está bebendo pesado.]

**MULHER.** Não beba tanto!

**ESTRANHO.** Veja. Você tem escrúpulos, também!

**MULHER.** Não. Mas não gosto de ver um homem que respeito caindo tanto assim.

**ESTRANHO.** Mas eu vim aqui especialmente para isso; tomar um banho de lama que poderia endurecer minha pele contra os golpes da vida. Buscar apoio em meio à escória. E escolhi sua companhia, porque você é a mais desprezível, embora ainda possua uma centelha de humanidade. Você se sentiu penalizada por mim, quando ninguém mais se importou comigo. Nem eu mesmo. Por quê?

**MULHER.** Eu não sei. Realmente, não sei.

**ESTRANHO.** Mas você deve saber que há momentos em que a gente se parece muito bonito.

**MULHER.** Oh, ora, ouçam só!

**ESTRANHO.** Sim. E depois você se parece com uma mulher que me foi muito querida.

**MULHER.** Obrigada!

**GARÇONETE.** Não falem tão alto, tem um homem doente aqui.

**ESTRANHO.** Diga, você já se apaixonou?

**MULHER.** Nós não usamos essa palavra, mas eu sei o que você quer dizer. Sim. Já tive um amor e tivemos um filho.

**ESTRANHO.** Que coisa maluca!

**MULHER.** Eu pensava assim, também, mas ele disse que os dias da liberação haviam chegado, quando todas as correntes seriam quebradas, todas as barreiras cairiam, e...

**ESTRANHO.** (*torturado*) E depois..?

**MULHER.** Depois ele me deixou.

**ESTRANHO.** Ele era um cafajeste. (*Bebe.*)

**MULHER.** (*olhando para ele*) Você acha isso?

**ESTRANHO.** Sim. Ele deve ter sido.

**MULHER.** Agora você ficou tão intolerante.

**ESTRANHO.** (*bebendo*) Fiquei?

**MULHER.** Não beba tanto assim; quero ver você muito acima de mim, caso contrário não poderá me levantar.

**ESTRANHO.** Que ilusões você deve ter! Sua infantil! Eu levanto você! Eu que estou tão por baixo. Ainda que não esteja, não sou eu que estou aqui, porque estou morto. Eu sei que minha alma está muito distante, distante, muito distante... (*Ele para, imóvel, com um ar distraído*)... onde um grande lago repousa na luz do sol como ouro líquido; onde rosas florescem nos muros entre as vinhas; onde uma casinha branca se esconde sob as acácias. Mas a criança está adormecida e a mãe está sentada ao lado da casinha fazendo crochê. Há uma longa, longa faixa que sai de sua boca e nessa faixa está escrito... espere..."Abençoado seja o melancólico, pois ele será confortado". Mas isso não é assim, de verdade. Eu nunca serei confortado. Diga-me, há um trovão no ar, vem se aproximando, tão quente?

**MULHER.** (*olhando para fora pela janela*) Não. Não vejo nenhuma nuvem de chuva lá fora...

**ESTRANHO.** Estranho... houve um raio.

**MULHER.** Não. Você está enganado.

**ESTRANHO.** Um, dois, três, quatro, cinco... agora o trovão deve chegar! Mas não veio. Nunca fiquei amedrontado com uma tempestade até este dia, quer dizer, esta noite. Mas é dia ou noite?

**MULHER.** Meu caro, é noite.

**ESTRANHO.** Sim. É noite. (*O MÉDICO entrou durante esta cena e se sentou atrás do ESTRANHO, sem ser visto por ele.*)

**GARÇONETE.** Não fale tão alto, tem uma pessoa doente aqui.

**ESTRANHO.** (*para a MULHER*) Dê-me sua mão.

**MULHER.** (*enxugando-a em seu avental*) Oh, por quê?

**ESTRANHO.** Você tem uma mão branca delicada... Olhe a minha... É escura. Está vendo, é bem escura!

**MULHER.** Sim, bem escura!

**ESTRANHO.** Já escurecida, talvez apodrecendo? Preciso ver se meu coração parou. (*Coloca a mão no coração.*) Sim. Parou! Então estou morto, e sei quando morri. Estranho, estar morto e ainda estar caminhando. Mas onde estou? Todas essas pessoas estão mortas também? Parece que saíram todas dos esgotos da cidade, ou que vieram da prisão, de um asilo ou de um hospital de terminais. São trabalhadores da noite, sofrendo, gemendo, amaldiçoando, brigando, torturando uns aos outros, desonrando uns aos outros, invejando uns aos outros, como se possuíssem alguma coisa digna de inveja! O fogo do sono corre em suas veias, suas línguas se colam em seus palatos, crescidas com suas pragas; e depois cospem o ardor com água, com aguardente, que engendra sede fresca. Com aguardente, que queima com uma chama azul e consome a alma como fogo na mata seca, que nada deixa atrás de si senão terra vermelha. (*Ele bebe.*) Coloque fogo nisso. Cuspa de novo. Coloque fogo nisso. Cuspa de novo! Mas o que não se pode queimar – infelizmente – é a memória do que é passado. Como pode essa memória ser transformada em cinzas?

**GARÇONETE.** Por favor, não fale tão alto, tem um homem doente aqui. Tão doente, que já pediu que lhe dessem a extrema unção.

**ESTRANHO.** Que ele vá logo para o inferno! (*Os presentes murmuram, ressentidos.*)

**GARÇONETE.** Tome cuidado! Tome cuidado!

**MULHER.** (*para o ESTRANHO*) Você conhece esse homem que está sentado atrás de você, olhando para você todo o tempo?

**ESTRANHO.** (*virando-se. Ele e o MÉDICO se olham por um momento, sem se falarem*) Sim. Houve um tempo em que nos conhecemos.

**MULHER.** Ele olha como se quisesse lhe dar uma mordida nas costas. (*O MÉDICO se senta em oposição ao ESTRANHO e o contempla.*)

**ESTRANHO.** Está olhando o quê?

**MÉDICO.** Seu cabelo grisalho.

**ESTRANHO.** *(para a MULHER)* Meu cabelo está grisalho?

**MULHER.** Sim. Sem dúvida!

**MÉDICO.** E agora estou olhando para sua simpática companheira. Às vezes você tem bom gosto. Às vezes não.

**ESTRANHO.** E às vezes você tem o azar de ter o mesmo gosto que eu.

**MÉDICO.** Essa não é uma observação delicada! Mas você já me matou duas vezes em sua vida; então, vamos em frente.

**ESTRANHO.** *(para a MULHER)* Vamos sair daqui.

**MÉDICO.** Você sabe quando estou perto. Você sente minha presença de longe. E vou alcançar você, como o som do trovão, até se se esconder de mim nas profundezas da terra ou do mar... Tente escapar de mim, se puder.

**ESTRANHO.** *(para a MULHER)* Vem comigo. Guie-me... Não consigo ver nada...

**MULHER.** Não, ainda não quero ir. Não quero me aborrecer.

**MÉDICO.** Você está bem aí, filha da alegria! A vida é muito dura sem descarregar as tristezas que os outros colocaram em seus próprios ombros. Esse homem não quer carregar suas próprias tristezas, mas faz a mulher dele levar a carga dele.

**ESTRANHO.** Mas o que é isso? Espere! Ela prestou um falso testemunho de violação da paz e tentativa de assassinato!

**MÉDICO.** Agora ele está pondo a culpa nela!

**ESTRANHO.** *(descansando a cabeça nas mãos e deixando-a mergulhar na mesa. Ao longe um violino e um violão tocam uma melodia)*

**MÉDICO.** *(para a MULHER)* Ele está doente?

**MULHER.** Deve estar louco; diz que está morto. *(Ao longe tambores batem o toque da alvorada e clarins acompanham, muito suavemente.)*

**ESTRANHO.** Já é de manhã? A noite está terminando, o sol nascendo e os fantasmas vão dormir novamente em seus túmulos. Agora posso ir. Venha!

**MULHER.** *(indo para perto do MÉDICO)* Não. Eu disse não.

**ESTRANHO.** Até você, o último de todos os meus amigos! Sou um sujeito tão desgraçado, que nem mesmo uma prostituta me fará companhia por dinheiro?

**MÉDICO.** Deve ser.

**ESTRANHO.** Não acredito nisso, embora todos me digam que sim. Não acredito em mais nada, pois toda vez que acreditei, fui enganado. Mas me diga uma coisa: o sol já saiu?

Há pouco ouvi um galo cantar e um cachorro latir e agora estão cantando o Angelus... Apagaram as luzes, por isso está tão escuro?

**MÉDICO.** *(para a MULHER)* Ele deve estar cego.

**MULHER.** Sim. Acho que está.

**ESTRANHO.** Não. Posso ser você, mas não consigo ver as luzes.

**MÉDICO.** Para você está ficando escuro... Você brincou com a iluminação. E olhou muito tempo para o sol. Isso é proibido para os homens.

**ESTRANHO.** Nascemos com o desejo de fazer isso, mas não podemos. Isso é... Inveja...

**MÉDICO.** O que você possui que seja digno de inveja?

**ESTRANHO.** Alguma coisa que você nunca vai entender e à qual só eu posso dar valor.

**MÉDICO.** Você quer dizer, a criança?

**ESTRANHO.** Você sabe que não quis dizer isso. Se eu tivesse dito que possuo alguma coisa você jamais permitiria.

**MÉDICO.** De volta ao mesmo assunto! Vou lhe falar bem claro: você levou o que eu faria.

**MULHER** Oh! Eu jamais ficaria na companhia de um sujeito tão nojento! *(Ela se levanta e caminha para outro banco.)*

**ESTRANHO.** Eu sei que afundamos muito; mas acredito que quanto mais baixo eu caio mais perto fico do meu objetivo: o fim!

**GARÇONETE.** Não fale tão alto: tem um homem morrendo aqui!

**ESTRANHO.** Acredito em você. Todo o tempo senti cheiro de cadáveres aqui.

**MÉDICO.** Seriam talvez os nossos?

**ESTRANHO.** Pode alguém estar morto sem suspeitar disso?

**MÉDICO.** Os mortos afirmam que não conhecem qualquer diferença.

**ESTRANHO.** Você me assusta. Isso é possível? E todas essas figuras obscuras, cujas faces penso reconhecer como memórias de minha juventude na escola, na piscina, na quadra de esportes... *(Aperta o coração.)* Oh! Agora ele está chegando: o Terrível, que arranca o coração para fora do peito. O Terrível, que está me seguindo há anos. Ele está aqui! *(Fora de si. As portas se abrem; um garoto do coro da igreja entra com uma lanterna de vidro azul que lança uma luz azulada nos convidados; ele toca o sino de prata. Todos os presentes começam a uivar como feras selvagens. O DOMINICANO então entra com a extrema unção. A GARÇONETE e a mulher se ajoelham, os outros gritam. O DOMINICANO levanta o sacrário; todos caem de joelhos. O menino do coro e o DOMINICANO entram no quarto à esquerda.)*

**MENDIGO.** (*entrando e caminhando na direção do ESTRANHO*) Saia daqui. Você está doente. E oficial de justiça tem uma citação para você.

**ESTRANHO.** Uma citação? Quem a solicitou?

**MENDIGO.** Sua esposa.

**MÉDICO.** A enguia elétrica ataca a grande distância. Uma vez ela quis me processar por calúnia, porque não podia ficar fora à noite.

**ESTRANHO.** Não podia ficar fora à noite?

**MÉDICO.** Sim. Você não conhecia com quem estava casado?

**ESTRANHO.** Ouvi que ela tinha estado noiva antes de... se casar com você.

**MÉDICO.** Sim. É assim que se chamava, mas na realidade ela era amante de um homem casado, que ela denunciou por estupro, depois de a ter forçado no estúdio dele e de ela ter posado nua para ele como modelo.

**ESTRANHO.** E essa era a mulher com quem você se casou?

**MÉDICO.** Sim. Depois que me seduziu, ela me denunciou por quebra de promessas, então tive que me casar. Contratou dois detetives para impedirem que eu fosse embora. E essa era a mulher com quem você se casou!

**ESTRANHO.** Eu o fiz porque logo vi que não seria bom escolher entre iguais.

**MENDIGO.** Saia daqui. Vai se arrepender se não sair.

**ESTRANHO.** (*para o MÉDICO*) Ela sempre foi religiosa?

**MÉDICO.** Sempre.

**ESTRANHO.** E terna, de bom coração, abnegada?

**MÉDICO.** Com certeza!

**ESTRANHO.** Alguém conseguiria entendê-la?

**MÉDICO.** Não. Mas você vai ficar louco se continuar pensando nela. É por isso que se tinha de aceitá-la como ela era. Fascinante, inebriante!

**ESTRANHO.** Sim, eu sei. Mas ninguém pode contra a piedade. É por isso que não quero lutar essa luta. Não posso me defender sem a atacar, e não quero fazer isso.

**MÉDICO.** Você era casado antes. Como era?

**ESTRANHO.** A mesma coisa.

**MÉDICO.** Esse amor age como alucinógeno: você vê sóis onde não há nenhum, e estrelas onde elas não existem! Mas é uma sensação agradável, enquanto dura!

**ESTRANHO.** E na manhã seguinte? Oh, na manhã seguinte!

**MENDIGO.** Vamos, homem infeliz! Ele está envenenando você, e você não percebeu. Vamos!

**ESTRANHO.** (*levantando-se*) Me envenenando? Acha que está mentindo para mim

**MENDIGO.** Toda palavra que ele disse era mentira.

**ESTRANHO.** Não acredito nisso.

**MENDIGO.** Não. Você só acredita em mentiras. Mas isso te faz bem.

**ESTRANHO.** Ele estava mentindo? Estava?

**MENDIGO.** Como você pode acreditar em seus inimigos?

**ESTRANHO.** Mas ele é meu amigo, porque me disse a verdade mais amarga.

**MENDIGO.** Poderes Eternos, salvem a razão desse homem! Pois ele acredita que todo o mal é verdadeiro, e todo bem é o mal. Vamos, ou você estará perdido!

**MÉDICO.** Ele já está perdido! E agora vai ser transformado em espuma, esmigalhado em átomos, e usado como ingrediente numa grande panqueca. Vão pro inferno! (*Aos presentes.*) Uivem como vítimas numa cova. (*Todos os convidados uivam.*) E nunca mais piedade para as mulheres. Uive, mulher! (*A MULHER faz um gesto de recusa com a mão.*)

**ESTRANHO.** (*para o MENDIGO*) Esse homem não estava mentindo.

**Cortina.**

## CENA II

### NUMA RAVINA

[*Uma ravina com um riacho no centro, que é cruzado por uma pinguela. Nas cercanias, uma ferraria e um moinho, ambos em ruínas. Árvores caídas impedem a corrente. No fundo, um céu estrelado acima de um bosque de pinheiros. A constelação de Orion é claramente visível.*]

[*O ESTRANHO e o MENDIGO entram. Neve nas redondezas; ao fundo o verde do verão.*]

**ESTRANHO.** Estou com medo! Nesta noite as estrelas parecem dependuradas tão baixo, que eu temo que caiam sobre mim como gotas de prata derretida. Onde estamos?

**MENDIGO.** Na ravina, perto da corrente. Você deve conhecer o lugar.

**ESTRANHO.** Se eu o conheço? Como se pudesse tê-lo esquecido! Ele me lembra de minha lua de mel. Mas onde estão a ferraria e o moinho?

**MENDIGO.** Tudo em ruínas! O lago de lágrimas foi drenado faz uma semana. A corrente

brotou, depois o rio, até que tudo foi devastado, campos e jardins.

**ESTRANHO.** E aquela casa quieta?

**MENDIGO.** O velho pecado foi varrido, mas as paredes ficaram de pé.

**ESTRANHO.** E as pessoas que moravam ali?

**MENDIGO.** Foram embora para as colônias, de modo que a história chegou ao fim.

**ESTRANHO.** Então minha história chegou ao fim também. Tão definitivamente no fim, que não sobrou nenhuma memória feliz. A última foi enlouquecida pelo envenenador...

**MENDIGO.** Cujo veneno você preparou. Pode declarar sua falência.

**ESTRANHO.** Sim. Agora vou ter de desistir.

**MENDIGO.** Então o dia do juízo está prestes a chegar.

**ESTRANHO.** Acho que podemos dizer que estamos quites; porque, se eu pequei, eu fui punido.

**MENDIGO.** Mas outras pessoas certamente não pensam assim.

**ESTRANHO.** Parei de me preocupar com os outros, desde que vi que os Poderes que guiam os destinos da humanidade não aceitam cúmplices. O crime que eu cometi nesta vida foi o de querer libertar os seres humanos...

**MENDIGO.** Libertar os homens de seus deveres, ou os criminosos de seus sentimentos de culpa, de modo que pudessem se tornar realmente inescrupulosos! Você não foi o primeiro, nem será o último, a se dedicar à obra do diabo. *Lucifer a non lucendo!* Mas quando Reynard ficar velho, ele vai se tornar monge - -tão sabiamente ele foi ordenado - e então vai ser forçado a se dividir em dois e afastar Belzebu com seu saco de dores.

**ESTRANHO.** Eu posso ser forçado a isso?

**MENDIGO.** Sim. Embora você não o queira! Você será forçado a rezar contra si mesmo do alto dos telhados das casas. A esfiapar suas roupas centímetro por centímetro. A se esfolar vivo em toda esquina, e mostrar o que você realmente é. Mas para isso é preciso coragem. Ainda assim, um homem que brincou com o trovão não poderá tremer! Entretanto, às vezes, quando a noite cai e os Invisíveis, que só podem ser vistos na escuridão, cavalam em seu peito, então ele sentirá medo - até mesmo das estrelas, e dentre elas o Moinho de Pecados, que tritura o passado, e o tritura, e o tritura!... Um dos setecentos e dezessete Sábios disse que a maior vitória que ele conseguiu foi contra si mesmo; mas homens loucos não acreditam nisso, e por isso estão enganados; porque só dão crédito ao que novecentos e dezenove loucos disseram mais de mil vezes.

**ESTRANHO.** Chega! Diga; é neve isso que está no chão?

**MENDIGO.** Sim. É inverno aqui.

**ESTRANHO.** Mas lá para cima está tudo verde.

**MENDIGO.** É verão lá.

**ESTRANHO.** E luz crescente! (*Um claro raio de luz cai sobre a pinguela.*)

**MENDIGO.** Sim. Tem luz lá, e escuro aqui.

**ESTRANHO.** E quem são aqueles? (*Três crianças, usando roupas de verão, duas meninas e um menino, chegam à ponte vindo da direita.*) Ho! Meus filhos! (*As crianças param para ouvir, e então olham para o ESTRANHO sem parecer tê-lo reconhecido. O ESTRANHO chama.*) Gerda! Erik! Thyra! É seu pai! (*As crianças parecem tê-lo reconhecido; viram-se para a esquerda.*) Não me conhecem. Não querem me conhecer (*Um homem e uma mulher entram pela direita. As crianças dançam para a direita e desaparecem. O ESTRANHO cai ao chão, olhando para o solo.*)

**MENDIGO.** Alguma coisa parecida com isso era de se esperar. Essas coisas acontecem. Levante-se!

**ESTRANHO.** (*erguendo-se*) Onde estou? Onde estive? È primavera, inverno ou verão? Em que século estou vivendo, em que hemisfério? Sou uma criança ou um velho, homem ou mulher, um deus ou o diabo? E quem é você? Você é você, ou você é eu? São as minhas entranhas que sinto em cima de mim? Isso no meu olho é estrelas ou feixes de nervos; aquilo ali é água, ou lágrimas? Espere! Agora estou me movendo mil anos para a frente no tempo, e começando a afundar, a ficar mais pesado e a cristalizar! Logo vou ser recriado e vai emergir das águas escuras do Caos a flor de Lótus que vai estreitar a cabeça dela ao sol e dizer: devo ter dormido por alguns milhares de anos e sonhado que explodi e me tornei éter, e não pude mais sentir, não pude mais sofrer, não pude mais ser feliz; mas entrei num estado de paz e equilíbrio. Mas agora! Agora! Sofro tanto quanto se eu fosse toda a humanidade. Sofro e não tenho o direito de me lamentar...

**MENDIGO.** Então sofra, e quanto mais sofrer mais as dores antigas vão deixar você.

**ESTRANHO.** Não. Meus sofrimentos são eternos...

**MENDIGO.** E só transcorreu um minuto.

**ESTRANHO.** Não posso suportar isso.

**MENDIGO.** Então você precisa de ajuda.

**ESTRANHO.** O que mais vai acontecer? Ainda não é o fim? (*A luz aumenta sobre a ponte. CÉSAR entra e se lança do parapeito; então o MÉDICO aparece à direita, com a cabeça sem cabelos e com um olhar selvagem. Comporta-se como se tivesse se atirado à corrente também.*)

**ESTRANHO.** Ele se vingou tão completamente, que não desperta nenhum remorso de

consciência! (*O MÉDICO sai, pela esquerda. A IRMÃ entra, pela direita, como se estivesse procurando alguém.*) Quem é?

**MENDIGO.** A irmã dele não casada, que não pode se sustentar, e não tem um lar para onde ir. Ficou desesperada desde que o irmão perdeu o juízo de tristeza e se quebrou em pedaços.

**ESTRANHO.** É um destino dos mais tristes. Pobre criatura, o que se pode fazer? Mesmo que eu sentisse seus sofrimentos, isso não a ajudaria.

**MENDIGO.** Não. Não adiantaria de nada.

**ESTRANHO.** Por que remorsos de consciência vêm depois, e não antes? Pode me ajudar com isso

**MENDIGO.** Não. Ninguém pode. Vamos embora.

**ESTRANHO.** Para onde?

**MENDIGO.** Vem comigo.

**Cortina.**

### CENA III

#### O QUARTO ROSA”

[*A DAMA, vestida de branco, está sentada perto do berço fazendo crochê. O vestido verde está dependurado perto da porta à direita. O ESTRANHO entra, e olha ao redor espantado.*]

**DAMA.** (*simplesmente, docemente, sem qualquer traço de surpresa*) Pise suavemente e venha aqui, se quiser ver algo adorável.

**ESTRANHO.** Onde estou?

**DAMA.** Quietos! Olhe para esse pequeno estranho que chegou quando você estava longe daqui.

**ESTRANHO.** Disseram-me que o rio subiu e inundou tudo.

**DAMA.** Por que você acredita em tudo que lhe contam? O rio subiu sim, mas esta pequena criatura tem quem a proteja e aos seus. Você não gostaria de ver sua filha? (*O ESTRANHO caminha na direção do berço. A DAMA levanta a cortina.*) Ela é adorável! Não é? (*O ESTRANHO olha sombriamente para a frente dele.*) Não quer olhar?

**ESTRANHO.** Tudo está envenenado. Tudo!

**DAMA.** Bom, talvez!

**ESTRANHO.** Você sabe que ele perdeu o juízo e está perambulando pela vizinhança, seguido por sua irmã, que está procurando por ele? Ele está sem um tostão, e bebendo...

**DAMA.** Oh, meu Deus!

**ESTRANHO.** Por que você não me repreende?

**DAMA.** Você vai se repreender suficientemente: prefiro lhe dar um bom conselho. Vá ao Convento de São Salvador, lá vai encontrar um homem que o pode libertar do mal que você teme.

**ESTRANHO.** O quê? No convento, eles amaldiçoam e prendem?

**DAMA.** E libertam também!

**ESTRANHO.** Francamente, acho que você está tentando me enganar, não confio mais em você.

**DAMA.** Nem eu, em você! Então veja isso como sua visita de adeus.

**ESTRANHO.** Essa era minha intenção, mas antes queria descobrir se temos a mesma ideia...

**DAMA.** Veja: não podemos construir qualquer felicidade sobre as tristezas de outros; então devemos nos separar. Esse é o único modo de diminuir os sofrimentos dele. Eu tenho minha criança, que vai preencher minha vida para mim; e você tem o grande objetivo de sua ambição...

**ESTRANHO.** Ainda vai zombar de mim?

**DAMA.** Não, por quê? Você resolveu o grande problema.

**ESTRANHO.** Fique quieta! Não fale mais nisso, mesmo que acredite.

**DAMA.** Mas se todo o resto das pessoas acredita também...

**ESTRANHO.** Ninguém acredita naquilo agora.

**DAMA.** Diz o jornal de hoje que se fez ouro na Inglaterra. Ficou provado que é possível.

**ESTRANHO.** Você está enganada.

**DAMA.** Não! Oh, céus, ele não quer acreditar na sua própria boa sorte.

**ESTRANHO.** Eu não acredito em mais nada.

**DAMA.** Pegue o jornal no bolso do meu vestido ali adiante.

**ESTRANHO.** O vestido verde de bruxa, que jogou um feitiço em mim num sábado à tarde, entre a hospedaria e a porta da igreja! Aquilo não vai ser bom para mim.

**DAMA.** *(apanhando o jornal ela mesma e também um grande pacote que estava no bolso*

*do vestido*) Veja você mesmo.

**ESTRANHO.** (*rasgando o jornal*) Não preciso olhar nada!

**DAMA.** Ele não quer acreditar. Ele não quer. Embora os químicos queiram dar um banquete em sua honra no próximo sábado.

**ESTRANHO.** Isso está no jornal também? Sobre o banquete?

**DAMA.** (*dando-lhe o pacote*) E aqui está o diploma de honra. Leia!

**ESTRANHO.** (*rasgando o pacote*) Talvez haja também uma condecoração do Governo!

**DAMA.** Aqueles a quem os deuses querem destruir primeiro ficam cegos! Você fez sua descoberta sem boas intenções, e, portanto, não lhe foi permitido ser o único a ter sucesso.

**ESTRANHO.** Agora vou embora. Porque não quero ficar aqui e ver minha vergonha ser exibida! Eu me tornei motivo de chacota, então vou me esconder – me enterrar vivo por aí porque não quero morrer.

**DAMA.** Então vá! Vamos partir para as colônias em poucos dias.

**ESTRANHO.** Está sendo franca, finalmente! Talvez estejamos perto de uma solução.

**DAMA.** Do enigma: por que nos encontramos?

**ESTRANHO.** Por que tínhamos de fazê-lo?

**DAMA.** Para nos torturarmos um ao outro.

**ESTRANHO.** Isso seria tudo?

**DAMA.** Você pensava que me salvaria de um lobisomem, que realmente não era isso, e então você se tornou um. E então eu tinha que salvá-lo do mal jogando todo o mal que havia em você em mim mesma, e eu o fiz, mas o resultado foi que você se tornou ainda pior. Meu pobre libertador! Agora você está de mãos e pés amarrados e nenhum mágico conseguirá deixar você livre.

**ESTRANHO.** Adeus, e obrigado por tudo o que fez.

**DAMA.** Adeus, e obrigado... por isto! (*Ela aponta o berço.*)

**ESTRANHO.** (*indo para o fundo*) Primeiro talvez eu deva sair daqui.

**DAMA.** Sim, meu caro. Saia! (*O ESTRANHO sai pela porta do fundo. A DAMA caminha até a porta à direita e entra o DOMINICANO – que é também o MENDIGO.*)

**CONFESSOR.** Ele está pronto agora?

**DAMA.** Só restou a esse homem infeliz abandonar o mundo e se enterrar num mosteiro.

**CONFESSOR.** Então ele não acredita ser o grande inventor que ele sem dúvida é?

**DAMA.** Não. Ele não acredita em nada de bom para ninguém, nem mesmo para si próprio.

**CONFESSOR.** Essa é a punição que o Céu enviou a ele: acreditar em mentiras, porque não quis ouvir a verdade.

**DAMA.** Torne leve essa carga de culpa para ele, se puder.

**CONFESSOR.** Não. Se eu o fizesse, ele só se tornaria insolente e acusaria Deus de malevolência e injustiça. Esse homem é um demônio, que precisa ser mantido confinado. Ele pertence à perigosa raça dos rebeldes, ele faria mau uso de seus dons, se pudesse, para fazer o mal. E o poder dos homens para o mal é imensurável.

**DAMA.** Por favor, pelo... apreço que você demonstra por mim, você poderia tornar só um pouquinho mais confortável esse peso, naquilo que ele tem de opressivo e censurável?

**CONFESSOR.** Você tem que fazer isso, de modo que ele possa deixar você na crença de que você tem um lado bom, e que você não é o que seu primeiro marido disse a ele que você era. Se ele acreditar em você, eu o libertarei depois, exatamente como o prendi quando me confessou, no convento de São Salvador, no período em que ficou doente.

**DAMA.** (*indo para o fundo e abrindo a porta*) Como quiser!

**ESTRANHO.** (*voltando*) Então aí está o Ser Terrível! Como ele veio aqui? Mas ele não é o mendigo, afinal de contas?

**CONFESSOR.** Sim, eu sou seu terrível amigo, e estou aqui por sua causa.

**ESTRANHO.** O quê? O que eu...?

**CONFESSOR.** Sim. Uma vez você já me prometeu sua alma, sob juramento, quando ficou doente e se sentiu próximo da loucura. Foi quando você se ofereceu para servir os poderes do bem; mas quando ficou bom de novo quebrou seu juramento, e por isso foi amaldiçoado com inquietação, e perambulou perdido incapaz de encontrar paz - torturado por sua própria consciência.

**ESTRANHO.** Quem é você realmente? Quem ousa meter a mão no meu destino?

**CONFESSOR.** Tem que perguntar isso a ela.

**DAMA.** Este é o homem com quem primeiro me casei, e que dedicou sua vida ao serviço de Deus, quando o deixei.

**ESTRANHO.** Como se Ele existisse!

**DAMA.** Então você não precisa pensar tão mal de si mesmo porque foi você quem puniu minha incredulidade e a falta de consciência da outra pessoa.

**ESTRANHO.** O pecado dele não justifica os meus. Isso naturalmente é falso, como tudo

o mais; e você só diz isso para me consolar.

**CONFESSOR.** Mas que alma infeliz ele é...

**ESTRANHO.** E condenada também!

**CONFESSOR.** Não! (*para a DAMA.*) Diga algo bom sobre ele

**DAMA.** Ele não acreditaria, se eu disser; ele só acredita no mal!

**CONFESSOR.** Então eu tenho que dizer uma coisa. Um mendigo chegou uma vez e pediu a ele um copo d'água, mas em vez disso ele me deu vinho e me fez me sentar à sua mesa. Você se lembra disso?

**ESTRANHO.** Não. Não ocupo minha memória com tais ninharias.

**CONFESSOR.** Orgulho! Orgulho!

**ESTRANHO.** Chame de orgulho, se quiser. É o último vestígio de nossa origem divina. Vamos, antes que escureça.

**CONFESSOR.** “Pois o mundo todo brilhou com clara luz e ninguém foi atrapalhado em seu trabalho. Sobre esses só se espalhou uma pesada noite, imagem de escuridão que deveria recebê-los mais tarde; mas eram em si mesmos mais angustiosos que a escuridão.”

**DAMA.** Não o machuque!

**ESTRANHO.** (*com paixão*) Que bonitinho ela pode falar, embora seja o mal. Olhe para os olhos dela; eles não podem chorar, mas podem lisonjear, picar ou mentir! E no entanto ela diz: Não o machuque! Veja, agora ela teme que eu acorde a criança, o pequeno monstro que a roubou de mim ! Venha, padre, antes que eu mude de ideia.

**Cortina.**

## PARTE III.

### PERSONAGENS:

O ESTRANHO

A DAMA

O CONFESSOR

O MAGISTRADO

O PRIOR

O TENTADOR

A FILHA

### Figuras menos importantes:

RECEPCIONISTA

PRIMEIRA VOZ

SEGUNDA VOZ

ADORADORES DE VÊNUS

MAIA

PEREGRINO

PAI

MULHER

EVA

PRIOR

PADRE ISIDOR (O MÉDICO da parte I)

PADRE CLEMENS

PADRE MELKE

### CENAS:

ATO I        Na margem do rio

ATO II        Encruzilhadas nas montanhas

ATO III      CENA I        Terraço

                 CENA II        Paisagem rochosa

                 CENA III      Casa pequena na montanha onde fica o mosteiro

ATO IV      CENA I        Casa do Capítulo

                 CENA II        Galeria de Pinturas

                 CENA III      Capela do mosteiro

## ATO I

### NA MARGEM DO RIO

[O lugar representa a margem de um rio grande. À direita, uma língua de terra coberta de velhos salgueiros. Mais longe, acima do palco, pode-se ver um rio fluindo tranquilamente. O pano de fundo representa a margem distante, uma montanha escarpada coberta de floresta. Acima do topo das árvores da floresta pode ser visto o Mosteiro; é um enorme edifício de quatro cantos completamente branco, com duas fileiras de janelas pequenas. A fachada é quebrada pela Igreja pertencente ao Mosteiro, flanqueada por duas torres no estilo favorito dos Jesuítas. A Igreja está aberta, e num dado momento o ostensório sobre o altar fica visível à luz do sol. Na margem próxima, em primeiro plano, que é baixa e arenosa, crescem prímulas nas cores púrpura e amarelo. Um barco raso está atracado perto. À esquerda a cabana do barqueiro. É uma tardinha de começo de verão e o sol está baixo; no primeiro plano, o rio e a parte inferior do pano de fundo estão na sombra; e as árvores na margem distante sacodem suavemente com a brisa. Só o Mosteiro é iluminado pelo sol.]

[O ESTRANHO e o CONFESSOR entram pela direita. O ESTRANHO está vestindo roupas alpinas: uma capa marrom com pelerine e capuz; tem um bastão e mochila. Está mancando levemente. O CONFESSOR usa o hábito preto e branco dos Dominicanos. Param num lugar em que um salgueiro impede a visão do Mosteiro.]

**ESTRANHO.** Por que me trouxe por esse caminho cheio de curvas e elevações que nunca termina?

**CONFESSOR.** Este é o caminho, meu amigo. Já estaremos lá. (Leva o ESTRANHO mais para o fundo. O ESTRANHO vê o Mosteiro e fica encantado com a visão; tira o chapéu e coloca no chão o bastão e a mochila.) E?

**ESTRANHO.** Nunca vi nada tão branco nessa terra tão poluta. Só nos meus sonhos! Sim, meu sonho de juventude de uma casa em que habitassem a paz e a pureza. Deus te abençoe, casarão branco! Agora eu cheguei em casa!

**CONFESSOR.** Bom, bom! Mas primeiro temos que esperar os peregrinos nesta margem. Chamam-na de margem do adeus, por causa do costume de dizer adeus aqui, antes que o barqueiro leve os acompanhantes de volta.

**ESTRANHO.** Será que eu já não disse adeuses em número suficiente? Não foi minha vida toda um espinhoso caminho de adeuses? Em correios, convés de vapores, estações de ferrovias – com o agitar de lenços molhados de lágrimas?

**CONFESSOR.** Mas sua voz ainda treme com a dor do que perdeu.

**ESTRANHO.** Não sinto que perdi nada. Não quero nada de volta.

**CONFESSOR.** Nem mesmo sua juventude?

**ESTRANHO.** Muito menos ela. O que eu faria com ela e sua capacidade de sofrer?

**CONFESSOR.** E de se satisfazer?

**ESTRANHO.** Eu nunca me satisfiz com nada porque nasci com um espinho na carne; toda vez que abri minha mão para agarrar um prazer, eu furei meu dedo e Satã me bateu no rosto.

**CONFESSOR.** Porque seus prazeres eram básicos.

**ESTRANHO.** Não tão básicos. Tive minha própria casa, uma esposa, filhos, deveres, obrigações para com os outros! Não, eu nasci em desvantagem, um filho adotado da vida, e fui perseguido, caçado, em uma palavra, amaldiçoado!

**CONFESSOR.** Porque você não obedeceu aos mandamentos de Deus.

**ESTRANHO.** Mas ninguém pode, como o próprio São Paulo diz! Por que eu seria capaz de fazer o que ninguém mais pode fazer? Eu entre todos os homens? Porque se acha que eu sou um canalha. Porque se exige mais de mim do que dos outros... (*Gritando.*) Porque fui tratado com injustiça.

**CONFESSOR.** Você voltou a esse ponto, senhor rebelde?

**ESTRANHO.** Sim. Eu nunca saí dele. Agora vamos atravessar o rio.

**CONFESSOR.** Você acha que se pode subir para aquele casarão branco sem preparação?

**ESTRANHO.** Eu estou pronto. Pode me examinar.

**CONFESSOR.** Muito bem! O primeiro voto monástico é: humildade.

**ESTRANHO.** E o segundo: obediência! Nenhum deles era uma virtude especial em mim; é por essa razão que quero fazer a grande tentativa.

**CONFESSOR.** E exibir seu orgulho através de sua humildade.

**ESTRANHO.** Seja o que for, para mim é a mesma coisa.

**CONFESSOR.** O quê, tudo? O mundo e seus melhores presente: a alegria das crianças inocentes, o calorzinho agradável do lar, a aprovação de seus amigos camaradas, a satisfação trazida pelo cumprimento do dever – você é indiferente a tudo isso?

**ESTRANHO.** Sim! Porque eu nasci sem o poder de satisfação. Houve momentos em que fui objeto de inveja; mas nunca compreendi porque eu era invejado: meus sofrimentos de infortúnio, minha falta de paz no sucesso; ou o fato de que não ia viver muito.

**CONFESSOR.** É verdade que a vida lhe deu tudo que você desejou; até mesmo um pouco de ouro no final. Porque ainda me lembro que um escultor foi contratado para fazer um busto seu.

**ESTRANHO.** Oh sim! Fizeram um busto meu.

**CONFESSOR.** Você está, entre todos os homens, impressionado com essas coisas?

**ESTRANHO.** Claro que não! Mas elas montam pelo menos apreciações sólidas, que nem a inveja nem a ausência de entendimento poderão sacudir.

**CONFESSOR.** Você acha? Parece que a grandeza humana reside na boa opinião dos outros; e que, se essa opinião muda, a grandeza pode rapidamente escorrer pelo ralo.

**ESTRANHO.** As opiniões dos outros nunca significaram muito para mim.

**CONFESSOR.** Não? De verdade?

**ESTRANHO.** Ninguém foi tão severo consigo mesmo como eu fui! E ninguém foi tão humilde! Todos exigiram meu respeito, enquanto me repeliam e me estapeavam. E quando finalmente descobri que tinha deveres para com a alma universal que me foi dada para guardar, comecei a exigir respeito para com essa alma imortal. Então fui taxado de o mais orgulhoso dentre os orgulhosos! E por quem? Pelos mais orgulhosos de todos entre os humildes e os submissos.

**CONFESSOR.** Eu acho que você está se enrolando em contradições.

**ESTRANHO.** Eu também acho! Porque a vida não consiste de nada, só de contradições. Os ricos são os pobres de espírito; os muitos homens pequenos detêm o poder; e o grande só se serve dos homens pequenos. Nunca encontrei tanta gente orgulhosa como os humildes; nunca encontrei um homem educado que se acreditou capaz de criticar a educação. Encontrei os mais desagradáveis dos pecados mortais entre os Santos: estou falando de autocomplacência. Na minha juventude eu mesmo era um santo, mas nunca fui tão indigno quanto era então. Quanto melhor pensava de mim, pior eu me tornava.

**CONFESSOR.** Bem, o que você procura, o quê?

**ESTRANHO.** Aquilo que já lhe disse; mas vou acrescentar o seguinte: estou procurando a morte sem necessidade de morrer!

**CONFESSOR.** A mortificação de sua carne, de seu próprio espírito! Bom! Agora, atenção: os peregrinos estão chegando em suas jangadas de madeira para celebrar a festa de Corpus Christi.

**ESTRANHO.** *(olhando para a direita, com surpresa)* Quem são eles?

**CONFESSOR.** Pessoas que acreditam em alguma coisa.

**ESTRANHO.** Então ajude minha descrença! *(Luz do sol cai novamente sobre o ostensório na igreja acima, de modo que ele brilha como um vidro de janela no por do sol.)* O sol entrou na igreja, ou...

**CONFESSOR.** Sim. O sol entrou... *(A primeira jangada chega pela direita. Crianças vestidas de branco, com guirlandas nas cabeças e com lanternas acesas nas mãos, são vistas*

ao redor de um altar enfeitado de flores e sobre o qual foi plantada uma bandeira branca com um lírio dourado. Elas cantam, enquanto a jangada desliza lentamente.) Bendito seja o que teme o Senhor, / *Beati omnes, qui timent Dominum*, / e caminha os seus caminhos, / *Qui ambulat in viis ejus*. / terá seu alimento com a obra de suas mãos, / *Labores manuum tuarum quia manducabis*; / Bendito seja e a paz esteja com você / *Beatus es et bene tibi erit*. (Uma segunda jangada aparece com meninos de um lado e meninas do outro. Tem uma bandeira com uma rosa.) Sua esposa será como uma videira frutífera, / *Uxor tua sicut vitis abundans*, / Na sua casa dentro, / *In lateribus domus tuae*. (A Terceira jangada traz homens e mulheres. Tem uma bandeira com frutos desenhados: figos, uvas, romãs, melões, espigas de trigo, etc.) / *Filii tui sicut novellae olivarum*, / Seus filhos serão como ramos de oliveira / ao redor de sua mesa / *In circuitu mensae tuae*. (A quarta jangada está cheia de velhos e velhas. A bandeira tem a representação de um abeto sob a neve.) Vê, como é bendito e homem / *Ecce sic benedicetur homo*, / Que teme o Senhor, / *Qui timet Dominum!* (A jangada desliza e passa.)

**ESTRANHO.** O que estão cantando?

**CONFESSOR.** Uma canção de peregrinos.

**ESTRANHO.** Quem a escreveu?

**CONFESSOR.** Alguém da corte.

**ESTRANHO.** Aqui? Qual seu nome? Ele escreveu mais alguma coisa?

**CONFESSOR.** Cerca de cinquenta canções; chamava-se Davi, o filho de Isaías! Mas ele nem sempre escreveu salmos. Quando era jovem, fez outras coisas. Sim. Essas coisas acontecem!

**ESTRANHO.** Podemos ir agora?

**CONFESSOR.** Num momento. Tenho algo a lhe dizer primeiro.

**ESTRANHO.** Fale.

**CONFESSOR.** Bem. Mas não fique triste ou zangado.

**ESTRANHO.** Claro que não.

**CONFESSOR.** Aqui, você vê, nesta margem, você é bem conhecido – digamos – famoso, mas fora daqui, na outra margem, você será um ilustre desconhecido para os irmãos. Nada mais, de fato, do que um ordinário homem comum.

**ESTRANHO.** Oh! Eles não leem no Mosteiro?

**CONFESSOR.** Nada leve, apenas livros sérios.

**ESTRANHO.** Sobretudo artigos, eu suponho?

**CONFESSOR.** Não do tipo que escrevem sobre você!

**ESTRANHO.** Então do outro lado deste rio a obra que foi minha vida não existe?

**CONFESSOR.** Que obra?

**ESTRANHO.** Entendi. Muito bem. Podemos atravessar agora?

**CONFESSOR.** Num minuto. Não há ninguém de quem quisesse se despedir?

**ESTRANHO.** *(após uma pausa)* Sim. Mas está além dos limites do possível.

**CONFESSOR.** Você alguma vez se deparou com alguma coisa impossível?

**ESTRANHO.** Na verdade, não, desde que vi meu próprio destino.

**CONFESSOR.** Bom, quem é que você gostaria de encontrar?

**ESTRANHO.** Uma vez eu tive uma filha; eu a chamava de Sylvia, porque cantava o dia todo como uma corruíra. Faz alguns anos que não a vejo; deve ser agora uma garota de dezesseis anos. Mas tenho medo de que se me encontrasse com ela agora, a vida voltaria a ter valor para mim.

**CONFESSOR.** Você não teme nada mais?

**ESTRANHO.** O que quer dizer?

**CONFESSOR.** Que ela pode ter mudado!

**ESTRANHO.** Ela só pode ter mudado para melhor.

**CONFESSOR.** Tem certeza disso?

**ESTRANHO.** Sim.

**CONFESSOR.** Ela virá até você. *(Ele desce para a praia e acena para a direita.)*

**ESTRANHO.** Espere! Eu gostaria de saber se isso seria uma coisa sábia!

**CONFESSOR.** Mal não vai fazer. *(Ele acena mais uma vez. Um barco aparece no rio, uma jovem no remo. Ela usa roupa de verão, cabeça descoberta e cabelos loiros longos. Sai do barco atrás do salgueiro. O CONFESSOR caminha até chegar perto da cabana do barqueiro, mas continua à vista da plateia. O ESTRANHO acenou para a jovem e ela lhe respondeu. Ela agora adentra o palco, corre para os braços do ESTRANHO e o beija.)*

**FILHA.** Papai. Meu querido paizinho!

**ESTRANHO.** Sylvia! Minha criança!

**FILHA.** Como foi que você conseguiu chegar aqui em cima nessas montanhas?

**ESTRANHO.** E você... como chegou aqui? Eu pensei que conseguiria me esconder tão bem.

**FILHA.** Por que você queria se esconder?

**ESTRANHO.** Pergunte-me o menos possível! Você se tornou uma moça linda. E eu fiquei de cabelos brancos.

**FILHA.** Não. Você não está velho. Está tão jovem como quando nos separamos.

**ESTRANHO.** Quando nos separamos!

**FILHA.** Quando você nos deixou... (*O ESTRANHO não responde.*) Não está contente por nos encontrarmos outra vez?

**ESTRANHO.** (*emocionado*) Sim!

**FILHA.** Então mostre.

**ESTRANHO.** Como posso estar contente, se hoje estamos nos separando para sempre?

**FILHA.** Por quê? Onde você quer ir?

**ESTRANHO.** (*apontando para o mosteiro*) Lá em cima!

**FILHA.** (*com um ar sofisticado*) Para o mosteiro? Sim, agora que você falou, chego a pensar que seria mesmo melhor.

**ESTRANHO.** Você acha mesmo?

**FILHA.** (*com pena, mas boa vontade*) Quero dizer, se sua vida passada é um monte de ruínas... (*adulando.*) Agora você parece triste. Diga uma coisa.

**ESTRANHO.** Diga uma coisa você, minha filha, isso está me preocupando mais que tudo. Você tem um padrasto?

**FILHA.** Sim.

**ESTRANHO.** E aí, como é?

**FILHA.** Ele é muito bom e gentil.

**ESTRANHO.** Com todas as virtudes que me faltam...

**FILHA.** Você não está feliz que eu esteja em boas mãos?

**ESTRANHO.** Boas, melhores, as melhores! Por que veio aqui com a cabeça descoberta?

**FILHA.** Porque George está segurando meu chapéu.

**ESTRANHO.** Quem é George? E onde está ele?

**FILHA.** George é um amigo meu, e está esperando por mim ali acima na praia.

**ESTRANHO.** Você está comprometida com ele?

**FILHA.** Não. Claro que não!

**ESTRANHO.** Você quer se casar?

**FILHA.** Nunca!

**ESTRANHO.** Posso vê-lo por suas bochechas rosadas, como as de uma criança que acordou muito cedo; posso ouvi-lo por sua voz, que não é mais a de um passarinho gorjeador, mas a de um papagaio; posso senti-lo por seus beijos, que queima docemente como o sol de Maio; e pelos raios gelados de seu olhar, que me dizem que você está alimentando um segredo do qual está envergonhada, mas do qual você gostaria de se gabar. E seus irmãos e suas irmãs?

**FILHA.** Estão muito bem, obrigada.

**ESTRANHO.** Temos mais alguma coisa a nos dizer um ao outro?

**FILHA.** (*friamente*) Talvez não.

**ESTRANHO.** Agora você está parecida com sua mãe.

**FILHA.** Como você sabe, se você nunca foi capaz de vê-la como ela era!

**ESTRANHO.** Então você compreendeu isso, embora fosse tão nova?

**FILHA.** Aprendi a compreender com você. Se é que você pudesse se compreender.

**ESTRANHO.** Você tem mais alguma coisa para me ensinar?

**FILHA.** Talvez! Mas no seu tempo não era considerado decente.

**ESTRANHO.** Meu tempo já se foi e não existe mais, assim como Sylvia também não existe, mas é simplesmente um nome, uma lembrança. (*Tira um guia turístico do bolso.*) Veja este guia! Vê essas pequenas marcas feitas por dedos pequeninos, e outras por lábios um pouco úmidos? Você as fez quando tinha cinco anos; estava sentada no meu joelho no trem, e vimos os Alpes pela primeira vez. Você pensou que o que via era o Céu; e quando lhe expliquei que aquela montanha era o Jungfrau, você perguntou se podia beijar o nome no livro.

**FILHA.** Não me lembro disso!

**ESTRANHO.** As memórias deliciosas passam, mas as detestáveis permanecem! Você não se lembra de nada sobre mim?

**FILHA.** Oh sim.

**ESTRANHO.** Quieta! Sei o que quer dizer. Uma noite... uma noite assustadora, horrível... Sylvia, minha filha, quando eu fechei os olhos vi um pequeno anjo pálido, que dormia em meus braços quando estava doente; e que me agradeceu quando lhe dei um presente. Onde está ela que esperei tanto e que não existe mais, embora não esteja morta? Você, tal como é, parece uma estranha, a quem nunca conheci e que certamente não vou ver

outra vez. Se Sylvia pelo menos estivesse morta e repousasse em seu túmulo, haveria uma capelinha onde eu poderia deixar minhas flores... Que estranho que é! Ela não está nem entre os vivos, nem entre os mortos. Talvez nunca tenha existido, e fosse apenas um sonho como tudo o mais.

**FILHA.** (*lisonjeira*) Papai querido!

**ESTRANHO.** É ela! Não, apenas a voz dela. (*Pausa.*) Então você pensa que minha vida é um monte de ruínas?

**FILHA.** Sim. Mas por que falar dela agora?

**ESTRANHO.** Porque me lembro que uma vez salvei sua vida. Você teve meningite por todo um mês e sofria uma enfermidade. Sua mãe queria que o médico a livrasse de uma existência infeliz por meio de uma droga poderosa. Mas eu o impedi, e assim salvei você da morte e sua mãe da prisão.

**FILHA.** Não acredito nisso!

**ESTRANHO.** Mas um fato pode ser real, mesmo que você não acredite nele.

**FILHA.** Você sonhou isso.

**ESTRANHO.** Quem pode saber se não sonhei tudo e não estou sonhando agora. Como gostaria que fosse assim!

**FILHA.** Preciso ir, pai.

**ESTRANHO.** Então adeus!

**FILHA.** Posso escrever para você?

**ESTRANHO.** O quê? Um dos mortos escrever para o outro? Cartas não vão me alcançar no futuro. E não posso receber visitas. Mas estou contente que tenhamos nos encontrado, pois agora não há nada mais no mundo a que eu possa me ligar. (*Indo para a esquerda.*) Adeus, garota ou mulher, como quer que eu a chame. Não é preciso chorar!

**FILHA.** Não estava pensando em chorar, embora ouse dizer que a boa educação exija que eu chorasse um pouco. Bom, então, adeus! (*Ela sai pela direita.*)

**ESTRANHO.** (*para o CONFESSOR*) Acho que me safei dessa! É uma dádiva nos separarmos ambos contentes. A humanidade, no fim das contas, faz progresso rápido, e o autocontrole aumenta enquanto o fluxo dos dutos de lágrimas diminui. Vi tantas lágrimas derramadas na minha vida, que me vi reduzido a esta secura. Ela era uma criança forte, justamente o tipo que uma vez eu quis ser. A coisa mais bonita que a vida pode oferecer! Ela repousa, como um anjo, envolta nos véus brancos de seu berço, com um cobertor azul que agasalhava seu sono. Azul e arqueado como o céu. Aquilo era o melhor: com o que se pareceria o pior?

**CONFESSOR.** Não se alvoroce, mas mantenha o bom ânimo. Primeiro, jogue fora esse guia, já que está no fim da sua última viagem.

**ESTRANHO.** Você fala desse aqui? Muito bem. *(Abre o livro, beija uma das páginas e depois o lança no rio.)* Alguma coisa mais?

**CONFESSOR.** Se você tem alguma coisa de ouro ou prata, deve entregá-la para um pobre.

**ESTRANHO.** Tenho um relógio de prata. Nunca tive um de ouro.

**CONFESSOR.** Entregue-o para o ferreiro, e então você vai ganhar uma taça de vinho.

**ESTRANHO.** Essa agora! Está parecendo uma execução! Talvez meus cabelos sejam cortados também

**CONFESSOR.** Sim. Mais tarde. *(Ele pega o relógio e vai para a porta da cabana do barqueiro, dizendo algumas palavras sussurradas com alguém que está lá dentro. Recebe uma garrafa de vinho em troca, que ele coloca na mesa.)*

**ESTRANHO.** *(enche sua taça, mas não bebe nada)* Nunca mais vou conseguir vinho quando subir para lá?

**CONFESSOR.** Vinho nenhum, e também não vai ver mulher alguma. Pode ouvir alguém cantando, mas não o tipo de canção que combina com mulheres e vinho.

**ESTRANHO.** Já tive mulheres suficientes, elas não me tentam mais.

**CONFESSOR.** Tem certeza?

**ESTRANHO.** Total... Mas me diga uma coisa: o que você pensa das mulheres, que nunca põem os pés dentro de suas muralhas consagradas?

**CONFESSOR.** Você ainda está fazendo perguntas?

**ESTRANHO.** E por que uma abadessa jamais pode ouvir em confissão, nunca reza uma missa e não prega?

**CONFESSOR.** Não sei responder isso.

**ESTRANHO.** Porque a resposta poderia concordar com minhas ideias sobre esse tema.

**CONFESSOR.** Seria um desastre se começássemos a concordar.

**ESTRANHO.** De modo algum!

**CONFESSOR.** Agora beba seu vinho.

**ESTRANHO.** Não. Quero olhar para ele pela última vez. É bonito...

**CONFESSOR.** Não se perca em meditações, as memórias repousam no fundo da taça.

**ESTRANHO.** E o esquecimento, e as canções, e o poder – poder imaginário, mas por isso mesmo o maior poder.

**CONFESSOR.** Espere aqui um momento. Vou chamar o barqueiro.

**ESTRANHO.** Sh! Estou ouvindo alguém cantar, e posso ver... eu posso ver... Por um momento vi uma bandeira desfraldando num sopro de vento, e depois abaixando e colando ao mastro e ficando ali molemente como se fosse um mero pano de prato. Testemunhei minha vida inteira passando num segundo, com suas alegrias e tristezas, sua beleza e sua miséria! Mas agora não vejo mais nada.

**CONFESSOR.** *(indo para a esquerda)* Espere aqui um momento, vou procurar o barqueiro. *(O ESTRANHO se move no palco de modo que os raios do sol poente, que se projetam da direita através das árvores, lancem sua sombra através da margem e do rio. A DAMA entra, vindo da direita, em luto profundo. Sua sombra se aproxima lentamente da do ESTRANHO.)*

**ESTRANHO.** *(que, para começar, olha apenas para sua própria sombra)* Ah! O sol! Ele faz de mim uma forma sem sangue, um gigante, que pode caminhar sobre a água do rio, subir a montanha, deslizar sobre o teto da igreja do mosteiro, e subir, como faz agora, para o firmamento – direto para as estrelas. Ah, agora estou aqui com as estrelas... *(Ele percebe a sombra da DAMA.)* Mas quem está me seguindo? Quem está interrompendo minha ascensão? Tentando subir nos meus ombros? *(Virando-se.)* Você!

**DAMA.** Sim. Eu!

**ESTRANHO.** Tão escura! Tão escura e tão a cara do mal.

**DAMA.** Longe de ser o mal. Estou de luto...

**ESTRANHO.** Por quem?

**DAMA.** Por nossa Mizzi.

**ESTRANHO.** Minha filha! *(A DAMA abre os braços, para se atirar ao peito dele, mas ele a evita.)* Felicito a criança morta. Sinto muito por você. Eu me sinto fora de tudo isso.

**DAMA.** Conforte-me, também.

**ESTRANHO.** Uma ótima ideia! Tenho de confortar minha fúria, chorar meu carrasco, divertir meu torturador.

**DAMA.** Você não tem sentimentos?

**ESTRANHO.** Nenhum! Desperdicei os sentimentos que costumava possuir por você e pelos outros.

**DAMA.** Você está certo. Pode me censurar.

**ESTRANHO.** Não tenho tempo nem vontade de fazer isso. Para onde está indo?

**DAMA.** Quero atravessar com o barco.

**ESTRANHO.** Então estou mesmo sem sorte, pois queria fazer a mesma coisa. (*A DAMA chora em seu lenço. O ESTRANHO toma-o dela e seca seus olhos.*) Seque seus olhos, criança, e volte a si! Tão dura, e insensível, como você realmente é! (*A DAMA tenta colocar um braço em torno do pescoço dele. O ESTRANHO bate no braço dela suavemente com os dedos.*) Você não deve tocar em mim. Quando suas palavras e seus olhares não eram suficientes, você sempre queria me tocar. Você vai me desculpar uma pergunta trivial: você está com fome?

**DAMA.** Não. Obrigado.

**ESTRANHO.** Mas você está cansada. Sente-se. (*A DAMA senta-se à mesa. O ESTRANHO atira a garrafa e a taça no rio.*) Bom, o que vai fazer para viver agora?

**DAMA.** (*com tristeza*) Não sei.

**ESTRANHO.** Para onde vai?

**DAMA.** (*soluçante*) Não sei.

**ESTRANHO.** E então, bateu o desespero? Não vê qualquer razão para viver e nenhum ponto final para sua miséria! Como você é tão igual a mim! Que pena que não existam mosteiros para ambos os sexos, se não poderíamos formar um casal. O lobisomem ainda está vivo?

**DAMA.** Você quer dizer?...

**ESTRANHO.** Seu primeiro marido.

**DAMA.** Parece que ele nunca vai morrer.

**ESTRANHO.** Como um certo verme, um caruncho! (*Pausa.*) E agora que estamos longe do mundo e sua animalidade, me conte uma coisa: Por que você o abandonou naquela ocasião e ficou comigo?

**DAMA.** Porque eu amava você.

**ESTRANHO.** E quanto tempo isso durou?

**DAMA.** Até que li seu livro, e a criança nasceu.

**ESTRANHO.** E depois?

**DAMA.** Eu odiei você! Quer dizer, eu queria me livrar de todo o mal que você me fazia, mas não podia.

**ESTRANHO.** Então era assim que era! Mas nunca soubemos realmente a verdade.

**DAMA.** Você percebeu como era impossível descobrir coisas? Você pode viver com uma pessoa e suas relações durante vinte anos, e nunca saber nada sobre elas.

**ESTRANHO.** Então você descobriu isso? Como você consegue ver tanta coisa, me conte outra coisa: como foi que você chegou a me amar?

**DAMA.** Eu não sei, mas vou tentar me lembrar. (*Pausa.*) Bem, você tinha a coragem masculina de ser rude para com uma senhora. Em mim você encontrou o companheirismo de um ser humano e não apenas a companhia de uma mulher. Isso me deixou muito honrada; e, imaginei, você também.

**ESTRANHO.** Diga-me também se você achou que eu fosse misógino.

**DAMA.** Um sujeito que odeia mulheres? Todo homem saudável é um misógino, nos recantos secretos de seu coração; e todos os homens pervertidos são admiradores das mulheres.

**ESTRANHO.** Você não está tentando me adular, está?

**DAMA.** Uma mulher que tenta adular um homem não é normal.

**ESTRANHO.** Vejo que você pensou nisso com firmeza!

**DAMA.** Pensar foi o mínimo que fiz, pois quanto menos eu pensava, mais eu compreendia. Além disso, o que eu disse talvez seja apenas improvisado, como você diria, e não é verdade alguma.

**ESTRANHO.** Mas, se isso concorda com muitas das minhas observações, torna-se muito mais provável. (*A DAMA chora em seu lenço.*) Está chorando de novo?

**DAMA.** Eu estava pensando em Mizzi. A coisa mais adorável que tive na vida.

**ESTRANHO.** Não. Você foi a coisa mais adorável, quando ficava a noite toda sentada em vigília por nossa filha, que estava deitada em sua cama porque o berço dela era muito frio! (*Ouvem-se três pancadas fortes na porta do barqueiro.*) Sh!

**DAMA.** O que é isso?

**ESTRANHO.** Meu companheiro, que está esperando por mim

**DAMA.** (*continuando a conversa*) Nunca pensei que a vida me desse alguma coisa tão doce quanto um filho.

**ESTRANHO.** E ao mesmo tempo alguma coisa tão amarga.

**DAMA.** Por que amarga?

**ESTRANHO.** Você tem sido uma criança também, e você deve se lembrar como nós, quando nos casamos, chegamos à casa de sua mãe em farrapos, sujos e sem dinheiro. Quase me lembro que ela não nos achou lá muito simpáticos.

**DAMA.** É verdade mesmo.

**ESTRANHO.** E eu, bem... ainda agora encontrei Sylvia. E eu esperava que tudo de bom e

bonito que havia na garotinha tivesse desabrochado na mocinha que vi...

**DAMA.** E?

**ESTRANHO.** Encontrei uma rosa fanada, que parecia ter desabrochado cedo demais. Seus seios estavam caídos, seus cabelos desalinhados como os de uma criança mal cuidada, e seus dentes deteriorados.

**DAMA.** Oh!

**ESTRANHO.** Você não deve se magoar. Não por causa da criança! Talvez você deva se magoar por aquilo em que a criança se transformou, como eu fiz.

**DAMA.** Então, é isso que a vida é?

**ESTRANHO.** Sim. Isso é a vida. E é por isso que estou indo me enterrar vivo.

**DAMA.** Onde?

**ESTRANHO.** (*apontando para o mosteiro*) Lá em cima!

**DAMA.** No mosteiro? Não, não me deixe. Faça companhia para mim. Estou tão sozinha no mundo e tão pobre, tão pobre! Quando a criança morreu, minha mãe me mandou embora, e desde então tenho vivido num porão com uma costureira. No começo era ela era gentil e agradável, mas depois as noites solitárias ficaram muito longas para ela e ela saiu à procura de companhia – e então nos separamos. Agora estou na estrada, e nada tenho além das roupas que estou vestindo, nada além do meu desgosto. Como e bebo dele, ele me alimenta e me põe para dormir. Não tenho nada a perder neste mundo a não ser meu desgosto! (*O ESTRANHO chora.*) Você está chorando! Você! Vou beijar seus olhos.

**ESTRANHO.** Você sofreu tudo isso por minha causa!

**DAMA.** Não por sua causa! Você nunca me fez mal algum, mas eu atormentei você até você abandonar seu lar e sua filha!

**ESTRANHO.** Eu havia esquecido isso; mas se você diz... Então você ainda me ama?

**DAMA.** Provavelmente. Eu não sei.

**ESTRANHO.** E você gostaria de começar tudo de novo outra vez?

**DAMA.** Tudo de novo outra vez? Aquelas brigas? Não, nós não queremos aquilo.

**ESTRANHO.** Você tem razão. As brigas logo começariam de novo outra vez. E de novo ia ficar difícil uma separação.

**DAMA.** Separação. A palavra em si mesma é bastante terrível.

**ESTRANHO.** Então o que vamos fazer?

**DAMA.** Eu não sei.

**ESTRANHO.** Não, não se sabe nada, especialmente quando um não sabe nada, e é por isso que, veja você, eu fui tão longe quanto podia acreditar.

**DAMA.** Como você sabe que pode acreditar, se acreditar é um dom?

**ESTRANHO.** A gente pode receber um dom, se pedir.

**DAMA.** Oh sim, se a gente pedir, mas nunca fui capaz de fazer isso.

**ESTRANHO.** Eu tive de aprender a fazê-lo. Por que você não pode?

**DAMA.** Porque a pessoa tem que se degradar primeiro.

**ESTRANHO.** A vida faz isso com a gente muito bem.

**DAMA.** Mizzi, Mizzi, Mizzi!... *(Ela pegou um xale que estava usando sobre os braços e o enrolou e colocou no colo como uma criança envolta em roupas.)* Dorme! Dorme! Dorme! Pense nisso! Posso vê-la aqui! Está sorrindo para mim; mas está de roupas pretas; parece estar de luto também! Que tonta que eu sou! Sua mãe está de luto! Ela perdeu dois dentes, que caíram, branquinhos – dentes de leite. Oh, não consegue vê-la, como eu vejo? Não é nenhuma visão. É ela!

**CONFESSOR.** *(na porta da cabana do barqueiro; rispidamente para o ESTRANHO)* Venha. Já está tudo pronto!

**ESTRANHO.** Não. Ainda não. Primeiro tenho que colocar minha casa em ordem, e cuidar dessa mulher, que já foi minha esposa.

**CONFESSOR.** Oh, estão está querendo ficar!

**ESTRANHO.** Não. Não quero ficar, mas não posso deixar para trás tarefas não cumpridas. Esta mulher está na estrada, abandonada, sem lar, sem dinheiro!

**CONFESSOR.** O que isso tem a ver conosco? Que os mortos enterrem os mortos!

**ESTRANHO.** É esse seu ensinamento?

**CONFESSOR.** Não, o seu... O meu, por outro lado, me instrui a enviar uma Irmã de Misericórdia para cá, para cuidar dessa infeliz, que... que... A Irmã logo estará aqui!

**ESTRANHO.** Vou esperar por isso.

**CONFESSOR** *(pegando o ESTRANHO pela mão e o levando para fora.)* Então vem!

**ESTRANHO** *(em desespero.)* Oh, Deus do Céu! Ajude cada um de nós!

**CONFESSOR.** Amém! *(A DAMA, que não estava olhando para o CONFESSOR nem para o ESTRANHO, agora levanta os olhos e olha para o ESTRANHO como se quisesse saltar e trazê-lo de volta; mas é impedida pela criança imaginária que tem no colo.)*

**Cortina.**

## ATO II

### ENCRUZILHADA NAS MONTANHAS

[*Uma encruzilhada no alto das montanhas. À direita, cabanas. À esquerda, um pequeno lago, ao redor do qual estão sentados alguns inválidos. Suas roupas são azuis, as mãos pintadas de cinábrio vermelho. Do lago saem a cada momento chamas azul claro e vapor azul. Toda vez que isso acontece os inválidos levam as mãos à boca e tosse. O pano de fundo é formado por uma montanha coberta por uma floresta de pinhos, que é obscurecida por uma nuvem estacionária de névoa.*]

[O **ESTRANHO** está sentado a uma mesa do lado de fora de uma das cabanas. O **CONFESSOR** entra pela direita.]

**ESTRANHO.** Finalmente!

**CONFESSOR.** O que quer dizer: finalmente?

**ESTRANHO.** Você me deixou aqui uma semana atrás e me disse para esperar até que voltasse.

**CONFESSOR.** Não tivesse eu alertado você para o fato de que o caminho para o casarão branco seria longo e cheio de dificuldades...

**ESTRANHO.** Não nego isso. Quão longe viemos?

**CONFESSOR.** Quinhentas jardas. Ainda temos mil e quinhentas.

**ESTRANHO.** Mas onde está o sol?

**CONFESSOR.** Lá em cima, acima das nuvens...

**ESTRANHO.** Então vamos ter que passar por elas?

**CONFESSOR.** Sim. Com certeza.

**ESTRANHO.** O que são aqueles cães pacientes lá adiante? Que companhia vamos ter! E por que as patas deles estão tão vermelhas?

**CONFESSOR.** Por mim e por você quero evitar usar palavras impuras, então vou falar por enigmas agradáveis, que você, como escritor, vai entender.

**ESTRANHO.** Sim. Fale lindamente. Já há muita coisa feia por aqui.

**CONFESSOR.** Você deve ter percebido que os símbolos dados aos planetas correspondem aos de certos metais? Muito bem! Então você deve ter visto que Vênus é representado por um espelho. Esse espelho era originalmente feito de cobre, de modo que o cobre era chamado Vênus e levava a efígie dela. Mas agora o reverso do espelho de Vênus é coberto de estanho ou mercúrio!

**ESTRANHO.** O reverso de Vênus... é Mercúrio. Oh!

**CONFESSOR.** Estanhar é, portanto, o lado reverso de Vênus. O estanhar é em si mesmo brilhante como o mar calmo, como um lago no auge do verão; mas quando o mercúrio se encontra com a pedra-de-fogo e queima, ele ruboriza e se torna vermelho como sangue recém-derramado, como os lábios de cinábrio das prostitutas! Você compreende agora, ou não?

**ESTRANHO.** Espere um momento! Cinábrio é estanhar e sulfura.

**CONFESSOR.** Sim. Mercúrio deve ser queimado, se chegar muito perto de Vênus! Já dissemos o suficiente agora, não?

**ESTRANHO.** Então estas são fontes de sulfura?

**CONFESSOR.** Sim. E a chamas de sulfura purificam ou queimam tudo que apodreceu! Então, quando a fonte da vida fica contaminada, diz-se que a pessoa foi enviada às fontes de sulfura...

**ESTRANHO.** Como a fonte da vida fica contaminada?

**CONFESSOR.** Quando Afrodite, nascida da espuma do mar, chafurda no pântano... Quando Afrodite Urânia, a nascida do céu, se degenera em Pandemos, a Vênus das ruas.

**ESTRANHO.** Por que esse desejo desabrocha?

**CONFESSOR.** Desejo puro, para ser satisfeito; impuro, para ser sufocado.

**ESTRANHO.** O que é puro, o que é impuro?

**CONFESSOR.** Vamos voltar a esse assunto agora?

**ESTRANHO.** Pergunte a esses homens aí...

**CONFESSOR.** Tome cuidado! *(Ele olha para o ESTRANHO, que é incapaz de suportar esse olhar.)*

**ESTRANHO.** Você está me sufocando... Meu peito...

**CONFESSOR.** Sim, vou roubar o ar que você usa para formar palavras rebeldes e fazer perguntas ultrajantes. Sente-se aí, vou voltar – quando você tiver aprendido a ter paciência e a aguentar sua provação. Mas não esqueça que eu posso ouvir e ver você, e estou esperto com você, onde quer que esteja!

**ESTRANHO.** Então vou ser testado! Fico contente em saber!

**CONFESSOR.** Mas você não deve falar aos adoradores de Vênus. *(MAIA, uma velha, surge no fundo.)*

**ESTRANHO.** *(levantando-se, com horror)* Quem estou encontrando aqui depois de todo esse tempo? Quem é aquela figura?

**CONFESSOR.** De quem está falando?

**ESTRANHO.** Daquela velha ali atrás.

**CONFESSOR.** Quem é?

**ESTRANHO.** (*chamando*) Maia! Ouça! (*A Velha Maia desapareceu. O ESTRANHO corre atrás dela.*) Maia, minha amiga, ouve! Ela se foi!

**CONFESSOR.** Quem era?

**ESTRANHO.** (*sentando-se*) Oh Deus! Agora, quando finalmente eu a encontro de novo, ela some... Eu a procurei por sete longos anos, escrevi cartas, perguntei em toda parte...

**CONFESSOR.** Por quê?

**ESTRANHO.** Vou lhe contar como o destino dela estava ligado ao meu! (*Pausa.*) Maia era enfermeira na minha primeira família... durante aqueles anos duros... em que eu estava combatendo os Invisíveis, que não queriam abençoar minha obra! Escrevi até meu cérebro e meus nervos se dissolverem como gordura em álcool... mas não era o suficiente! Eu era um daqueles que nunca ganhavam o bastante. E chegou o dia em que não pude pagar os salários das criadas – era terrível – e me tornei criado da minha criada, e ela se tornou minha patroa. No fim... para, pelo menos, salvar minha alma, fugi daquilo que era poderoso demais para mim. Fugi para o ermo, onde rejuntei meu espírito na solidão e recobrei minha força! Meu primeiro pensamento foi, então – meus débitos! Durante sete anos procurei por Maia, mas em vão! Durante sete anos eu a vi na sombra, sua silhueta nas janelas de trens, no convés de vapores, em cidades estranhas, em terras distantes, mas sem ser capaz de a encontrar. Sonhei com ela durante sete anos, e toda vez que bebia uma taça de vinho eu enrubescia só de pensar na velha Maia, que talvez estivesse bebendo água em algum asilo! Tentei dar aos pobres o dinheiro que lhe devia; mas de nada adiantou. E agora – achada e perdida no mesmo momento! (*Ele se levanta e vai para o fundo, como se a procurasse.*) Explique-me isso, se puder! Quero pagar minha conta; posso pagá-la agora, mas não consigo.

**CONFESSOR.** Loucura insana! Renda-se ao que parece inexplicável; você vai ver que a explicação virá mais tarde. Adeus!

**ESTRANHO.** Mais tarde, mais tarde. Tudo vem mais tarde.

**CONFESSOR.** Sim. Se não vier de repente! (*Ele sai. A DAMA entra pesarosa e se senta à mesa, oposta ao ESTRANHO.*)

**ESTRANHO.** O quê? Você de volta outra vez? A mesma e não mais a mesma? Que bonita você ficou; tão bonita como na primeira vez que a vi, quando lhe perguntei se eu podia ser seu amigo, seu cachorro.

**DAMA.** O fato de você ver uma beleza que eu não possuo mostra que uma vez mais você tem um espelho da beleza imaginado em seu olhar. O lobisomem nunca me achou bonita, porque ele não conhecia nada bonito com que me ver.

**ESTRANHO.** Por que você me beijou naquele dia? O que fez você fazer aquilo?

**DAMA.** Você muitas vezes me perguntou isso, e nunca fui capaz de encontrar a resposta, porque eu não sei. Mas justamente agora, quando estava longe de você, aqui nas montanhas, onde o ar é mais puro e o sol mais próximo... Shshshsh! Agora consigo ver aquele domingo à tarde, quando você se sentou naquele banco como uma criança perdida e desamparada, com um olhar prostrado, e olhou fundo em seu próprio destino... Um sentimento maternal que eu nunca havia sentido antes brotou em mim então, e fui dominada pela piedade, piedade por uma alma humana – de modo que esqueci de mim mesma.

**ESTRANHO.** Estou envergonhado. Agora acredito que foi assim.

**DAMA.** Mas você compreendeu de outro modo. Pensou...

**ESTRANHO.** Não me diga. Estou envergonhado.

**DAMA.** Por que pensou tão mal de mim? Não viu que abaixei meu véu; que ficou entre nós como a espada do cavaleiro no leito nupcial...

**ESTRANHO.** Estou envergonhado, atribuí a você, Ingeborg, meus maus pensamentos, Você era feita de matéria melhor que a minha. Estou envergonhado!

**DAMA.** Agora você parece bonito. Muito bonito!

**ESTRANHO.** Oh não. Não eu. Você!

**DAMA.** (*extaticamente*) Não, você! Sim, agora vi através da máscara e da falsa barba. Agora posso ver o homem que você escondeu de mim, o homem que eu pensei ter encontrado em você... o homem que eu sempre estive procurando. Muitas vezes pensei que você era um hipócrita, mas não fomos hipócritas. Não, não, não podemos fingir.

**ESTRANHO.** Ingeborg, agora estamos no outro lado do rio, e a vida à nossa frente, atrás de nós... como tudo parece diferente. Agora, agora, posso ver sua alma; o ideal, o anjo, que estava aprisionado na carne por causa do pecado. Então há um Acima e uma Época Anterior. Quando começamos não era o começo, e não vai ser o fim quando tivermos terminado. A vida é um fragmento, sem começo nem fim! Eis porque é tão difícil avançar ou recuar.

**DAMA.** (*gentilmente*) Tão difícil. Tão difícil. Diga-me, por exemplo – agora estamos além da culpa ou da inocência – como foi que chegou a odiar as mulheres?

**ESTRANHO.** Deixe-me pensar! Odiar as mulheres? Odiá-las? Eu nunca as odiei. Ao contrário! Desde que eu tinha oito anos sempre tive um caso de amor, de preferência um caso inocente. E amei como um vulcão três vezes! Mas espere – eu sempre senti que as mulheres me odiavam... e elas sempre me torturaram.

**DAMA.** Que estranho!

**ESTRANHO.** Deixe-me pensar um pouco... Talvez eu tenha ciúme de minha própria personalidade; e medo de ser muito influenciado. Meu primeiro amor se transformou numa espécie de governante e babá para mim. Mas, naturalmente, há homens que detestam crianças, e que detestam mulheres também, se elas são superiores a eles, não é!

**DAMA.** (*amavelmente*) Mas você chamou as mulheres de inimigas da humanidade. Foi isso mesmo que quis dizer?

**ESTRANHO.** Claro que foi, eu escrevi isso! E foi por experiência própria, não só por teoria... Na mulher procurei um anjo, que pudesse me dar asas, e caí nos braços de um espírito de argila que me sufocou com travesseiros cheios das penas de suas asas! Procurei um Ariel e encontrei um Caliban; quando quis me levantar, ela me puxou para baixo; e continuamente me lembrava de minha queda...

**DAMA.** (*gentilmente*) Salomão sabia muito sobre as mulheres; sabe o que ele disse? “Mais amarga que a morte é a mulher, cujo coração é armadilhas e redes e suas mãos são como algemas; quem quer que se agrade de Deus pode escapar dela; mas o pecador será presa dela.”

**ESTRANHO.** Eu nunca fui aceitável aos olhos de Deus. Foi aquilo uma punição? Talvez. Mas eu nunca fui aceitável para ninguém, e nunca tive uma boa palavra dirigida a mim! Será que nunca pratiquei uma ação boa? É possível para um homem nunca ter feito uma ação boa? (*Pausa.*) É terrível nunca ouvir uma palavra boa sequer sobre alguém!

**DAMA.** Você as ouviu. Mas quando as pessoas falaram bem de você, você se recusou a ouvir, como se elas machucassem você.

**ESTRANHO.** Isso é verdade, agora você me lembrou. Mas você pode explicar isso?

**DAMA.** Explicar? Você está sempre pedindo explicações sobre o inexplicável. “Quando dediquei meu coração a conhecer a sabedoria... eu contemplei toda a obra de Deus, que um homem não consegue descobrir que está feita sob o sol. Porque, embora um homem se esforce para descobri-la, ele não a encontrará; sim, e mais, embora um homem sábio pense conhecê-la, ele também não será capaz de a encontrar!”

**ESTRANHO.** Quem afirma isso?

**DAMA.** O Profeta Eclesiastes. (*Ela tira uma boneca de seu bolso.*) Esta é a boneca de Mizzi. Veja, ela tem saudade de sua pequena dona! Que pálida ela ficou. E parece saber onde Mizzi está, porque está sempre olhando para o céu, seja qual for o modo que eu a segure. Olhe! Seus olhos seguem as estrelas como o compasso. Ela é meu compasso e sempre me mostra onde o céu está. Ela poderia, é claro, estar vestida de preto, porque está de luto, mas somos tão pobres... Sabe por que nunca tivemos dinheiro? Porque Deus estava zangado conosco por causa de nossos pecados. “O virtuoso não passa fome.”

**ESTRANHO.** Onde você aprendeu isso?

**DAMA.** Num livro em que está escrito tudo. Todas as coisas! (*Ela enrola a boneca em sua capa.*) Veja, ela está ficando com frio – é por causa daquela nuvem lá em cima...

**ESTRANHO.** Como você ousa caminhar aqui em cima nas montanhas?

**DAMA.** Deus está comigo; então, o que devo temer dos seres humanos?

**ESTRANHO.** Você não é perturbada por aquelas pessoas do lago?

**DAMA.** (*virando-se para elas*) Não consigo vê-las. Não consigo ver nada horrível agora.

**ESTRANHO.** Ingeborg! Eu lhe fiz mal, embora você só pudesse me fazer bem! Era meu sonho, você sabe, buscar redenção através de uma mulher. Você não acredita! Mas é verdade. Naqueles tempos nada tinha valor para mim se não pudesse ser colocado aos pés de uma mulher. Não como um tributo a uma dona de casa reprimida... mas como um ritual ao bom e ao belo. Era meu prazer oferecer, mas ela queria tomar e não receber: é por isso que ela me odiava! Quando eu estava desamparado e pensava que o fim estava próximo, cresceu em mim um desejo de dormir no colo de uma mãe, num peito formidável onde pudesse afundar minha cabeça e beber na ternura de que fora privado.

**DAMA.** Você não tinha mãe?

**ESTRANHO.** Dificilmente! E nunca senti qualquer laço entre mim e meu pai ou meus irmãos e irmãs... Ingeborg, eu era filho de uma criada sobre a qual se escreveu “Expulse a criada com o filho, pois esse filho não herdará com o filho legítimo.”

**DAMA.** Você sabe por que Ismael foi expulso? Diz-se que ele era um sujeito zombeteiro. E por aí vai: “Ele será um homem selvagem, sua mão se erguerá contra todo homem. E as mãos de todos os homens serão contra ele; e também todos os seus irmãos.”

**ESTRANHO.** Isso também está escrito?

**DAMA.** Oh sim, minha criança, está tudo lá!

**ESTRANHO.** Tudo?

**DAMA.** Tudo. Lá você vai encontrar respostas para todas as suas perguntas, mesmo as mais intrometidas!

**ESTRANHO.** Chame-me de sua criança, e vou amar você... E se eu amar outras pessoas, quero servi-las, obedecê-las, deixar-me ser maltratado, sofrer e suportar tudo isso.

**DAMA.** Você não deveria me amar, mas a seu Criador.

**ESTRANHO.** Ele é inamistoso – como meu pai!

**DAMA.** Ele é o próprio Amor; e você é o Ódio.

**ESTRANHO.** Você é filha dele; mas eu sou o filho dele desclassificado.

**DAMA.** (*insinuantemente*) Quietos! Fique calmo!

**ESTRANHO.** Se pelo menos você soubesse o que eu sofri na semana passada. Eu não sei onde estou.

**DAMA.** Onde você imagina estar?

**ESTRANHO.** Há uma mulher naquela cabana que olha para mim como se eu fosse roubar suas últimas migalhas. Ela não diz nada – eis o problema. Mas eu acho que são preces o que ela murmura quando me vê.

**DAMA.** Que tipo de preces?

**ESTRANHO.** Do tipo que alguém murmura nas costas de quem tem olho gordo ou dá azar.

**DAMA.** Que estranho! Você não sabe que o olho de alguém pode ser cegado?

**ESTRANHO.** Sim, naturalmente. Mas quem pode fazê-lo?

**RECEPCIONISTA.** (*entrando, direto para a mesa*) Bem, olhe para isso! Suponho que ela seja sua irmã?

**ESTRANHO.** Sim. Podemos dizer isso agora.

**RECEPCIONISTA.** (*para a DAMA*) Engraçado encontrar alguém com quem eu posso finalmente falar! Este cavalheiro está tão silencioso, veja, que se pode sentir bem depressa que se deve respeitá-lo; especialmente porque parece ter tido problemas. Mas posso dizer isso à irmã dele, e ele poderá ouvir: que, a partir do momento em que ele entrou nesta casa eu senti que fui abençoada. Fui tratada como um cão pelo infortúnio; não tenho inquilino, minha única vaca morreu, meu marido estava num lar para alcoólatras e meus filhos não tinham nada para comer. Pedi a Deus para me enviar alguma ajuda do céu, porque eu não esperava mais nada da terra. Então este cavalheiro chegou. E, à parte o fato de me ter dado o dobro do que pedi, ele me trouxe boa sorte - minha casa foi abençoada. Deus o abençoe, bom senhor!

**ESTRANHO.** (*levantando-se, entusiasmado*) Silêncio, mulher. Isso é blasfêmia!

**DAMA.** Ele não vai acreditar. Oh Deus! Ele não vai acreditar. Olhe para mim!

**ESTRANHO.** Quando eu olho para você, eu acredito. Ela está me dando sua bênção! E eu, que estou condenado, trouxe para ela uma bênção! Como posso acreditar nisso? Eu, dentre todos os homens! (*Cai sobre a mesa e chora entre as mãos.*)

**DAMA.** Ele está chorando! Lágrimas, chuva que vem do céu, que pode quebrar rochas, estão caindo de seu coração de pedra... Ele está chorando!

**RECEPCIONISTA.** Ele? Que tem um coração de ouro! De mão tão aberta e tão bom para meus filhos!

**DAMA.** Você ouviu o que ela diz!

**RECEPCIONISTA.** Tem apenas uma coisa sobre ele que não compreendo; mas eu não quero dizer nada desagradável...

**DAMA.** O que é?

**RECEPCIONISTA.** Só uma bobagem; só isso...

**DAMA.** E o que é?

**RECEPCIONISTA.** Ele não gosta dos meus cachorros.

**DAMA.** Não posso censurá-lo por não se importar com uma besta impura. Eu odeio qualquer coisa animal, em mim e nos outros. Não odeio animais por causa disso, porque não odeio nada que foi criado...

**ESTRANHO.** Obrigado, Ingeborg!

**DAMA.** Veja só! Tenho um olho para seus méritos, mesmo que você não acredite nisso...  
Aí vem o Confessor. (*O CONFESSOR entra.*)

**RECEPCIONISTA.** Então eu vou sair, o Confessor não tem amor por mim.

**DAMA.** O Confessor ama toda a humanidade.

**CONFESSOR.** (*vindo para a frente e falando para a DAMA*) A você, mais que tudo, minha filha; porque você é a bondade em pessoa. Se você é bonita de se ver, não consigo ver, mas eu sei que deve ser, porque você é boa. Sim, você foi a noiva da minha juventude, e minha cônjuge espiritual; e será assim para sempre, porque você me deu o que nunca foi capaz de dar aos outros. Eu vivi sua vida em meu espírito, sofri suas dores, gozei seus prazeres – ou melhor, seu prazer, pois você não teve outros a não ser aquele que seu filho lhe deu. Só eu vi sua alma – meu amigo aqui adivinhou isso; eis porque ele se sente atraído por você – mas o mal que havia nele era muito forte; você teria que transferi-lo dele para você para o libertar. Então, sendo o mal, você teria de sofrer as piores dores do inferno por causa dele, para trazer expiação. Seu trabalho terminou. Você já pode ir em paz!

**DAMA.** Onde?

**CONFESSOR.** Lá em cima. Onde o sol está sempre brilhando.

**DAMA.** (*levantando-se*) Lá existe um lar para mim também?

**CONFESSOR.** Há lar para todo mundo! Vou lhe mostrar o caminho. (*Sai com ela na direção do fundo. O ESTRANHO faz um movimento.*) Está impaciente? Relaxe! (*Ele sai. O ESTRANHO continua sentado sozinho. Os ADORADORES DE VÊNUS se levantam. Cercam-no e formam um círculo ao redor dele.*)

**ESTRANHO.** O que querem comigo?

**ADORADORES.** Salve! Pai.

**ESTRANHO.** (*muito perturbado*) Por que me chamam assim?

**PRIMEIRA VOZ.** Porque somos seus filhos. Os seus filhos diletos!

**ESTRANHO.** (*tenta escapar, mas é cercado e não consegue*) Deixem-me ir. Deixem-me ir!

**SEGUNDA VOZ.** (*a de um jovem pálido*) Não me reconhece, Pai?

**TENTADOR.** (*surgindo no fundo no ramal esquerdo da trilha*) Ha!

**ESTRANHO.** (*para a SEGUNDA VOZ*) Quem é você? Parece que conheço seu rosto.

**SEGUNDA VOZ.** Sou Erik – seu filho!

**ESTRANHO.** Erik! Você aqui?

**SEGUNDA VOZ.** Sim. Estou aqui.

**ESTRANHO.** Deus tenha misericórdia! E você, meu rapaz, perdoe-me!

**SEGUNDA VOZ.** Nunca! Você nos mostrou o caminho para as fontes de sulfura! É longe daqui o lago? (*O ESTRANHO cai ao chão.*)

**TENTADOR.** Ha! *Jubilate, temptatores!*

**ADORADORES DE VÊNUS.** Sulfura! Sulfura! Sulfura! Mercúrio!

**TENTADOR.** (*vindo para a frente e tocando o ESTRANHO com o pé*) O verme! Você pode fazê-lo acreditar no que você quiser. Isso por causa de seu inacreditável orgulho. Ele pensa que é a fonte principal do universo, o originador de todo mal? Esse homem louco acredita que ensinou a juventude a sair em busca de Vênus; como se a juventude não tivesse feito isso antes de ele ter nascido! Seu orgulho é insuportável, e ele foi precipitado em tentar remendar minha obra para mim. Faça-lhe outro cumprimento, mentiroso Erik! (*A SEGUNDA VOZ – a da juventude – se inclina sobre o ESTRANHO e sussurra em seus ouvidos.*) Existiam sete pecados mortais; mas agora eles são oito. O oitavo, eu o descobri! Chama-se desespero. Pois desesperar do que é bom, e não esperar pelo perdão, é chamar... (*Ele hesita antes de pronunciar a palavra Deus, como se ela lhe queimasse os lábios*) Deus de perverso. Isso é calúnia, renegação, blasfêmia... Vejam como ele estremece!

**ESTRANHO.** (*levantando-se rapidamente, e olhando o TENTADOR nos olhos*) Quem é você?

**TENTADOR.** Seu irmão. Não nos parecemos um com o outro? Alguns dos seus traços me fazem lembrar meu retrato.

**ESTRANHO.** Onde foi que o vi?

**TENTADOR.** Quase em toda parte! Sou frequentemente encontrado em igrejas, embora não entre os santos.

**ESTRANHO.** Não consigo me lembrar...

**TENTADOR.** Já faz muito tempo que não vai à igreja, não é? Sou costumeiramente representado com São Jorge (*O ESTRANHO cambaleia e gostaria de voar, mas não pode.*) Miguel e eu somos às vezes vistos em grupo. No qual, para dizer a verdade, não apareço com a luz mais favorável; mas isso pode ser modificado. Tudo pode ser alterado, e um dia o ultimo será o primeiro. É a mesma coisa no seu caso. No momento, as coisas estão indo mal para você, mas isso pode ser modificado também. Se você tiver inteligência suficiente para mudar suas companhias. Você teve que se virar muito com saias, meu filho. Saias levantam poeira, e poeira cai nos olhos e no peito... Venha e se sente. Vamos conversar um pouco... (*Pega o ESTRANHO divertidamente pela orelha e o leva para a mesa.*) Sente-se e trem, jovem! (*Eles se sentam.*) Bem? O que fazemos? Pedimos vinho – e mulher? Não! Esse é um artifício muito antigo, tão velho quanto o Doutor Fausto! Bom! Nós modernos estamos em busca de dissipação mental... Então você está a pique de escolher aqueles santos homens lá em cima, que pensam que porque dormem escapam do pecado; aqueles covardes, que desistiram da batalha da vida, porque foram vencidos uma vez ou duas; aqueles que aprisionam suas almas em vez de deixá-las livres... E por falar nisso! Algum santo homem qualquer libertou você de sua carga de pecados? Não! Você sabe por que o pecado tanto tem oprimido você? Por renúncia e abstinência, você cresceu tão fraco que ninguém pode tomar sua alma e se apossar dela. Porque eles podem fazer isso mesmo a distância! Você tanto destruiu sua personalidade, que você vê com olhos estranhos, ouve com ouvidos estranhos e pensa pensamentos estranhos. Numa palavra, você assassinou sua própria alma. Justamente agora, você não falou bem dos inimigos da humanidade, da Mulher, que fez do paraíso um inferno? Não precisa me responder; posso ler sua resposta em seus olhos e em seus lábios. Você fala do amor puro por uma mulher! É desejo, jovem, desejo por uma mulher, que temos de pagar tão caro. Você diz que não a deseja. Então por que quer estar perto dela? Você gostaria de ter uma amizade? Encontre um amigo homem, muitos deles! Deixe que eles convençam você que você não odeia mulheres. Mas as mulheres lhe deram a resposta certa; todo homem saudável odeia mulheres, mas não consegue viver sem se ligar ao seu inimigo, e assim precisa combatê-lo! Todos os homens perversos e grosseiros são admiradores das mulheres! O que se passa com você agora? Você viu aqueles inválidos e se imaginou responsável pela miséria deles? São sujeitos duros, pode acreditar em mim; poderão partir daqui em alguns dias e voltar às suas ocupações. Oh claro, o mentiroso do Erik é um farsante! Mas as coisas foram tão longe com você, que você não consegue distinguir entre seus filhos e os filhos dos outros. Não seria uma grande coisa fugir disso tudo? O que pode dizer? Oh, eu poderia libertar você... mas não sou santo. Agora podemos chamar a velha Maia. (*Ele assobia entre os dedos: MAIA aparece.*) Ah, você está aí! Bem, o que está fazendo aqui? Tem algum negócio com esse sujeito aqui?

**MAIA.** Não. Ele é bom e sempre foi assim, mas teve uma esposa terrível.

**TENTADOR.** (*para o ESTRANHO*) Ouça isso! Nunca tinha ouvido isso, não é? Justa-

mente o oposto. Ela foi o anjo bom que você arruinou... já nos disseram isso! Agora, velha Maia, que tipo de história é essa que ele sussurra por aí? Ele diz que foi amaldiçoado com um remorso de sete anos porque você emprestou dinheiro a ele.

**MAIA.** Eu lhe emprestei uma pequena quantia certa vez, mas ele a devolveu bem depressa e o banco me pagou juros muito bons. Foi muito correto e bom da parte dele – muito gentil.

**ESTRANHO.** (*levantando-se*) O que foi que disse? É possível que eu tenha esquecido alguma coisa?

**TENTADOR.** Você tem o recibo, Maia? Se tiver, entregue-o a mim.

**MAIA.** O cavalheiro deve ter o recibo do valor do empréstimo, mas eu tenho a caderneta do banco aqui com a anotação dos juros. Ele depositou o dinheiro no banco em meu nome. (*Ela mostra uma caderneta de banco, e a entrega ao ESTRANHO, que olha para ela.*)

**ESTRANHO.** Sim, ela tem toda razão. Agora me lembro. Então por que esses sete anos de tormento, vergonha e desgraça? Aquelas reprovações durante noites sem dormir? Por quê? Por quê? Por quê?

**TENTADOR.** Velha Maia, você pode ir agora. Mas primeiro diga alguma coisa delicada sobre este autotortentador. Você consegue se lembrar de alguma qualidade humana nesta besta selvagem, que os seres humanos acossaram por anos?

**ESTRANHO.** (*para MAIA*) Quieta, não lhe responda nada! (*Tapa as orelhas com as mãos.*)

**TENTADOR.** E então, Maia?

**MAIA.** Sei bastante bem o que dizem sobre ele, mas isso se refere ao que ele escreve – e eu não li essas coisas porque não sei ler. Além do mais, ninguém precisa ler se não quiser ler. De qualquer modo, o cavalheiro tem sido muito gentil. Agora está tapando os ouvidos. Não sei como elogiar, mas posso fazer isso num sussurro... (*Ela murmura algo para o TENTADOR.*)

**TENTADOR.** Sim. Todos os seres humanos facilmente comovidos são acossados como bestas selvagens! Essa é a regra. Adeus, velha Maia!

**MAIA.** Adeus, gentis cavalheiros. (*Ela sai.*)

**ESTRANHO.** Por que eu sofri inocentemente durante sete anos?

**TENTADOR.** (*apontando para cima com um dedo*) Pergunte lá em cima!

**ESTRANHO.** Onde eu jamais vou conseguir uma resposta!

**TENTADOR.** Bom, isso pode acontecer. (*Pausa.*) Você acha boa minha aparência?

**ESTRANHO.** Não sei muito bem o que dizer.

**TENTADOR.** Você parece extremamente fatigado, também! Sabe por que estamos com essa cara?

**ESTRANHO.** Não.

**TENTADOR.** O ódio e a malícia de nossos camaradas humanos se abateram sobre nós. Lá em cima, você sabe, existem santos reais, que nunca fizeram nada de perverso, mas que sofrem pelos outros, por relações, que cometeram pecados não expiados. Esses anjos, que assumiram para si a depravação dos outros, realmente parecem bandidos. O que você diz sobre isso?

**ESTRANHO.** Não sei quem você é; mas é o primeiro a responder perguntas que podem me reconciliar com a vida. Você é...

**TENTADOR.** Bom, diga!

**ESTRANHO.** O libertador!

**TENTADOR.** E depois...?

**ESTRANHO.** Portanto, deram a você a forma de um abutre... Mas ouça, você pensou alguma vez que existe uma boa razão para isso como para tudo o mais? Dado que a terra é uma prisão, na qual são confinados os prisioneiros perigosos, seria uma boa coisa deixá-los livres? Seria correto?

**TENTADOR.** Que pergunta! Realmente nunca pensei sobre isso. Hm!

**ESTRANHO.** E nisso você já pensou alguma vez: nascemos culpados ou inocentes?

**TENTADOR.** Isso não tem nada a ver comigo. Eu me preocupo é com o presente.

**ESTRANHO.** Bom! Você acha que às vezes somos punidos erradamente, e então falhamos em ver a relação lógica, embora ela exista?

**TENTADOR.** Não está faltando lógica, mas a vida inteira é um tecido de ofensas, confusões, erros, que são relativamente inatacáveis devido à fraqueza humana, mas que são punidos pela mais consistente vingança. Tudo é vingado, mesmo nossas ações menos judiciosas. Quem perdoa? Um homem magnânimo – às vezes; a justiça celestial, nunca! (*Um PEREGRINO aparece no fundo.*) Veja! Um penitente! Eu gostaria de saber o que ele fez de errado. Vamos lhe perguntar. Bem-vindo aos nossos prados tranquilos, pacífico andarilho! Tome seu lugar nesta mesa simples de ascetas, para os quais não existem mais tentações.

**PEREGRINO.** Obrigado, camarada viajante no vale da aflição

**TENTADOR.** Qual o tipo de sua aflição?

**PEREGRINO.** Nenhuma em particular; ao contrário, a hora da libertação chegou, e estou indo lá em cima para receber absolvição.

**ESTRANHO.** Ouça, já não nos encontramos antes?

**PEREGRINO.** Acho que sim, certamente.

**ESTRANHO.** César! Você é César!

**PEREGRINO.** Eu costumava ser, mas não sou mais.

**TENTADOR.** Ha ha! Convivência imperial. Realmente! Mas conte-nos, conte tudo!

**PEREGRINO.** Você vai ouvir. Agora eu tenho o direito de falar, porque meu castigo está no fim. Quando nos encontramos na casa de um certo médico, fui trancado lá como louco e declarado sofrer supostamente da ilusão de que eu era César. Agora o Estranho vai ouvir a verdade sobre a questão: eu nunca acreditei, mas fui forçado por escrúpulos de consciência a ter um olhar favorável... Um amigo meu, um péssimo amigo, tinha prova escrita de que eu era vítima de um equívoco; mas ele não falou quando deveria tê-lo feito, e eu tomei seu silêncio como um pedido para não falar – e para sofrer. Por que o fiz? Bem, na minha juventude estive em certa ocasião em grande necessidade. Fui recebido como hóspede numa casa numa ilha distante no mar por um homem que, a despeito de dons incomuns, havia sido preterido numa promoção por causa de seu orgulho insensato. Esse homem, que vivia em solidão cheia de cismas, chegara a adquirir opiniões extraordinárias sobre si mesmo. Eu o notei, mas não disse nada. Um dia a mulher desse homem me disse que às vezes ele se desequilibrava mentalmente; e então pensava que era Júlio César. Durante muitos anos guardei esse segredo conscienciosamente, porque por natureza não sou mal-agradecido. Mas a vida é ardilosa. Aconteceu poucos anos depois que esse César colocou suas mãos ásperas sobre minha sorte mais íntima. Com raiva disso, traí o segredo de sua mania de César e tornei meu benfeitor temporário em motivo de tanta chacota, que sua vida se tornou insuportável para ele. E agora ouça como Nêmesis nos surpreendeu. Um ano depois eu escrevi um livro – eu sou, como você deve saber, um autor ainda sem notoriedade... E nesse livro descrevi incidentes da vida familiar: como brincava com minha filha – ela se chamava Júlia, como a filha de César – e com minha esposa, a quem chamávamos “a esposa de César” porque ninguém falava mal dela... Bem, essa brincadeira, que minha sogra também apoiava, me custou caro. Quando eu estava examinando as provas tipográficas de meu livro, vi o perigo e disse a mim mesmo: nessa você se deu mal. Quis eliminar o erro, mas, se você acredita em mim, a pena se recusou, e uma voz interior me disse: deixe como está. E assim ficou. E assim me ferrei.

**ESTRANHO.** Por que você não publicou a carta de seu amigo que teria explicado tudo?

**PEREGRINO.** Quando o desastre aconteceu, eu senti de repente que era o dedo de Deus, e que eu devia sofrer por minha ingratidão.

**ESTRANHO.** E você sofreu?

**PEREGRINO.** De modo algum! Eu sorri para mim mesmo e não me deixaria ser posto de lado. E porque aceitei minha punição com tranquilidade e humildade, Deus aliviou meu fardo e não me senti ridículo.

**TENTADOR.** É uma história estranha, mas essas coisas acontecem. Podemos ir agora? Vamos sair para uma excursão, agora acalmamos as tempestades. Arranque suas raízes e vamos subir a montanha.

**ESTRANHO.** O Confessor me disse para esperar por ele.

**TENTADOR.** Ele vai encontrar você, de qualquer maneira! E aqui na aldeia o tribunal está reunido hoje. Um caso particularmente interessante deve ser julgado; e eu sei que vou ser chamado como testemunha. Vamos!

**ESTRANHO.** Bom, eu me sentar aqui, ou me sentar ali, para mim é a mesma coisa.

**PEREGRINO.** *(para o ESTRANHO)* Quem vem ali?

**ESTRANHO.** Não sei. Parece um anarquista

**PEREGRINO.** Interessante, de todo modo!

**ESTRANHO.** É um cavalheiro cético, que já viu muito da vida.

**TENTADOR.** Vamos, crianças; Tenho histórias para lhes contar no caminho. Vamos. Vamos! *(Saem em direção ao fundo.)*

**Cortina.**

## ATO III

### CENA I

#### TERRAÇO NA MONTANHA

*[Um terraço na montanha na qual está o Mosteiro. À direita, um rochedo e um similar à esquerda. No fundo ao longe uma panorâmica de uma paisagem de rio, com cidades, aldeias, campos arados e florestas; muito mais longe ainda, pode-se ver o mar. Na frente do palco uma macieira carregada de frutos. Sob ela uma mesa longa com uma cadeira numa ponta e bancos dos lados. Na frente do palco, à direita, a esquina da prefeitura da aldeia. Uma nuvem parece estar suspensa sobre a aldeia.]*

*[O MAGISTRADO senta-se ao fim da mesa na qualidade de juiz; seus assessores, nos bancos. O ACUSADO está em pé à direita do MAGISTRADO; a testemunha à esquerda, entre eles o TENTADOR. Membros do povo, com o PEREGRINO e o ESTRANHO, estão em pé aí, não muito longe do assento do juiz.]*

**MAGISTRADO.** O acusado está presente?

**ACUSADO.** Sim. Presente.

**MAGISTRADO.** Esta é uma história muito triste, que trouxe problemas e vergonha para toda nossa pequena comunidade. Florian Reicher, trinta e três anos de idade, é acusado de atirar na mulher que foi prometida como esposa a Fritz Schlipitska, com a clara intenção de matá-la. Trata-se de um caso de crime premeditado, e as providências da lei são perfeitamente claras. Tem o acusado alguma coisa a declarar em sua defesa ou pode alegar circunstâncias atenuantes?

**ACUSADO.** Não.

**TENTADOR.** Hei, quero falar!

**MAGISTRADO.** Quem é você?

**TENTADOR.** Um advogado para o acusado.

**MAGISTRADO.** O acusado certamente tem o direito aos serviços de um advogado de defesa, mas no presente caso julgo que os fatos são tão claros que o povo já chegou a uma conclusão, e o assassino dificilmente reconquistará a simpatia das pessoas. Não é assim?

**POVO.** Ele já está condenado!

**TENTADOR.** Por quem?

**POVO.** Pela Lei e por seu próprio malfeito.

**TENTADOR.** Ouçam-me! Como advogado para o acusado eu o represento e assumo a acusação para mim mesmo. Peço permissão para me dirigir à corte.

**MAGISTRADO.** Não posso recusar.

**POVO.** Florian já foi condenado.

**TENTADOR.** O caso tem que ser exposto e ouvido por todos. *(Pausa.)* Cheguei ao meu décimo-oitavo ano – é Florian falando – e meus pensamentos, enquanto cresci sob o olhar cuidadoso de minha mãe, eram puros; e meu coração sem falsidade, porque eu nunca vira ou ouvira qualquer coisa perniciosa. Então eu –, quer dizer, Florian – conheci uma garota que me pareceu a mais bela criatura que meus olhos já haviam visto neste mundo pecaminoso, pois ela era a bondade em pessoa. Eu lhe ofereci minha mão, meu coração e meu futuro. Ela aceitou tudo e jurou que seria verdadeira. Cabia-me servir durante cinco anos minha Rachel – e eu a servi, juntando uma palhinha com outra para o pequeno ninho que íamos construir. Toda minha vida foi focada no amor por aquela mulher! Como eu fosse verdadeiro para ela, nunca lhe menti ou a traí. Por volta do quinto ano eu já havia construído uma casinha e comprado nossos móveis quando descobri que ela estava brincando comigo e me enganara com pelo menos três homens...

**MAGISTRADO.** Você tem testemunhas?

**MEIRINHO.** Três testemunhas válidas, eu sou uma delas.

**MAGISTRADO.** Só o meirinho já será suficiente.

**TENTADOR.** Então eu a matei, não como vingança, mas para me libertar dos pensamentos malsãos que sua infidelidade forçou em mim; porque, quando tentei arrancar sua figura do meu coração, imagens de seus amantes brotavam e nadavam no meu sangue, de modo que no fim me parecia estar vivendo uma relação ilegal com três homens – com uma mulher como ligação entre nós!

**MAGISTRADO.** Bem, isso era ciúme!

**ACUSADO.** Sim, era ciúme.

**TENTADOR.** Sim, ciúme, aquele desejo de limpeza, que procura preservar os pensamentos da poluição por estranhos. Se eu me contentasse em não fazer nada, se eu não fosse ciumento, eu teria mergulhado em companhias viciosas e eu não queria fazer isso. É por isso que ela tinha que morrer para que meus pensamentos fossem limpos do pecado mortal, que, esse sim, deve ser condenado. Já terminei.

**POVO.** A mulher morta é culpada! O sangue dela caiu sobre sua própria cabeça.

**MAGISTRADO.** Ela é culpada, pois ela foi a causa do crime. (*O PAI da mulher morta avança um passo.*)

**PAI.** Meritíssimo, juiz de minha criança morta, e vocês, gente minha, deixem-me falar!

**MAGISTRADO.** O pai da garota morta pode falar.

**PAI.** Estão acusando uma garota morta; e vou responder. Maria, minha filha, sem dúvida foi culpada de um crime e deve ser condenada pelos malfeitos desse homem. Não há dúvida disso!

**POVO.** Nenhuma dúvida! É ela que é culpada!

**PAI.** Permitam ao pai dela acrescentar uma palavra como explicação, se não como defesa. (*Pausa.*) Quando tinha quinze anos, Maria caiu nas mãos de um homem que parecia ter como negócio na vida apanhar em armadilha garotas, do jeito que um caçador de pássaros apanha aves pequeninas. Não era um sedutor, no sentido comum, pois se contentava em constranger os sentidos dela e embaraçar seus sentimentos apenas para mandá-la embora e ver como ela sofria com asas feridas e coração despedaçado – torturada pela agonia do amor, que é pior que qualquer outra agonia. Durante três anos Maria foi tratada numa instituição para pessoas desarranjadas mentalmente. E quando saiu de lá, quebrada em incontáveis pedaços – podia-se dizer que ela era incontáveis pessoas. Era um anjo e temia Deus com um lado de seu espírito; mas com o outro era um demônio, e insultava tudo o que era sagrado. Eu a vi ir direto da dança e do frenesi para seu amado Florian, e

a ouvi, na presença dele, falar de modo tão diferente e alterar tanto sua expressão, que eu podia jurar que ela era outra pessoa. Mas ela me parecia igualmente sincera em ambas as formas. Ela é condenável, ou seu sedutor?

**POVO.** Não, ela não. Onde está seu sedutor?

**PAI.** Ali!

**TENTADOR.** Sim. Era eu.

**POVO.** Pedras nele!

**MAGISTRADO.** A lei deve seguir seu curso. Ele deve ser ouvido.

**TENTADOR.** Bom! Então ouçam, Argivos! Foi assim. Seu humilde servo, nascido de pais pobres mas extremamente honrados, foi desde o começo um daqueles estranhos pássaros que, em sua juventude, saíram em busca de seu Criador – mas sem jamais o encontrar, naturalmente! É mais frequente que velhos cucos o procurem em sua senilidade – e por boas razões! A insistência nessa busca juvenil foi acompanhada por uma pureza de coração e uma tal modéstia, que até fez suas governantas sorrirem- sim, podemos rir agora que ouvimos que aquele garoto só conseguia trocar sua roupa de baixo se estivesse no escuro! Mas mesmo se estivéssemos corrompidos pelas cruzeiras da vida, ainda seríamos obrigados a encontrar alguma beleza nisso; e, se fôssemos mais velhos, até mesmo alguma coisa tocante! E então podemos nos permitir hoje rir dessa inocência infantil. Riso desdenhoso, senhores ouvintes, por favor.

**MAGISTRADO.** (*seriamente*) Ele está confundindo seus ouvintes.

**TENTADOR.** Depois foi grande a possibilidade de me envergonhar de mim mesmo (*Pausa.*) Ele se tornou um jovem – este humilde servo de vocês – e se sentiu cair numa série de armadilhas que foram armadas por sua inocência. Sou um velho pecador, mas me ruborizo neste momento... (*Pega o chapéu.*) Sim, olhem para mim agora – quando penso no vislumbre que esse jovem homem teve no mundo das esposas de Putifar que o rodeavam! Não havia uma única mulher... Realmente, estou envergonhado em nome da humanidade e do sexo feminino – desculpem-me, por favor... Houve momentos em que não acreditei no que meus olhos viam, mas pensei que um demônio havia cegado minha visão. Os vínculos mais sagrados... (*Ele se morde a língua.*) Não, quietos! A humanidade se sentirá caluniada! Muito bem, até meus vinte e cinco anos combati o bom combate; e caí porque... Bem, eu me chamava Joseph, e eu era Joseph! Cresci ciumento de minha virtude, e me senti injuriado pelos olhares de uma mulher luxuriosa... E por fim, astutamente seduzido, caí. Então me tornei escravo de minhas paixões, até que mergulhei na mais profunda degradação e sofri, sofri, sofri! Mas na realidade era apenas meu corpo que se degradava; minha alma vivia sua própria vida – sua própria vida pura, posso dizer – por sua própria conta. E eu delirei em desejos inocentemente por jovencinhas puras, que, parece, sentiram o que tanto nos ligava. Porque, sem me vangloriar, posso dizer que elas

se sentiam atraídas por mim. Eu não podia avançar o sinal, mas elas o fizeram! E quando me afastava do perigo, seus corações se partiam, como elas diziam. Numa palavra, nunca seduzi uma garota inocente. Eu juro! Mereço ser condenado pela tristeza emocional dessa jovem mulher, que escapou de sua mente? Ao contrário, não mereço ter reconhecida a virtude de ter fugido com horror do passo que causou sua queda? Quem vai atirar a primeira pedra em mim? Ninguém! Então cometo aqui um erro, caros ouvintes. Na verdade, eu acreditava que poderia ser objeto de escárnio, se implorasse aqui por minha inocência masculina! Agora, entretanto, sinto-me jovem novamente, e há uma coisa pela qual gostaria de pedir o perdão da humanidade. Se não tivesse acontecido de eu ver um sorriso cínico nos lábios da mulher que me seduziu quando eu era jovem. Venha aqui, mulher, e veja sua obra de destruição. Observe como a semente cresceu!

**MULHER.** (*adiantando-se com dignidade e modéstia*) Fui eu! Permitam que eu fale, e lhes conte a história pura e simples de minha sedução. (*Pausa.*) Felizmente meu sedutor está aqui também...

**MAGISTRADO.** Amigos! Tenho que interromper esses depoimentos, se não vamos retroceder até Eva no Paraíso.

**TENTADOR.** Quem foi que seduziu Adão? Eis porque temos que retroceder até Eva! Adiante-se, Eva. Eva! (*Sacode sua capa no ar. O tronco da árvore se torna transparente e EVA aparece, envolta em seu cabelo e com uma guirlanda nos quadris.*) Agora, Mãe Eva, foi você que seduziu nosso pai. Você é a acusada: tem alguma coisa a dizer em sua defesa?

**EVA.** (*simplesmente e com dignidade*) A serpente me tentou!

**TENTADOR.** Boa resposta! Eva provou sua inocência. A serpente! Que a serpente venha e fale. (*EVA desaparece.*) A serpente! (*A serpente surge no tronco da árvore.*) Aqui se pode ver o sedutor de todos nós. Agora, serpente, quem foi que enganou você?

**TODOS.** (*horrorizados*) Silêncio! Blasfemador!

**TENTADOR.** Responde, serpente! (*Raio e trovão; todos fogem, exceto o TENTADOR, que caiu ao chão, o PEREGRINO, o ESTRANHO e a DAMA. O TENTADOR recobra os sentidos, levanta-se e se senta em pose que lembra a estátua clássica “O Polido” ou “O Escravo”.*) *Causa finalis.* Ou a causa primordial – não se pode descobrir quem foi! Porque se a serpente for condenada, então somos todos relativamente inocentes – mas não foi isso o que se disse à humanidade! O Acusado, entretanto, parece ter desistido desse negócio! E a Corte de justiça se dissolveu como fumaça! Não julguem. Não julguem, Juízes!

**DAMA.** (*para o ESTRANHO*) Venha comigo.

**ESTRANHO.** Mas eu quero ouvir esse homem.

**DAMA.** Por quê? Ele é como uma criança pequena, fazendo todas aquelas perguntas que não podem ser respondidas. Você sabe como as crianças pequenas perguntam sobre

tudo. ‘Pai, por que o sol nasce no leste?’ Você sabe a resposta?

**ESTRANHO.** Hm!

**DAMA.** Ou: “Mãe, quem fez Deus?” Você mesmo pensa em algo tão profundo? Bem, vem comigo.

**ESTRANHO.** *(combatendo sua admiração pelo TENTADOR)* Mas aquilo sobre Eva era novidade...

**DAMA.** Não de todo. Eu aprendi na minha história da Bíblia, quando tinha oito anos. E que herdar as dívidas de nossos pais faz parte das leis da terra. Vem, meu filho.

**TENTADOR.** *(erguendo-se, chacoalhando os braços e subindo o muro rochoso à direita com dificuldade)* Vem, vou lhe mostrar o mundo que você pensa que conhece, mas não imagina.

**DAMA.** *(subindo o muro rochoso à esquerda)* Vem comigo, meu filho, e vou lhe mostrar como o mundo é maravilhoso, tal como eu o conheci, depois das lágrimas de tristeza caídas dos meus olhos. Vem comigo! *(O ESTRANHO fica sem se resolver entre os dois.)*

**TENTADOR.** *(para a DAMA)* E como foi que viu o mundo através de suas lágrimas? Como moitas de capim refletidas em água agitada! Um caos de linhas curvas em que as árvores pareciam de cabeça para baixo. *(Para o ESTRANHO.)* Não, meu filho, com meus binóculos, polidos no fogo do ódio – com meu telescópio posso ver tudo como tudo é. Claro e distinto, precisamente como tudo é.

**DAMA.** O que você sabe das coisas, meu filho? Você nunca viu a coisa em si, só sua pintura; e a pintura é ilusão e não a coisa; melhor se informar sobre pinturas e ilusões.

**TENTADOR.** Ouçam essa mulher! Uma pequena filósofa de saias. Por Júpiter Cronos, essa discussão neste anfiteatro gigante das montanhas exige uma plateia mais adequada. Olá!

**DAMA.** Tenho aqui minha plateia: meu amigo, meu marido, meu filho! Se ele me ouvir, bem, tudo vai ficar bem comigo, e com ele. Vem comigo, meu amigo, pois este é o caminho. Este é o monte Gerizim, onde são dadas as bênçãos. E aquele é o Ebal, onde fazem as maldições.

**TENTADOR.** Sim, o Ebal, onde são feitas as maldições. “Maldita seja a terra, mulher, por sua causa, em dores deverá parir seus filhos; e seu desejo será para seu marido, e ele governará sobre você.” E para o homem, o seguinte: “Maldito seja o solo, por sua causa, e com o suor de sua testa fará seu trabalho!” Assim falou o Senhor, não eu!

**DAMA.** “E abençoado o primeiro casal; e Ele abençoou o sétimo dia, no qual completou Sua obra – e a obra era boa.” Mas tu, e nós, a tornamos parte do mal. E é por isso que... Mas quem obedece aos mandamentos do Senhor habita o Gerizim, onde são dadas bên-

ções. Assim disse o Senhor: “ Abençoado o que vive na cidade, e abençoado o que vive no campo. Abençoadas sejam tuas cestas e tuas despensas. Abençoados quando vêm e abençoados quando vão. E o Senhor dará chuva em tuas terras para aumentar tua colheita, e teus filhos crescerão. E o Senhor te fará rico em bens, para fornecer às pessoas, e nunca para emprestar. E o Senhor abençoará todo o trabalho de tuas mãos, se guardares os mandamentos do Senhor teu Deus!” (*Pausa.*) Então venha, meu amigo, e coloque sua mão na minha. (*Ela cai de joelhos com as mãos juntas.*) Eu lhe peço pelo amor que um dia nos uniu, pela memória do filho que um dia nos aproximou; pela força do amor de uma mãe – de uma mãe -, por eu ter amado você, criança pecadora, a quem procurei nos recantos escuros da floresta e que finalmente encontrei, faminta e definhada pela vontade de amor! Volta para mim, pródigo, e enterra sua cabeça cansada em meu coração, onde você descansou antes que visse a luz do sol. (*Uma mudança acontece durante esta fala; suas roupas caem e ela se transforma numa mulher vestida de branco, cabelos soltos e um peito totalmente maternal.*)

**ESTRANHO.** Mãe!

**DAMA.** Sim, meu filho, sua mãe! Em vida nunca pude acariciar você – a vontade de altos poderes negava isso para mim. Eu nunca ousei perguntar por quê.

**ESTRANHO.** Mas minha mãe está morta?

**DAMA.** Ela estava, mas os mortos não estão mortos, e o amor materno pode vencer a morte. Não sabia disso? Vem, meu filho, vou devolver os motivos de minha censura. Vou acalantar você no meu colo. Vou limpar você de... (*omite alguma coisa que sente não poder dizer*) do ódio e do pecado. Vou pentear seu cabelo, molhado do suor do medo; e arejar um lençol branco limpo para você na lareira de um lar – um lar que você nunca teve, você que não conheceu a paz, tão sem lar, filho de Hagar, a criada, nascido de uma escrava, contra a qual se ergueram as mãos de todos os homens. Os arados sulcaram suas costas e fizeram buracos profundos nela. Vem, vou curar suas feridas, e sofrer suas tristezas. Vem!

**ESTRANHO.** (*que estava chorando tão violentamente que seu corpo está tremendo, agora se dirige para o rochedo da esquerda, onde a mãe está de braços abertos*) Estou indo!

**TENTADOR.** Não posso fazer nada agora. Mas um dia vamos nos encontrar de novo! (*Ele desaparece atrás do rochedo.*)

**Cortina.**

## CENA II

### PAISAGEM ROCHOSA NA MONTANHA

[*Muito alto na montanha; entre as nuvens, uma paisagem rochosa com um pântano ao redor. A MÃE numa rocha, subindo até desaparecer na nuvem. O ESTRANHO para, confuso.*]

**ESTRANHO.** Oh, Mãe, Mãe! Por que está me abandonando? Justamente no momento em que meu sonho mais amado estava a ponto de se cumprir!

**TENTADOR.** (*vindo para a frente*) No que estava sonhando? Conte-me!

**ESTRANHO.** Com minha esperança mais amada, meu desejo mais secreto e minha última prece! Reconciliação com a humanidade, através de uma mulher.

**TENTADOR.** Através de uma mulher que ensinou você a odiar.

**ESTRANHO.** Sim, porque ela me prendeu à terra – como uma bola de ferro nos pés de um escravo para ele não escapar.

**TENTADOR.** Você fala em mulher. Sempre mulher.

**ESTRANHO.** Sim. Mulher. O começo e o fim – para nós, homens. Na relação com um outro, elas viram nada.

**TENTADOR.** É isso aí; nada em si mesmas; mas tudo para nós, através de nós! Nossa honra e nossa vergonha; nossa maior alegria, nossa dor mais profunda; nossa redenção e nossa queda; nossos prêmios e nossa punição; nossa força e nossa fraqueza.

**ESTRANHO.** Nossa vergonha! Você disse isso. Explique esse enigma para mim, você que é sábio. Toda vez que eu aparecia em público de braço dado com uma mulher, minha esposa, que era bela e quem eu adorava, eu sentia vergonha de minha própria fraqueza. Explique esse enigma para mim.

**TENTADOR.** Você sentia vergonha? Não sei por quê.

**ESTRANHO.** Não consegue responder? De você, de todos os homens?

**TENTADOR.** Não, não consigo. Mas eu também sofria toda vez que estava com minha esposa, porque sentia que ela estava sendo sujada pelos olhares dos homens, e eu por ela.

**ESTRANHO.** E quando ela realizou a façanha vergonhosa, você foi desonrado. Por quê?

**TENTADOR.** A Eva dos gregos se chamava Pandora, e Zeus a criou a partir da imoralidade, para torturar os homens e os dominar. Como presente de casamento ela recebeu uma caixa, que continha toda a infelicidade do mundo. Talvez o enigma dessa esfinge possa ser mais facilmente solucionado se ele for visto do ponto de vista do Olimpo, e não do agradável jardim do Paraíso. Seu sentido completo nunca será sabido por nós. Embora eu seja tão capaz quanto você. (*Pausa.*) E, por falar nisso, ainda posso gozar o maior prazer que a criação jamais ofereceu! Vá e faça a mesma coisa!

**ESTRANHO.** Você quer dizer a maior ilusão de Satã! Pois a mulher que parece a mais bela para mim pode ser horrível para outros! Mesmo para mim, quando está zangada, ela pode ser mais feia que qualquer outra mulher. Então, o que é a beleza?

**TENTADOR.** Uma aparência, um reflexo de sua própria bondade! (*Coloca a mão sobre a*

*boca.*) Maldita beleza! Eu a abandonei naquele tempo. E agora o diabo está solto...

**ESTRANHO.** Diabo? Sim. Mas se ela é um diabo, como pode um diabo me fazer desear virtude e bondade? Pois o que me aconteceu quando primeiro vi sua beleza foi ser apanhado por uma vontade de ser como ela, e assim ser digno dela. Para começar, tentei algumas experiências, tomando banhos, usando cosméticos e vestindo boas roupas, mas o que consegui foi só me tornar ridículo. Depois, comecei do interior, acostumei-me a pensar bons pensamentos, falando bem das pessoas e agindo nobremente! E um dia, quando minha forma externa se havia moldado na alma interna, eu me tornei sua semelhança, como ela disse. E foi ela que primeiro pronunciou aquelas palavras maravilhosas: eu te amo! Como pode um diabo nos enobrecer; como pode um espírito do inferno nos encher de bondade; como...? Não, ela era um anjo! Um anjo caído, naturalmente, e seu amor um raio quebrado daquela grande luz – aquela grande luz eterna – que aquece e ama... Que ama...

**TENTADOR.** O quê, velho amigo; devemos ficar aqui parados como dois jovens e soletrar os enigmas do amor?

**CONFESSOR.** (*chegando*) O que esse tagarela está dizendo? Ele tem dito baboseiras a vida inteira, e nunca fez nada.

**TENTADOR.** Eu queria ser padre, mas não tinha vocação.

**CONFESSOR.** Enquanto fica esperando por ela, ajude-me a encontrar um bêbado que se afogou no pântano. Deve estar perto daqui, porque estive seguindo seus rastros até agora.

**TENTADOR.** Então deve ser o homem deitado embaixo daqueles arbustos ali adiante.

**CONFESSOR.** (*levantando alguns galhos e descobrindo um cadáver completamente vestido, com o rosto jovem muito pálido*) Sim, é ele! (*Torna-se pensativo enquanto olha para o homem morto.*)

**TENTADOR.** Quem era?

**CONFESSOR.** É extraordinário!

**TENTADOR.** Deve ter sido um homem muito atraente. E bastante jovem.

**CONFESSOR.** Oh não. Tinha cinquenta e quatro anos. E quando o vi há uma semana, ele parecia já ter sessenta e quatro. Seus olhos eram tão amarelos como o visco de uma lesma de jardim ou o vômito de um bêbado; mas também porque havia chorado lágrimas de sangue por seus vícios e sua miséria. Seu rosto estava marrom e inchado como um pedaço de fígado na tábua de um açougueiro, e ele se escondeu dos olhos dos homens por vergonha – até o fim parecia estar envergonhado do espelho quebrado de sua alma, pois cobriu sua face com galhos. Eu o vi combatendo seus vícios, eu o vi pedindo a Deus de joelhos por sua libertação, depois de ter sido demitido de seu posto de professor... Mas... Bem, agora foi libertado. E olhem, agora o mal foi tirado dele, o bem e a beleza que

existiam nele se tornaram tão aparentes, que parece ter só dezenove anos! (*Pausa.*) Isto é pecado – imposto como punição. Por quê? Isso não sabemos. “Quem odeia o correto será culpado” Assim está escrito, como advertência. Eu o conheci quando ele era jovem! E agora me lembro... estava sempre muito zangado com os que nunca bebiam. Criticou e condenou, e sempre colocou seu culto ao vinho no altar das alegrias terrenas! Agora foi libertado. Está livre do pecado, da vergonha, da feiura. Sim, na morte parece bonito. A morte é a libertação! (*para o ESTRANHO.*) Está ouvindo isso, Libertador, você que não conseguiu nem libertar um bêbado de suas paixões malignas!

**TENTADOR.** Crime como punição? Não é tão ruim assim. Muito comovente!

**CONFESSOR.** Também acho. Você não teria melhor argumento.

**TENTADOR.** Agora vou deixar os cavalheiros por algum tempo. Mas logo nos veremos novamente. (*Sai.*)

**CONFESSOR.** Vi você ainda há pouco com uma mulher! Então ainda existem tentações?

**ESTRANHO.** Não do modo como está pensando.

**CONFESSOR.** De que tipo, então?

**ESTRANHO.** Eu poderia ainda imaginar uma reconciliação entre a humanidade e a mulher – através da própria mulher! E, de fato, através daquela mulher que foi minha esposa e que se tornou agora aquilo que um dia a levou a ser purificada e livrada da tristeza e das dificuldades. Mas...

**CONFESSOR.** Mas o quê?

**ESTRANHO.** A experiência ensina; quanto mais próximo, mais distante: quanto mais distante um do outro, tanto mais perto se está.

**CONFESSOR.** Eu sempre soube disso – e também o sabia Dante, que em toda a sua vida possuiu a alma de Beatriz; e também Beethoven, que se uniu à distância com Tereza de Brunswick, conheceu-a, embora ela fosse esposa de um outro!

**ESTRANHO.** E então! Felicidade é apenas estar na companhia dela.

**CONFESSOR.** Então fique com ela.

**ESTRANHO.** Está se esquecendo de uma coisa: estamos divorciados.

**CONFESSOR.** Bom! Então vocês podem contrair novo casamento. Que pode lhes prometer tudo de melhor, porque vocês são novas pessoas.

**ESTRANHO.** Você acha que alguém nos casaria?

**CONFESSOR.** Eu, por exemplo? Está pedindo demais.

**ESTRANHO.** Sim, me esqueci! Mas ousou dizer que se poderia encontrar. É uma outra

coisa construir um lar juntos....

**CONFESSOR.** Às vezes você é feliz, mesmo quando não a vê. Há uma casinha rio abaixo, bastante nova e o proprietário nunca a viu. Era um inglês que queria casar, mas no último momento rompeu o noivado. A casa foi construída por seu secretário e nem mesmo o casal de noivos jamais a viu. Está quase intacta, você pode ver!

**ESTRANHO.** Está para alugar?

**CONFESSOR.** Sim.

**ESTRANHO.** Então vou arriscar. E tentar recomeçar minha vida novamente.

**CONFESSOR.** Então vai descer?

**ESTRANHO.** Para baixo das nuvens. Lá o sol está brilhando e aqui o ar é um pouco pesado.

**CONFESSOR.** Muito bom! Então vamos nos separar – por algum tempo.

**STRANGER.** Para onde vai?

**CONFESSOR.** Subir.

**ESTRANHO.** E eu descer; para a terra, a mãe de peito macio e colo quentinho...

**CONFESSOR.** Até que você sinta saudade outra vez do que é duro como pedra, tão frio e tão branco... Adeus! Saudações ao povo lá de baixo! (*Cada um deles sai na direção escolhida*)

**Cortina.**

## CENA III

### UMA CASINHA NA MONTANHA

*[Uma sala de jantar agradável, apainelada, com um fogão revestido de azulejos. Sobre a mesa, que está no centro do aposento, há vasos com flores; também dois candelabros com muitas velas acesas. Um grande aparador entalhado à esquerda. À direita, duas janelas. No fundo, duas portas; a da esquerda está aberta e dá para uma sala de visitas, pertencente à DAMA da casa, mobiliada em verde claro e mogno, com um abajur padrão com cúpula verde-limão, que está apagado. A porta da direita está fechada. À esquerda, atrás do aparador, a entrada do hall.]*

*[O ESTRANHO entra pela esquerda, vestido como noivo, com a DAMA, vestida de noiva; ambos radiantes de juventude e beleza.]*

**ESTRANHO.** Bem-vinda à minha casa, minha amada; ao seu lar e ao meu, minha esposa; à nossa casa, minha mulher!

**DAMA.** Estou muito grata, meu querido amigo! É como um conto de fadas!

**ESTRANHO.** Sim, é. Todo um livro de contos de fadas, minha querida, escrito por mim. (*Sentam-se, um em cada lado da mesa.*)

**DAMA.** Isto é real? Parece muito amável para mim.

**ESTRANHO.** Nunca vi você tão jovem, tão bonita.

**DAMA.** São seus olhos...

**ESTRANHO.** Sim, meus olhos aprenderam a ver. E sua bondade os ensinou...

**DAMA.** Que, por sua vez, foi ensinada pela tristeza.

**ESTRANHO.** Ingeborg!

**DAMA.** É a primeira vez que sou chamada por esse nome.

**ESTRANHO.** A primeira? Eu nunca encontrei Ingeborg; nunca conheci você, como você é, sentada aqui em sua casa! Lar! Uma palavra encantadora. Uma coisa encantadora que eu ainda não possuí. Um lar e uma esposa! Você foi minha primeira, você foi a única; porque aquilo que aconteceu não existe mais – nunca mais a não ser como a hora que passou!

**DAMA.** Orfeu! Sua canção fez viverem estas pedras mortas. Faz a vida cantar em mim!

**ESTRANHO.** Eurídice, que eu resgatei do mundo subterrâneo. Vou trazer você à vida de novo; revivificá-la com minha imaginação. Agora a felicidade vai chegar para nós, pois conhecemos os perigos a evitar.

**DAMA.** Os perigos, sim! É agradável esta casa. Parece que os cômodos estão cheios de hóspedes invisíveis, que vieram nos dar boas-vindas. Espíritos gentis, que nos abençoarão e ao nosso lar.

**ESTRANHO.** As velas estão quietas, como se orassem. As flores estão pensativas... e no entanto!

**DAMA.** Shsh! É noite de verão do lado de fora, quente e escura. E as estrelas estão suspensas no céu; grandes e chorosas nos abetos, como velas de Natal. Isso é felicidade. Agarre-a rápido!

**ESTRANHO.** (*ainda pensando*) E no entanto!

**DAMA.** Shsh!

**ESTRANHO.** (*levantando-se*) Um poema está chegando: posso ouvi-lo. É para você.

**DAMA.** Não o diga. Eu posso vê-lo – em seus olhos.

**ESTRANHO.** Pois eu o li nos seus! Bom, não posso repeti-lo, porque não tem palavras. Apenas perfume e cor. Se eu pudesse, eu o destruiria. O que ainda não nasceu é sempre

mais bonito. O que não é vencido é mais amado!

**DAMA.** Quietos. Ou nossos hóspedes vão nos deixar. *(Eles não falam.)*

**ESTRANHO.** Isto é felicidade – mas não consigo agarrá-la.

**DAMA.** Veja-a e respire-a, porque ela não pode ser agarrada. *(Eles não falam)*

**ESTRANHO.** Você está olhando para seu quatinho.

**DAMA.** É de um verde tão brilhante quanto uma campina no verão. Tem alguém lá. Muitas pessoas!

**ESTRANHO.** São apenas meus pensamentos.

**DAMA.** Seus bons, seus belos pensamentos...

**ESTRANHO.** Que me foram dados por você.

**DAMA.** Eu tinha alguma coisa para lhe dar?

**ESTRANHO.** Você? Tudo! Mas até agora minhas mãos não estavam livres para pegar. Não estavam limpas o suficiente para tocar seu coração...

**DAMA.** Meu amado! A hora da reconciliação está chegando.

**ESTRANHO.** Com a humanidade, e com a mulher – através de uma mulher? Sim, essa hora chegou; e bendita seja você entre as mulheres. *(As velas e os abajures se apagam; a sala fica às escuras, mas um fraco raio de luz pode ser visto, vindo de uma lâmpada comum do quarto da DAMA.)*

**DAMA.** Por que tudo ficou escuro? Oh!

**ESTRANHO.** Onde você está, minha amada? Me dê sua mão. Estou com medo!

**DAMA.** Aqui, meu querido.

**ESTRANHO.** Sua mão pequena, estendida para mim na escuridão, me guiou sobre pedras e espinhos. Essa mão pequena, macia, tão cara a mim. Leve-me para a luz, para seu quarto brilhante e quente, verde-claro como a esperança.

**DAMA.** *(levando-o na direção do quarto verde-pálido)* Você está com medo?

**ESTRANHO.** Você é uma pombinha branca, em quem a águia assustada encontra santuário, quando as nuvens de trovão e chuva ficam negras, porque a pomba não tem medo. Ela não provocou os trovões do céu! *(Eles alcançaram a porta que leva ao outro quarto, quando a cortina cai.)*

\*\*\*\*\*

[O mesmo cômodo, mas a mesa foi esvaziada. A DAMA está ali sentada, fazendo nada. Parece aborrecida. À direita, na frente do palco, uma janela aberta. Tudo calmo. O

**ESTRANHO** entra, com uma folha de papel na mão.]

**ESTRANHO.** Agora ouça isto.

**DAMA.** (*aquiescendo, a mente longe*) Já terminou?

**ESTRANHO.** Já? Está falando sério? Levei sete dias para escrever esse poeminha (*Silêncio.*) Talvez ele te aborreça se o ouvir?

**DAMA.** (*secamente*) Não. Certamente que não. (*O ESTRANHO se senta à mesa e olha para a DAMA.*) Por que está olhando para mim?

**ESTRANHO.** Gostaria de ver seus pensamentos.

**DAMA.** Mas você os ouviu.

**ESTRANHO.** Ouvir não é nada; eu quero ver! (*Pausa.*) O que alguém diz é muito menos digno de atenção. (*Pausa.*) Posso ouvi-los? Não, vejo que não posso. Você não quer nada de mim. (*A DAMA faz um gesto de como se fosse falar.*) Sua cara me diz o suficiente. Agora que você me sugou tudo, comeu meu fígado, matou meu ego, minha personalidade. A isso eu respondo: como, minha amada? Eu matei seu ego quando quis dar a você tudo de mim, quando deixei você escumar o creme de minha tigela, que eu enchi com a experiência de uma vida inteira, com incursões nos desertos e cavernas do conhecimento e da arte?

**DAMA.** Não nego nada disso, mas meu ego não era exatamente meu.

**ESTRANHO.** Não era seu? Era o quê, então? Alguma coisa que pertence a outros?

**DAMA.** É sua uma coisa que pertence aos outros também?

**ESTRANHO.** Não. O que experimentei é meu, meu e de ninguém mais. O que li às vezes é meu, porque eu o quebrei em dois como vidro, misturei e dessa substância nasceu um novo vidro em formas novas.

**DAMA.** Mas eu posso nunca ser sua.

**ESTRANHO.** Eu me tornei seu.

**DAMA.** O que você recebeu de mim?

**ESTRANHO.** Como você pode me perguntar isso?

**DAMA.** Sempre o mesmo: não tenho certeza de que pense isso, embora sinta que é isso o que você sente – você me quer bem longe.

**ESTRANHO.** Preciso guardar uma certa distância de você, se devo ver você. Agora você está no foco, e sua imagem não está muito clara.

**DAMA.** Quanto mais perto, mais longe!

**ESTRANHO.** Sim. Quando nos separamos, um sentiu a falta do outro, e quando nos encontramos de novo, logo quisemos nos separar.

**DAMA.** Você realmente pensa que nos amamos?

**ESTRANHO.** Sim. Não como a gente comum, mas pessoas incomuns. Nós parecemos duas gotas de água, que têm medo de se aproximar para não correrem o risco de se tornarem uma só gota.

**DAMA.** Desta vez sabemos quais os perigos e queremos evitá-los. Mas parece que eles não podem ser evitados.

**ESTRANHO.** Talvez não fossem perigos, mas necessidades rudes; leis inscritas nos concílios dos imortais. (*Silêncio.*) Seu amor sempre pareceu ter o efeito de ódio. Quando você me fez feliz, invejou a felicidade que me deu. E quando viu que eu estava infeliz, você me amou.

**DAMA.** Você quer que eu o deixe?

**ESTRANHO.** Se você se for, eu vou morrer.

**DAMA.** E se eu ficar, sou eu que vou morrer.

**ESTRANHO.** Então vamos morrer juntos e viver nosso amor numa vida superior, que não parece ser deste mundo. Vamos vivê-lo em outro planeta, onde não exista proximidade nem distância, onde dois são um, onde número, tempo e espaço não são mais o que são aqui.

**DAMA.** Eu gostaria de morrer, embora não queira. Acho que já devo estar morta.

**ESTRANHO.** O ar aqui está muito forte.

**DAMA.** Você não pode me amar se falar desse modo.

**ESTRANHO.** Para ser franco, há momentos em que você não existe para mim. Mas em outros sinto seu ódio como fumaça sufocante.

**DAMA.** E eu sinto meu coração saindo do meu peito quando você está zangado comigo.

**ESTRANHO.** Então devemos nos odiar um ao outro.

**DAMA.** E amar um ao outro também.

**ESTRANHO.** E odiar porque amamos. Nós odiamos um ao outro porque fomos unidos um ao outro. Nós odiamos a ligação, nós odiamos nosso amor, nós odiamos o que é mais amável, o que é mais amargo, o melhor que a vida pode oferecer. Chegamos ao fim!

**DAMA.** Sim.

**ESTRANHO.** Que piada é a vida, se você a viver seriamente. E como ela é séria, se a viver como uma piada! Você quis me levar pela mão na direção da luz; sua tarefa mais

fácil foi fazer a minha mais fácil também. Eu queria elevar você acima do pântano e da areia movediça, mas você ansiava pelas regiões mais baixas, e queria me convencer de que elas eram as mais superiores. Eu me perguntei se seria possível que você tomasse o que era abjeto de mim, quando fui libertado disso; e o que era bom em você entrasse em mim... Se a fiz abjeta peço seu perdão, e beijo sua mão pequenina que me acariciou e me arranhou... essa mãozinha que me levou para a escuridão... e para essa longa jornada para Damasco....

**DAMA.** Para uma separação? (*Silêncio.*) Sim, uma separação (*A DAMA segue seu caminho. O ESTRANHO cai sobre uma cadeira perto da mesa. O TENTADOR coloca a cabeça na janela, e descansa sobre os cotovelos enquanto fuma um cigarro.*)

**TENTADOR.** Ah, sim! *C'est l'amour!* O mais misterioso de todos os mistérios, o mais inexplicável de tudo que pode ser explicado, o mais precário de tudo que pode ser inseguro.

**ESTRANHO.** Então você está aí, é?

**TENTADOR.** Estou sempre em toda parte, onde haja cheiro de disputas. E em casos de amor sempre há contendas.

**ESTRANHO.** Sempre?

**TENTADOR.** Sempre! Fui convidado para bodas de prata ontem... Vinte e cinco anos não são uma insignificância – e durante vinte e cinco anos eles querelaram. Todo o caso de amor foi uma longa gritaria, com muitas gritarias no meio! E no entanto se amavam um ao outro, e foram gratos por todo o bem que lhes acontecera; o mal foi esquecido, varrido para fora – pela felicidade de um momento o que são dez dias de vendaval e alfinetadas? Oh sim! Aqueles que não aceitarem o mal nunca conseguirão o bem. A casca é muito amarga, mas a amêndoa é bem doce.

**ESTRANHO.** Mas muito pequena.

**TENTADOR.** Pode ser pequena, mas é boa! (*Pausa.*) Diga-me, por que sua madonna tomou seu caminho e se foi? Sem resposta, porque ele não sabe! Agora temos de deixar o hotel novamente. Pegue esse esqui. Vamos descer já. “Um vem, outro vai!” *C'est la vie, quoi?* Quartos para viajantes!

**ESTRANHO.** Você já foi casado?

**TENTADOR.** Oh sim. Claro.

**ESTRANHO.** Então por que se separou?

**TENTADOR.** Principalmente – talvez por uma peculiaridade minha – principalmente porque, sabe – bem, um homem se casa para ter um lar, para entrar num lar quando chega; e a mulher para se livrar de um. Ela queria sair, e eu queria entrar! Isso para mim era tão sério que não consegui mais tê-la em minha companhia, porque senti como se ela

tivesse sido sujada pelos olhares dos homens. E em minha companhia, minha esplêndida esposa se transformou num macaquinho careteiro cuja visão eu não conseguia suportar. Então, fiquei em casa e, depois, ela foi embora. E quando a encontrei de novo, ela havia se transformado em outra pessoa. Ela, meu puro papel de anotações branquinho, estava toda rabiscada; suas características claras e adoráveis mudadas em imitação dos olhares libidinosos de homens estranhos. Podia ver miniaturas de fotografias de toureiros e oficiais da guarda em seus olhos, e ouvir os sotaques de homens estranhos em sua voz. No nosso piano de cauda, no qual apenas as harmonias dos grandes mestres costumavam ser tocadas, ela agora tocava canções de cabaré de homens estranhos, e na nossa mesa agora só pousavam as leituras favoritas de homens estranhos. Numa palavra, toda minha existência estava a caminho de se tornar um concubinato intelectual com homens estranhos – e que eram contrários à minha natureza, que sempre havia desejado mulheres! E – eu preciso desesperadamente dizer isso – os gostos desses homens estranhos eram sempre o contrário dos meus. Ela desenvolvera um gênio real em descobrir coisas que eu detestava! Era o que ela chamava de “salvar sua personalidade”. Pode entender isso?

**ESTRANHO.** Eu posso, mas não quero tentar explicar.

388

Tradução

**TENTADOR.** Entretanto essa mulher continuava afirmando que me amava, e que eu não a amava. Mas eu a amava tanto que não queria contar para qualquer outro ser humano porque temia ser mentiroso para ela se encontrasse prazer na companhia de outras pessoas, mesmo que fossem homens. Eu me havia casado para uma sociedade feminina; e para apreciá-la abandonei meus amigos. Eu me havia casado para encontrar companhia, mas o que eu conseguira era a solidão completa! E eu estava sustentando casa e lar para manter homens estranhos com companhia feminina. *C'est l'amour*, meu amigo!

**ESTRANHO.** Você nunca deveria falar de sua esposa.

**TENTADOR.** Não! Pois se você falar bem dela, as pessoas vão rir; e se você falar mal, toda a simpatia delas irá para ela; e se, no primeiro caso, você perguntar por que elas riem, não receberá resposta.

**ESTRANHO.** Não. Você nunca vai descobrir com quem você se casou. Nunca segure uma mulher – vai parecer que ela é ninguém. Me diga – o que é mulher?

**TENTADOR.** Eu não sei! Talvez uma larva ou uma crisálida, de cuja vida ou transe o homem um dia será criado. Ela parece uma criança, mas não é uma criança; é uma espécie de criança, mas ainda não é uma. Puxa para baixo, quando o homem empurra para cima. Puxa para cima, quando o homem empurra para baixo.

**ESTRANHO.** Ela sempre quer discordar de seu marido; sempre tem muita simpatia pelo que ele desgosta; é a mais grosseira diante dos maiores refinamentos superficiais; a mais abjeta diante dos melhores. E entretanto, toda vez que me apaixonei, sempre me tornei mais sensível aos refinamentos da civilização.

**TENTADOR.** Você, me atrevo a dizer, o que pensa dela?

**ESTRANHO.** Oh, enquanto nosso amor crescia, ela estava sempre retrocedendo e se tornando mais crua e mais abjeta.

**TENTADOR.** Pode explicar isso?

**ESTRANHO.** Tentando encontrar a solução para o enigma discordando de mim mesmo, imaginei que ela havia absorvido meu mal e eu o seu bem.

**TENTADOR.** Você acha que a mulher é particularmente falsa?

**ESTRANHO.** Sim e não. Ela parece esconder sua fraqueza, mas isso só significa que é ambiciosa e tem senso de vergonha. Só as putas são honestas, e, portanto, cínicas.

**TENTADOR.** Diga-me algo mais sobre ela que seja bom.

**ESTRANHO.** Uma vez tive uma amiga mulher. Ela logo notou que quando eu bebia ficava mais feio que o usual; então ela me pediu para parar. Eu me lembro que uma noite ficamos conversando num café durante muitas horas. Perto das dez horas, ela me pediu para ir para casa e não beber mais. Nós nos separamos, depois de nos dizer boa noite. Alguns dias depois, ouvi que ela me deixara apenas para ir a uma grande festa, onde bebeu até de manhã. Bom, eu disse, como naquela época eu dava a todos a impressão de que não era bom em mulheres, ela foi significativa para mim, mas teve que se sujar por questões de trabalho.

**TENTADOR.** Bem pensado; e, como opinião, pode ser defendida. Ela quis fazer você melhor do que ela própria, mais elevada e mais pura, de modo que pudesse cuidar de você! Mas você pode encontrar outra explicação igualmente boa para isso. Uma mulher está sempre zangada e mal-humorada com o marido; e o marido é sempre gentil e grato para com sua esposa. Ele faz tudo que pode para tornar as coisas fáceis para ela, e ela faz tudo que pode para o torturar.

**ESTRANHO.** Não é verdade. É claro que às vezes pode parecer que é assim. Tive uma vez uma amiga que listou para mim todos os defeitos que possuía. Por exemplo, ela era muito amorosa de si mesma, e portanto me chamava de o mais egoísta dos homens. Ela bebeu, e me chamou de bêbado; ela raramente trocava sua roupa íntima e eu disse que eu estava sujo; ela era ciumenta, mesmo dos meus amigos homens e me chamava de Otelo. Era imperiosa e me chamava de Nero. Sovina, e me chamava de Harpagão.

**TENTADOR.** Por que você não lhe respondeu?

**ESTRANHO.** Você sabe muito bem! Se eu deixasse claro aquilo que realmente era, eu perderia seus favores naquele momento – e era precisamente seu favor que eu queria manter.

**TENTADOR.** *A tout prix!* Sim, aí está a fonte da degradação! Você cresceu acostumado a segurar a língua, e no fim se viu apanhado numa malha de falsidades.

**ESTRANHO.** Espere! Você não concorda que pessoas casadas misturam tanto suas personalidades que não conseguem mais distinguir entre o *meum* e o *tuum*, não mais ficam separados um do outro, ou não diferenciam mais suas fraquezas das do outro? Meu amigo ciumento, que me chamou de Otelo, tomou-me por ela, identificou-me com ela.

**TENTADOR.** Isso soa perfeitamente possível.

**ESTRANHO.** Você veja! Você pode frequentemente explicar muito se não perguntar quem deve ser censurado. Pois quando pessoas casadas começam a se diferenciar, é como um reino dividido contra si mesmo, e esse é o pior tipo de desarmonia.

**TENTADOR.** Há momentos em que penso que uma mulher não pode amar um homem.

**ESTRANHO.** Talvez não. Amar é um verbo ativo e mulher é um substantivo passivo. Ele ama e ela é amada; ele faz perguntas e ela simplesmente responde.

**TENTADOR.** Então, o que é o amor de uma mulher?

**ESTRANHO.** O do homem.

**TENTADOR.** Muito bem dito. E portanto quando o homem deixa de amá-la, ela se separa dele!

**ESTRANHO.** E depois?

**TENTADOR.** Sh! Vem vindo alguém. Talvez para ocupar a casa!

**ESTRANHO.** Mulher ou homem?

**TENTADOR.** Uma mulher! E um homem. Mas ele ficou esperando do lado de fora. Agora ele se virou e está indo na direção da floresta. Interessante!

**ESTRANHO.** O que é aquilo?

**TENTADOR.** Veja você mesmo.

**ESTRANHO.** (*olhando pela janela*) É ela! Minha primeira esposa! Meu primeiro amor!

**TENTADOR.** Parece que ela abandonou seu segundo marido recentemente... e chegou aqui com o número três; que, a julgar por certos movimentos de suas costas e panturrilhas, está fugindo de alguma tempestade. Oh, bem! Mas ela não notou as intenções malevolentes dele. Muito interessante! Vou sair e ouvir (*Ele desaparece. A MULHER bate à porta.*)

**ESTRANHO.** Entre! (*A MULHER entra. Silêncio.*)

**MULHER.** (*excitadamente*) Só vim aqui porque a casa estava para alugar.

**ESTRANHO.** Oh!

**MULHER.** (*lentamente*) Se eu tivesse sabido quem queria alugá-la, não teria vindo aqui.

**ESTRANHO.** O que isso importa?

**MULHER.** Posso me sentar por um momento? Estou cansada.

**ESTRANHO.** Por favor, sente-se. (*Sentam-se à mesa, um em oposição ao outro, nos lugares ocupados pelo ESTRANHO e pela DAMA na primeira cena.*) Faz tempo que não vemos um ao outro assim desta maneira.

**MULHER.** Com flores e luzes sobre a mesa. Uma noite...

**ESTRANHO.** Quando eu estava vestido de noivo e você de noiva...

**MULHER.** E as chamas das velas estavam quietas em prece e as flores pensativas...

**ESTRANHO.** Seu marido está lá fora?

**MULHER.** Não.

**ESTRANHO.** Você ainda está procurando... o que não existe?

**MULHER.** Não existe?

**ESTRANHO.** Não. Eu sempre lhe disse, mas você não quis acreditar; queria descobrir por si mesma. Já descobriu?

**MULHER.** Ainda não.

**ESTRANHO.** Por que você deixou seu marido? (*A MULHER não responde.*) Ele expulsou você?

**MULHER.** Sim.

**ESTRANHO.** Como ele foi se esquecer tanto de si mesmo?

**MULHER.** Ele estava zangado.

**ESTRANHO.** Por causa de?

**MULHER.** Nada.

**ESTRANHO.** Por que ele estava zangado por causa de nada?

**MULHER.** (*levantando-se*) Não, obrigada! Não quero me sentar aqui e ser cortada em pedaços. Onde está sua esposa?

**ESTRANHO.** Ela acabou de me deixar.

**MULHER.** Por quê?

**ESTRANHO.** Por que você me deixou?

**MULHER.** Eu senti que você queria me deixar, então, para não ser abandonada, eu própria fui embora.

**ESTRANHO.** Tenho que reconhecer que é verdade. Mas como você conseguiu ler meus pensamentos?

**MULHER.** (*sentando-se novamente*) O quê? Não precisamos falar para saber dos pensamentos de outra pessoa.

**ESTRANHO.** Cometemos um erro quando vivemos juntos, porque nos acusamos um ao outro de pensamentos abjetos antes que eles se transformassem em ações; e vivemos em reservas mentais em vez de realidades. Por exemplo, uma vez eu notei como você apreciou o olhar profanador de um homem estranho; e eu a acusei de infidelidade.

**MULHER.** Você estava errado, mas também certo. Porque meus pensamentos eram pecaminosos.

**ESTRANHO.** Não acha que meu hábito de “antecipar você” evitou que suas más intenções fossem postas em prática?

**MULHER.** Deixe-me pensar! Sim, talvez. Mas eu fiquei constrangida de ter sempre um espião ao meu lado, observando meu espírito mais interno, que era meu eu próprio.

**ESTRANHO.** Mas não era o seu eu: era o nosso!

**MULHER.** Sim, mas eu o considerava meu, e acreditava que você não tinha o direito de forçar sua entrada. Quando você o fez, eu o odiei, disse que você era anormalmente suspeito de autodefesa. Agora posso admitir que suas suspeitas não estavam erradas; que elas eram, de fato, a mais pura sabedoria.

**ESTRANHO.** Oh! Você sabe que, à noite, quando dizíamos boa noite como amigos e íamos dormir, eu costumava caminhar e sentir seu ódio me envenenando, e pensava em sair da cama para não ser sufocado. Numa noite eu acordei e senti um aperto no alto de minha cabeça. Vi que você estava acordada e havia colocado sua mão perto de minha boca. Pensei que estivesse me fazendo inalar veneno de um frasco; e, para me certificar, peguei na sua mão.

**MULHER.** Eu me lembro.

**ESTRANHO.** O que você fez naquele momento?

**MULHER.** Nada. Apenas odiei você.

**ESTRANHO.** Por quê?

**MULHER.** Porque você era meu marido. Porque eu comia do seu pão.

**ESTRANHO.** Você acha que sempre foi assim?

**MULHER.** Não sei. Suspeito que sim.

**ESTRANHO.** Mas algumas vezes você me desprezou?

**MULHER.** Sim, quando você se tornava ridículo. Um homem apaixonado é sempre ridículo. Sabe o que é um barrete de bufão? É aquilo que um enamorado é.

**ESTRANHO.** Mas se qualquer homem que ama você é ridículo, como consegue corresponder ao seu amor?

**MULHER.** Nós não correspondemos! Nós nos submetemos a ele, e procuramos outro homem que não nos ame.

**ESTRANHO.** Mas se ele, por sua vez, começa a amar você, você procura um terceiro?

**MULHER.** Talvez seja assim.

**ESTRANHO.** Muito estranho. (*Silêncio.*) Eu me lembro que você estava sempre sonhando com alguém que chamava de seu “Toreador”, que eu traduzia como “matador a cavalo”. Algumas vezes você o conseguiu, mas ele não te deu filhos, nem pão, apenas surras! Um *toreador* está sempre combatendo. (*Silêncio.*) Certa vez eu me deixei tentar por competir com o *toreador*. Comecei a andar de bicicleta e a praticar esgrima e outras coisas do tipo. Mas você só começou a me detestar por isso. O que significa que o marido não pode fazer o que o amante pode. Mais tarde você desenvolveu uma paixão por rapazes de recados. Um deles costumava se sentar no tapete belga e ler para você seus versos ruins... Os meus versos bons não serviam para você. Você conseguiu seu rapaz de recados?

**MULHER.** Sim. Mas os versos dele não eram realmente ruins.

**ESTRANHO.** Oh sim, eles eram, minha querida. Eu o conheço! Ele roubou meus ritmos e os colocou naqueles poeminhas de algibeira.

**MULHER.** (*levantando-se e indo para a porta*) Você devia ter vergonha de si mesmo. (*O TENTADOR entra, com uma carta na mão.*)

**TENTADOR.** Tenho aqui uma carta. É para você. (*A MULHER pega-a e a lê e cai numa cadeira.*) Um bilhete de adeus! Oh, bem! Todos os começos são difíceis – em casos de amor. E aqueles a quem falta paciência para vencer as dificuldades iniciais – perdem o fruto dourado. Rapazes de recado são sempre impacientes. Juventude desconhecida, já não teve o suficiente?

**ESTRANHO.** (*levantando-se e pegando seu chapéu*) Minha pobre Anna!

**MULHER.** Não me deixe.

**ESTRANHO.** Eu devo deixá-la.

**MULHER.** Não vá. Você foi o melhor de todos eles.

**TENTADOR.** Você quer começar novamente desde o começo? Esse seria um caminho seguro para colocar um fim nisso. Pois se amantes só encontram um outro amante, eles perdem um outro! O que é amor? Digam alguma coisa espirituosa, cada um de vocês, antes de nos separarmos.

**MULHER.** Eu não sei o que é. A mais elevada e a mais adorável das coisas, que tem que

penetrar a mais feia e a mais inferior delas.

**ESTRANHO.** Uma caricatura do divino amor.

**TENTADOR.** Uma planta anual, que floresce durante o namoro, dá sementes no casamento e depois mergulha na terra para definhar e morrer.

**MULHER.** As flores mais adoráveis não possuem semente. A rosa é a flor do amor.

**ESTRANHO.** E o lírio a da inocência. Pode dar sementes, mas só abre sua copa branca para beijos.

**TENTADOR.** E propaga sua espécie com brotos, dos quais surgem frescos lírios, como a casta Minerva que desabrochou completamente armada da cabeça de Zeus, e não de seus reais lombos. Oh sim, crianças, eu compreendi muito, mas nunca isto: o que o amado da minha alma tem a ver com... (*Hesita.*)

**ESTRANHO.** Bem, vamos!

**TENTADOR.** O que o todo-poderoso amor, que é o casamento das almas, tem a ver com a propagação das espécies!

**ESTRANHO e MULHER.** Agora ele chegou ao ponto!

**TENTADOR.** Nunca fui capaz entender como um beijo, uma palavra não nascida, uma linguagem silenciosa da alma, pode ser trocado, por meio de um procedimento santificado, por uma operação cirúrgica, que sempre termina em lágrimas e estalejar de dentes. Nunca compreendi como aquela noite sagrada, a primeira em que duas almas se abraçam em amor, pode terminar num derramamento de sangue, em discussão, ódio, desprezo mútuo – fiapos de tecido! (*Conserva a boca fechada.*)

**ESTRANHO.** Suponha que a história da queda fosse real? “Em dor parirás teus filhos.”

**TENTADOR.** Nesse caso qualquer um entenderia.

**MULHER.** Quem é o homem que diz essas coisas?

**TENTADOR.** Apenas um andarilho na areia movediça desta vida. (*A MULHER se levanta.*) Então está pronto para ir. Quem vai primeiro?

**ESTRANHO.** Eu vou.

**TENTADOR.** Onde?

**ESTRANHO.** Lá para cima. E você?

**TENTADOR.** Vou ficar aqui, entre...

**Cortina.**

## ATO IV

### CENA I

#### CAPÍTULO DO MOSTEIRO

*[Um capítulo gótico. No fundo arcadas levam aos claustros e ao jardim do mosteiro. No centro do jardim há uma fonte com a estátua da Virgem Maria, cercada por pés de rosas brancas. As paredes do capítulo estão cheias das vozes do coro que canta no velho estábulo revestido de carvalho. A cela do PRIOR está no centro à direita e um pouco mais acima das outras celas. No meio do capítulo um crucifixo enorme. O sol está brilhando sobre a estátua da Virgem no jardim. O ESTRANHO entra, vindo do fundo. Está vestindo um grosseiro capuz de monge, com uma corda ao redor da cintura e sandálias nos pés. Ele para no umbral da porta e olha para o capítulo, depois caminha na direção do crucifixo e para diante dele. A última estrofe do serviço do coral pode ser ouvida pelo jardim. O CONFESSOR entra, vindo do fundo; está vestido em branco e preto, cabelos longos, barba por fazer, pequena tonsura que mal pode ser vista.]*

**CONFESSOR.** A paz esteja contigo!

**ESTRANHO.** E contigo também.

**CONFESSOR.** Como você gosta desse casarão branco?

**ESTRANHO.** Só vejo escuridão.

**CONFESSOR.** Você ainda está preto, mas vai ficar branco, muito branco! Dormiu bem a noite passada?

**ESTRANHO.** Sem sonhos, como uma criança cansada. Mas me diga: por que tantas portas fechadas?

**CONFESSOR.** Gradualmente você vai aprender a abri-las.

**ESTRANHO.** É uma construção grande?

**CONFESSOR.** Interminável! Data do tempo de Carlos Magno e tem sido aumentado continuamente graças a doações piedosas. Não foi tocado pelas revoluções espirituais de diferentes épocas, permanece nas suas alturas rochosas como um monumento da cultura universal. Quer dizer: a fé cristã se casou com o conhecimento de Grécia e de Roma.

**ESTRANHO.** Então não é meramente um edifício religioso?

**CONFESSOR.** Não. Ele abrange todas as artes e ciências. Há uma biblioteca, um museu, um observatório e um laboratório – como vai ver depois. Agricultura e horticultura também são estudadas aqui, e um hospital para leigos, com suas próprias fontes de sulfura, está ligado ao mosteiro.

**ESTRANHO.** Uma palavra ainda, antes que o capítulo se reúna. Que tipo de homem é o Prior?

**CONFESSOR.** (*sorrindo*) Ele é o Prior! À distância, sem par, morando no cimo do conhecimento humano, e... bem, vai vê-lo logo.

**ESTRANHO.** É verdade que é muito velho?

**CONFESSOR.** Ele chegou a uma idade incomum. Nasceu no começo do século que agora está terminando.

**ESTRANHO.** Sempre estive no mosteiro?

**CONFESSOR.** Não. Nem sempre foi monge, embora sempre tenha sido sacerdote. Foi ministro uma vez, mas isso foi há setenta anos. Por duas vezes foi reitor de universidade. Arcebispo... Sh! A missa terminou.

**ESTRANHO.** Imagino que ele não seja o tipo de sacerdote sem preconceitos que fingem ter vícios quando não os tem.

**CONFESSOR.** De modo algum. Mas ele viu a vida e a humanidade, e é mais humano que sacerdotal.

**ESTRANHO.** E os padres?

**CONFESSOR.** Homens sábios, com histórias estranhas, e nenhuma delas igual

**ESTRANHO.** Quem pode nunca ter conhecido a vida como deve ser vivida...

**CONFESSOR.** Todos viveram suas vidas, mais de uma vez; sofreram naufrágios, começaram outra vez, reduzidos a pedaços e se ergueram novamente. Você tem que esperar.

**ESTRANHO.** É certeza que o Prior vai me fazer perguntas. Não creio que possa concordar com tudo.

**CONFESSOR.** Ao contrário, você deve se mostrar como você é; e defender suas opiniões até a última peça do tabuleiro.

**ESTRANHO.** A contradição será permitida aqui?

**CONFESSOR.** Aqui? Você é uma criança, que viveu num mundo infantil, onde brincava com pensamentos e palavras. Cresceu na crença errônea de que a linguagem, uma coisa material, pode ser um veículo para algo tão sutil como pensamentos e sentimentos. Percebemos esse erro e, portanto, falamos o menos possível; pois estamos conscientes dos pensamentos mais interiores de nosso vizinho, e podemos adivinhá-los. Desenvolvemos tanto nossas faculdades perceptivas por meio de exercícios espirituais que estão ligados numa cadeia única; e podemos detectar um sentimento de prazer e harmonia, quando existe acordo completo. O Prior, que treinou a si mesmo com o maior rigor, pode sentir se os pensamentos de alguém trilharam caminhos errados. Em alguns aspectos, ele é como

– apenas como, eu digo – o galvanômetro de um engenheiro de telefone, que mostra quando e onde a corrente foi interrompida. Portanto, não podemos ter segredos um para o outro, e assim não precisamos do confessorário. Pense em tudo isso quando confrontar o olhar inquiridor do Prior!

**ESTRANHO.** Há alguma intenção em me examinar?

**CONFESSOR.** Oh não. Existem umas poucas questões para responder sem qualquer sentido profundo antes dos exames práticos. Quietos! Aqui estão eles. *(Sai para um lado. O PRIOR entra do fundo. Está vestido completamente de branco, com capuz na cabeça. É um homem alto de longos cabelos brancos e barba branca comprida – sua cabeça se parece à de Júpiter. Sua face é pálida, mas cheia e sem rugas. Seus olhos são grandes, rodeados de sombras e sobrancelhas fortemente marcadas. Uma calma quieta, majestática reina sobre toda sua personalidade. O PRIOR é seguido por doze Padres, vestidos de preto e branco, com capuzes pretos, também levantados. Todos se inclinam diante do crucifixo e vão para seus lugares.)*

**PRIOR.** *(depois de olhar para o ESTRANHO por um momento)* O que você procura aqui? *(O ESTRANHO fica confuso e tenta encontrar uma resposta, mas não consegue. O PRIOR continua, calmamente, firmemente, mas indulgentemente.)* Paz? Não é assim? *(O ESTRANHO faz um sinal de assentimento com a cabeça e a boca.)* Mas se o todo da vida é batalha, como pode você encontrar paz entre os vivos? *(O ESTRANHO não é capaz de responder.)* Você quer dar as costas para a vida porque sente que foi injuriado, ofendido?

**ESTRANHO.** *(com a voz fraca)* Sim.

**PRIOR.** Você foi lesado, tratado injustamente? E essa injustiça começou tão cedo para você que você, uma criança inocente, não podia imaginar que cometeria qualquer crime que merecesse punição. Bem, certa vez foi injustamente acusado de roubar uma fruta, atormentado por tomar a culpa para si; torturado para contar mentiras sobre si mesmo e forçado a pedir perdão por uma falta que não havia cometido. Não foi assim?

**ESTRANHO.** *(com certeza)* Sim. Foi.

**PRIOR.** Foi, e você nunca conseguiu esquecer. Nunca, agora ouça, você tem uma boa memória; consegue se lembrar da Família Robinson?

**ESTRANHO.** *(encolhendo-se)* A Família Robinson?

**PRIOR.** Sim. Aqueles eventos que causaram em você aquela tortura mental aconteceram em 1857, mas no Natal de 1856, isto é, um ano antes de você ter rasgado uma cópia daquele livro e com medo de castigo o escondeu embaixo de um armário na cozinha. *(O ESTRANHO tem um sobressalto.)* O armário estava pintado de verde oliva, e algumas roupas estavam dependuradas na parte superior, enquanto sapatos estavam amontoados na parte inferior. Esse armário parecia enorme demais para você, pois ainda era uma

criança pequena, e não podia imaginar que ele pudesse ser movido dali; mas durante a primavera, a limpeza da Páscoa trouxe à luz o que estava escondido. O medo tomou conta de você e o levou a colocar a culpa num colega da escola. E então ele teve que sofrer castigo, porque todas as aparências apontavam contra ele, porque você era tido como absolutamente digno de confiança. A história de seus tormentos data desse acontecimento e é sua conclusão lógica. Você aceita essa lógica?

**ESTRANHO.** Sim. Castigue-me!

**PRIOR.** Não. Eu não puno; quando eu era criança eu fiz coisas semelhantes. Mas você promete agora esquecer essa história de seus próprios sofrimentos para todo o sempre e nunca a contar novamente?

**ESTRANHO.** Eu prometo! Só se ele, sobre quem levei vantagem, me perdoar.

**PRIOR.** Ele já o perdoou. Não é mesmo, Pater Isidor?

**ISIDOR.** (que era o MÉDICO na parte I, levantando-se) De todo o meu coração!

**ESTRANHO.** É você!

**ISIDOR.** Sim. Eu.

**PRIOR.** (para o Padre ISIDOR) Pater Isidor, diga uma palavra, apenas uma.

**ISIDOR.** Foi no ano de 1856 que eu sofri meu castigo. Mas ainda em 1854 um de meus irmãos sofreu do mesmo modo, devido a uma falsa acusação de minha parte. (Para o ESTRANHO.) Assim, somos todos culpados e nenhum de nós está isento de censura, e acredito que minha vítima ainda não tinha clara consciência. (Senta-se.)

**PRIOR.** Se pudéssemos parar de nos acusar um ao outro e particularmente a Justiça Eterna! Mas nascemos em pecado e todos nos assemelhamos a Adão! (Para o ESTRANHO.) Havia alguma coisa que você queria saber, não havia?

**ESTRANHO.** Eu queria saber qual o sentido mais profundo da vida.

**PRIOR.** O sentido mais profundo! Então você quer saber o que jamais foi permitido a um homem. Pater Uriel! (PADRE URIEL, que é cego, se levanta. O PRIOR fala para o ESTRANHO.) Olhe para este padre cego! Nós o chamamos de Uriel em memória de Uriel Acosta, de quem você talvez tenha ouvido falar. (O ESTRANHO faz um sinal negativo.) Não ouviu? Todos os jovens devem ter ouvido sobre ele. Uriel Acosta foi um português de origem judia, que, entretanto, foi criado na fé cristã. Quando ainda era muito jovem para perguntar – compreende – questionar se Cristo era realmente Deus, com o resultado de ele se voltar para a fé judaica. E depois começou a pesquisar nos escritos mosaicos e sobre a imortalidade da alma, com o resultado de os rabinos o levarem para o sacerdote cristão como castigo. Longo tempo depois voltou à fé judaica. Mas sua sede pelo conhecimento não tinha limites e ele continuou suas pesquisas até descobrir que o que havia encontra-

do era nulidade absoluta; e, em desespero por não poder aprender o segredo final, tirou a própria vida com um tiro de pistola. *(Pausa.)* Agora olhe para nosso bom padre Uriel aqui. Ele também esteve certa vez quando jovem muito ansioso para saber; ele sempre quis estar na frente de qualquer movimento moderno, e descobriu novas filosofias. Posso acrescentar, por falar nisso, que ele é um amigo da minha infância e tão velho quanto eu. Por volta de 1820 aproximou-se da chamada filosofia racional, que já estava enterrada havia vinte anos. Com esse sistema de pensamento, que se supunha ser uma chave, todas as fechaduras tinham que ser acionadas, todas as questões respondidas e todos os oponentes refutados – com ele tudo era claro e simples. Naquela época Uriel foi um forte oponente de todas as religiões e em particular seguiu os mesmeristas, como os hipnotizadores da época eram conhecidos. Em 1830 nosso amigo encontrou um hegeliano, embora já estivesse um pouco atrasado. Então redescobriu Deus, um Deus imanente na natureza e no homem, e considerou que era um pequeno deus ele próprio. Então, com toda sua falta de sorte, viu que havia dois Hegel, assim como dois Voltaire; e o mais antigo, ou mais conservador Hegel, desenvolveu sua Omni-divindade até que tivesse um compromisso com a visão cristã. E então padre Uriel, que nunca quis ficar atrás no tempo, se tornou um cristão racionalista, que se atribuiu a tarefa ingrata de enfrentar o racionalismo e a si mesmo. *(Pausa.)* Vou encurtar toda essa triste história. Em 1850 ele se converteu novamente num materialista e inimigo da cristandade. Em 1870 se tornou um hipnotizador, em 1880 um teósofo e, em 1890, quis se matar! Eu o encontrei justamente nessa época. Estava sentado num banco na Unter den Linden em Berlin, e estava cego. Esse Uriel estava cego – e Uriel significa “Deus é minha luz” – aquele que por um século havia marchado com a tocha do liberalismo na cabeça de todo movimento moderno! *(Para o ESTRANHO.)* Você veja, ele quis conhecer, mas falhou! E agora ele acredita. Há mais alguma coisa que você gostaria de saber?

**ESTRANHO.** Uma coisa apenas.

**PRIOR.** Fale.

**ESTRANHO.** Se o Padre Uriel tivesse se mantido em sua primeira fé em 1810, os homens o chamariam conservador ou antiquado; mas agora, como ele seguiu os desenvolvimentos de sua época e, portanto, descartou sua fé juvenil, os homens o chamam renegado, isto é, faça o que faça, a humanidade o vai censurar.

**PRIOR.** Você faz caso do que os homens dizem? Padre Clemens, posso contar a ele agora que você se preocupou com o que os homens diziam? *(PADRE CLEMENS se levanta e faz um gesto de assentimento.)* Padre Clemens é nosso maior pintor de figuras. No mundo lá fora, é conhecido por outro nome, um nome muito famoso. Padre Clemens era um jovem em 1830. Sentiu que tinha um talento para pintura e se dedicou a isso com toda a alma. Quando tinha vinte anos exibiu obras numa exposição. O público, os críticos, seus professores e seus pais foram todos da opinião de que ele cometera um erro na escolha de

sua profissão. O jovem Clemens se preocupava com o que os homens estavam dizendo, então ele abandonou o pincel e se tornou livreiro. Quando tinha cinquenta anos de idade, e uma vida atrás dele, as pinturas de seus anos jovens foram descobertas por algum estrangeiro, e foram então reconhecidas como obras-primas pelo público, pelos críticos, por seus professores e pelas pessoas de suas relações! Mas era tarde demais. E quando Padre Clemens lamentou a iniquidade do mundo, o mundo respondeu arreganhando os dentes de um modo sem coração: “Por que você se deixou possuir?” Padre Clemens ficou tão desgostoso com isso, que nos procurou. Mas ele não se aflige mais. Ou se incomoda, Padre Clemens?

**CLEMENS.** Não! Mas esse não é o fim da história. As pinturas que fiz em 1830 foram admiradas e penduradas num museu até 1880. O gosto mudou muito rapidamente, e um dia um jornal importante anunciou que a presença delas era um ultraje. Então foram banidas para o porão.

**PRIOR.** (*para o ESTRANHO*) É uma boa história!

**CLEMENS.** Mas ela ainda não terminou. Por volta de 1890 o gosto mudou novamente, e tanto, que um professor de História da Arte escreveu que era um escândalo nacional que minhas obras fossem dependuradas num porão. Então os quadros foram trazidos para cima de novo, e, pela primeira vez, são clássicos. Mas por quanto tempo? Disso tudo você pode ver, meu jovem, em que consiste a fama mundana: *Vanitas vanitatum vanitas!*

**ESTRANHO.** Então, a vida merece ser vivida?

**PRIOR.** Pergunte ao Padre Melcher, que é experiente não só no mundo da decepção e do erro, mas também no das mentiras e contradições. Siga-o: ele vai lhe mostrar a galeria de quadros, e lhe contar histórias.

**ESTRANHO.** Eu seguirei alegremente todo aquele que puder me ensinar alguma coisa. (*PATER MELCHER pega o ESTRANHO pela mão e o leva para fora do Capítulo.*)

**Cortina.**

## CENA II

### GALERIA DE QUADROS DO MOSTEIRO

[*Galeria de Quadros do Mosteiro. Há principalmente retratos de pessoas com duas cabeças.*]

**MELCHER.** Bem, primeiro temos aqui uma pequena paisagem, de um mestre desconhecido, chamada “Os dois poderes”. Talvez você tenha visto o original na Suíça se esteve lá.

**ESTRANHO.** Sim, estive na Suíça!

**MELCHER.** Exatamente. Então, perto da estação de Amsteg na ferrovia do monte Gotthard, você deve ter visto uma torre, chamada Zwing-Uri, cantada por Schiller no seu

*Guilherme Tell*. Foi erigida como monumento à cruel opressão que os habitantes de Uri sofreram nas mãos dos imperadores germânicos. Bom! No lado italiano do monte Gotthard fica Bellinzona, como você sabe. Há muitas torres para se ver ali, mas a mais curiosa é chamada Castel d'Uri. É o monumento que recorda a cruel opressão que os cantões italianos sofreram nas mãos daqueles habitantes de Uri! Agora você compreende?

**ESTRANHO.** Então liberdade significa: liberdade para oprimir outros. Isso é novo para mim.

**MELCHER.** Então vamos adiante sem mais comentários à coleção de retratos. Número um no catálogo. Boccaccio, com duas cabeças – todos os nossos retratos têm pelo menos duas cabeças. Sua história é bem conhecida. O grande homem começou sua carreira escrevendo contos dissolutos e irreligiosos, que dedicou à Rainha Joana de Nápoles, que havia seduzido o filho de Santa Brigitta. Boccaccio terminou como santo num mosteiro onde fez preleções sobre o Inferno de Dante e os demônios que, em sua juventude, ele pensava ter dominado do modo mais original. Você pode notar agora como as duas faces se encontram no olhar uma da outra!

**ESTRANHO.** Sim. Mas todo traço de humor está ausente; e o humor deve ser esperado num homem que se conhecia tão bem como nosso amigo Boccaccio.

**MELCHER.** Número dois no catálogo. Ah, sim; é o bicéfalo Doutor Lutero. O juvenil campeão da tolerância e o defensor idoso da intolerância. Falei o suficiente?

**ESTRANHO.** O bastante para entender.

**MELCHER.** Número três no catálogo. O grande Gustavo Adolfo aceitando fundos católicos do Cardeal Richelieu a fim de lutar contra o protestantismo, enquanto permanecia neutro diante da Liga Católica.

**ESTRANHO.** Como os protestantes explicam essa tríplice contradição?

**MELCHER.** Apenas dizem que não é verdade. Número quatro no catálogo. Schiller, o autor de “Os bandoleiros”, que se deparou com a liberdade da cidade de Paris pelos líderes da Revolução Francesa em 1792, mas que foi feito Conselheiro Estatal em Meiningen em 1790 e Estipendário Dinamarquês régio em 1791. A cena representa o Conselheiro Estatal – e amigo de Sua Excelência Goethe – recebendo o Diploma de Honra dos líderes da Revolução Francesa em 1798. Pense nisso, o diploma do Reino do Terror no ano de 1798, quando a Revolução atingiu todo o país sob o Diretório! Eu gostaria de ter visto o Conselheiro e seu amigo, Sua Excelência! Mas isso não importa, pois dois anos depois ele devolveu sua indicação escrevendo a “Canção do Sino”, na qual expressa seus agradecimentos e pediu aos revolucionários para ficarem calados! Bem, assim é a vida. Nós somos inteligentes e amamos tanto “Os bandoleiros” quanto a “Canção do Sino”; tanto Schiller quanto Goethe!

**ESTRANHO.** A obra fica, o mestre morre.

**MELCHER.** Goethe, sim! Número cinco no catálogo. Começa com a catedral de Estrasburgo e Götz von Berlichingen, dois hurras para a arte gótica germânica contra a arte da Grécia e de Roma. Depois ele lutou contra o germanismo e a favor do classicismo. Goethe contra Goethe! Ali você vê a calma, a harmonia etc. olímpica tradicional na maior desarmonia consigo mesma. Mas a depressão se transforma em desconforto quando a jovem escola romântica surge e combate o Goethe de *Iphigenia* com teorias extraídas do *Goetz* de Goethe. O fato de o “grande pagão” terminar por converter *Fausto* na Segunda Parte, e lhe permitir ser salvo pela Virgem Maria e pelos anjos, frequentemente passa batido sob o silêncio de seus admiradores. Também o fato de que um homem de tão clara visão pudesse, no fim de sua vida, ter considerado tudo tão “estranho” e ‘curioso”, mesmo o mais simples fato que tivesse visto anteriormente. Seu último desejo foi por “mais luz”! Sim, mas isso não importa. Somos pessoas inteligentes e amamos nosso Goethe do mesmo modo.

**ESTRANHO.** E corretamente.

**MELCHER.** Número seis no catálogo. Voltaire! Ele tem mais de duas caras. O Infiel, que passou a vida defendendo Deus. O Gozador, que era motivo de pilhéria porque “acreditava em Deus feito uma criança”. O autor do cínico *Candide*, que escreveu: “Na juventude, fui a fundo em prazeres / Dos sentidos, mas aprendia / Que sua doçura era ilusão / Que em amargor se convertia. / Na velhice percebi de verdade / Que a vida é nada, só vaidade.” Dr. Sabe-tudo, que pensava que podia apreender tudo que existe entre o céu e a terra por meio da razão e da ciência, diz o seguinte, quando chega ao fim da vida: “Pensei ter visto no conhecimento / Uma luz que me guiava o caminhar; / Mas ainda perambulo no escuro / Todo o conhecido logo deve desabar. / Ignorância, a ti meu cumprimento! / É só vaidade o conhecimento.” Mas não importa! Voltaire pode ser usado de vários modos. Os judeus o usam contra os cristãos, e os cristãos o usam contra os judeus, porque ele será antissemita, como Lutero. Chateaubriand o usou para defender o catolicismo, e os protestantes o usam para atacar o catolicismo. Ele foi um bom camarada!

**ESTRANHO.** Então, essa é sua visão?

**MELCHER.** Não temos visões aqui, temos fé; como já lhe disse. E é por isso que só temos uma cabeça – colocada exatamente sobre o coração. (*Pausa.*) Mas veja agora o número sete no catálogo. Ah, Napoleão! A criação da própria Revolução! O Imperador do Povo, o Nero da Liberdade, o supressor da Igualdade e o ‘grande irmão’ da Fraternidade. É o mais esperto de todos esses seres bicéfalos, pois podia rir de si mesmo, erguer-se acima de suas próprias contradições, mudar sua pele e sua alma, e ainda ser perfeitamente explicável para si mesmo em toda transformação – convicto e autojustificado. Há apenas um outro homem que pode ser comparado a ele, Kierkegaard, o dinamarquês. Desde o começo esteve consciente da partenogênese de sua alma, cuja capacidade de multiplicação com a assunção de recortes era equivalente a um novo nascimento nesta vida sem concepção.

E por essa razão, e para não ficar louco, escreveu sob vários pseudônimos, cada um dos quais constituiu uma fase de seu trem de vida. Mas você compreende isso? O Senhor da Vida, a despeito de todas as precauções, fazer de si mesmo um louco no fim das contas. Kierkegaard, que lutou toda a vida contra o sacerdócio e os pregadores profissionais da Santa Igreja, foi finalmente forçado pela necessidade a se tornar pregador profissional! Oh sim! Essas coisas acontecem.

**ESTRANHO.** Os Poderes que traçam trapaças...

**MELCHER.** Os Poderes traçam trapaças nos trapaceiros, e iludem os arrogantes, particularmente os que acreditam que só eles possuem a verdade e o conhecimento! Número oito no catálogo. Victor Hugo. Ele se quebrou em partes sem conta. Era um par de França, um Grande de Espanha, amigo de reis, e o autor socialista de *Os Miseráveis*. Os pares naturalmente o tacharam de renegado, e os socialistas de reformador. Número nove. Conde Friedrich Leopold von Stollberg. Escreveu um livro fanático para os protestantes e depois repentinamente se tornou católico! Inexplicável num homem de sensibilidade. Um milagre, eh? Uma pequena viagem a Damasco, talvez? Número dez. Lafayette. O heróico defensor da liberdade, o revolucionário, que foi forçado a deixar a França como um suspeito reacionário, porque quis ajudar Louis XVI; e depois foi capturado pelos austríacos e levado para Olmütz como revolucionário! O que ele era na realidade?

**ESTRANHO.** Ambas as coisas!

**MELCHER.** Sim, as duas. Ele tinha duas metades que faziam um inteiro – um homem íntegro. Número onze. Bismarck. Um paradoxo. O diplomata honesto, que afirmava que dizer a verdade era o maior dos estratagemas. E depois foi compelido – pelos Poderes, suponho – a gastar os últimos seis anos de sua vida como mentiroso consciente. Você está cansado. Então vou parar agora.

**ESTRANHO.** Sim, se alguém se apegar às mesmas ideias durante toda a vida, e manifesta as mesmas opiniões, então fica velho de acordo com as leis da natureza, e é chamado de conservador, antiquado, fora de moda. Mas se se desenvolve, caminha a passo com sua idade, renovando-se com os eternamente jovens impulsos do pensamento contemporâneo, então é chamado de vacilante e renegado.

**MELCHER.** Isso é tão velho como o mundo! Mas um homem inteligente se preocupa com o modo como é chamado? Cada um é aquilo em que se torna.

**ESTRANHO.** Mas quem revisa as visões periodicamente mutáveis da opinião contemporânea?

**MELCHER.** Você devia responder isso você mesmo, e na seguinte direção. São os próprios Poderes que promulgam a opinião contemporânea, tal como se desenvolvem em círculos aparentes. Hegel, o filósofo do presente, ele mesmo bimorfo, pois sempre se pode citar um Hegel de mão esquerda e outro de mão direita, é quem melhor explicou as contradições da

vida, da história e do espírito com sua própria fórmula mágica. Tese: afirmação; Antítese: negação; Síntese: compreensão! Homem jovem, ou antes, relativamente jovem homem! Você começou sua vida aceitando tudo, depois continuou negando tudo por princípio. Agora termina sua vida compreendendo tudo. Ser exclusivo – nunca mais. Não diga: ou – ou não só – mas também! Numa palavra, ou antes duas: Humanidade e Resignação!

**Cortina.**

## CENA III

### CAPELA DO MOSTEIRO

[*Coro da capela do mosteiro. Um ataúde aberto com um manto de esquiife e duas velas acesas. O CONFESSOR traz pela mão o ESTRANHO, que está vestido com camisa branca de noviço.*]

**CONFESSOR.** Você considerou cuidadosamente o passo que quer dar?

**ESTRANHO.** Muito cuidadosamente.

**CONFESSOR.** Não tem mais perguntas a fazer?

**ESTRANHO.** Perguntas? Não.

**CONFESSOR.** Então fique aqui, enquanto vou buscar o capítulo e os padres e os irmãos, para que o ato solene possa começar.

**ESTRANHO.** Sim. Vou esperar. (*O CONFESSOR sai. O ESTRANHO, sozinho, mergulha em pensamentos.*)

**TENTADOR.** (*vindo para a frente*) Está pronto?

**ESTRANHO.** Tão pronto, que não tenho nenhuma pergunta a lhe fazer.

**TENTADOR.** Na beira do túmulo, eu entendo! Você tem que se deitar em seu caixão e parecer que está morto; o velho Adão será coberto com três punhados de terra e um *De Profundis* será cantado. Depois você vai se erguer novamente dos mortos, tendo abandonado seu antigo nome, e será batizado outra vez como uma criança renascida. Como você quer ser chamado? (*O ESTRANHO não responde.*) Está escrito: João, irmão João, porque ele pregou no deserto e...

**ESTRANHO.** Não me perturbe.

**TENTADOR.** Fale comigo um pouco, antes de partir para o longo silêncio. Não lhe será permitido falar por um ano inteiro.

**ESTRANHO.** Melhor assim. No fim das contas falar se torna um vício, como beber. E por que falamos, se as palavras não vestem pensamentos?

**TENTADOR.** Você na beira do túmulo... A vida foi tão amarga?

**ESTRANHO.** Sim. Minha vida foi.

**TENTADOR.** Você nunca conheceu nenhum prazer?

**ESTRANHO.** Sim, muitos prazeres; mas eles foram muito breves e pareciam apenas existir a fim de a dor de sua perda se tornar mais aguda.

**TENTADOR.** Poderia dizer isso de outra maneira: a dor existe para fazer a alegria mais aguda?

**ESTRANHO.** Pode ser dito de qualquer maneira. *(Uma mulher entra com uma criança para ser batizada.)*

**TENTADOR.** Olhe! Um pequeno mortal, que está para ser consagrado ao sofrimento.

**ESTRANHO.** Pobre criança!

**TENTADOR.** Uma história humana, que está para começar. *(Um casal de noivos atravessa o palco.)* E ali – o que há de mais amável e mais amargo. Adão e Eva no Paraíso, que em uma semana vai ser o Inferno, e na noite seguinte novamente o Paraíso.

**ESTRANHO.** O que é mais amável, mais brilhante! O primeiro, o único, o último que sempre deu sentido para a vida! Eu, também, me sentei numa varanda ao por do sol na primavera perto da primeira árvore a mostrar os novos brotos verdes e uma pequena coroa coroou uma cabeça, e um véu branco como a neblina da manhã sobre um rosto... que não era o de um ser humano. Então veio a escuridão!

**TENTADOR.** De onde?

**ESTRANHO.** Da própria luz. Não sei mais.

**TENTADOR.** Só podia ter sido uma sombra, pois a luz é necessária para se fazer sombras, mas para a se fazer a escuridão não se precisa de luz.

**ESTRANHO.** Pare! Ou então nunca vamos chegar ao fim. *(O CONFESSOR e o CAPÍTU-LO surgem em procissão.)*

**TENTADOR.** *(desaparecendo)* Adeus!

**CONFESSOR.** *(avançando com um grande manto de esquife)* Senhor! Dê a ele a paz eterna!

**CORO.** Possa ele ser iluminado pela luz perpétua!

**CONFESSOR.** *(envolvendo o ESTRANHO com o manto)* Repouse em paz!

**CORO.** Amém!

**Cortina.**

**FIM**